

Setembro, 2009  
IV Série  
Nº 16  
Trimestral

# MACAU

Revista



## A DOCI PAPIAÇAM DE MACAU

Visita aos bastidores do teatro em patuá

### QUEM É CHUI SAI ON

O perfil do novo  
Chefe do Executivo

### EDITH SILVA

Trinta anos de trabalho  
na Educação

### À PROCURA DE MENGMEI

Recriação da ópera  
“O Pavilhão das Peónias”

# 收藏

## 澳門郵票



*Coleccione Selos de Macau*  
*Collect Macao's Stamps*



澳門議事亭前地  
 Largo do Senado, Macau

電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491  
 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603  
 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo  
 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



齊齊心意 助拓商貿  
 Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

---

**Director**

Victor Chan Chi Ping

**Director Executivo**

Louie Wong Lok I

**Editor Executivo**

Fernando Sales Lopes

**Propriedade**Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau**Endereço**Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau  
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426  
e-mail: info@gcs.gov.mo

---

**Produção, Gestão e Distribuição**

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

**Editor**

Luís Ortet

**Coordenadora Editorial**

Joyce Pina

**Direcção Gráfica**

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte &amp; Comunicação

**Colaboraram nesta edição**António Falcão (fotografia), António-Mil Homens  
(fotografia), Augusto Vilela, Dulce Dias, Gilberto Lopes,  
Isabel Castro, José Manuel Simões, Joyce Pina, Luís Ortet,  
Maria João Belchior, Marta Curto, Rui Rasquinho (ilustração)  
e Salvador Esteves (fotografia)**Administração, Redacção e Publicidade**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E

Edif. Centro Comercial "First International"

14º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

**Impressão**

Tipografia Welfare, Macau

**Tiragem**

3 000 exemplares

**ISSN: 0871-004X**

---

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00  
■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1.602.00 ■ MACAU: MOP 30.00  
■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50  
■ S.TOMÉ e PRÍNCIPE: STD 56.400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00  
■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00**Revista MACAU**

Setembro 2009

**E**m termos políticos, o mês de Agosto ficou marcado pela formalização da escolha de Chui Sai On, antigo secretário do Governo para os Assuntos Sociais e a Cultura, para o cargo de Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a partir de 20 de Dezembro.

Como consequência de limitações impostas pela Lei Básica da RAEM, o Chefe do Executivo não pode cumprir mais do que dois mandatos consecutivos. Assim, Edmund Ho, que foi eleito como primeiro Chefe do Executivo por uma Comissão de Selecção, em 1999, vai agora passar o testemunho a um dos seus mais directos colaboradores dos últimos dez anos.

A sucessão de Edmund Ho gerou considerável expectativa em Macau mas acabou por ficar decidida a 26 de Julho, numa votação no seio da Comissão Eleitoral, em que 282 dos 300 membros do colégio eleitoral escolheram Chui Si On, único candidato, para futuro Chefe do Executivo.

A Comissão Eleitoral, que escolhe o Chefe do Executivo, é composta por membros dos diversos sectores de actividade de Macau, como o industrial, o comercial, o financeiro, o cultural e o profissional, entre outros, e ainda representantes dos deputados à Assembleia Legislativa de Macau, deputados à Assembleia Popular Nacional da China e representantes dos membros de Macau no Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês.

Após a eleição, como noticiamos nesta edição, Chui Sai On foi a Pequim receber, das mãos do primeiro-ministro Wen Jiabao, o decreto de nomeação pelo Conselho de Estado. Wen sublinhou que o Governo Popular Central continuará comprometido com os princípios "um país, dois sistemas" e "Macau governada pelas suas gentes com alto grau de autonomia" com vista a manter a prosperidade e a estabilidade da região administrativa especial.

O Chefe do Executivo indigitado foi ainda recebido pelo Presidente da República Hu Jintao, que se congratulou com o "sucesso da região administrativa especial" e afirmou que "a união da população e do Governo de Macau permitirá cumprir a missão e abrir uma nova página na história da Região". ■

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.





Pequim de vermelho



Fotografia: Manuel Correia

## ■ POLÍTICA

**Ouvir para governar, 6**  
**Propostas para o futuro, 11**  
*Gilberto Lopes*

## ■ VIDA

**A senhora Educação, 16**  
*Gilberto Lopes*

## ■ DIPLOMACIA

**O posto de Xangai é uma criança desejada, 28**  
*Dulce Dias*

## ■ COMUNIDADE

**Teatro em “língua doce”, 34**  
*Joyce Pina*

## ■ MEMÓRIA

**Nuno Barreto, o pintor para além das telas, 52**  
*Isabel Castro*

## ■ ÍCONES

**Seda e a história de um segredo, 58**  
*Maria João Belchior*  
**A medida certa, 70**  
*Joyce Pina*

## ■ RECREAÇÃO

**O Pavilhão das Peónias, 79**  
*Marta Curto*

## ■ GENTES I

**“Tenho a missão de expandir a língua portuguesa”, 86**  
*José Manuel Simões*

## ■ GENTES II

**O homem que se apaixonou pela China verde, 90**  
*Marta Curto*

## ■ COOPERAÇÃO

**Nova era na cooperação luso-chinesa, 97**  
*Augusto Vilela*  
**Guangdong marca presença no Brasil, 100**  
*Luís Ortet*

■ **FESTIVAL DE MÚSICA DE MACAU, 102**

## CAPA | O MAKING OF LETRADO CHAPADO



A representação da peça em patuá “Letrado Chapado, Patrono de Gema”, desta vez no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau, marcou um momento alto dos esforços recentes para a preservação do antigo crioulo macaense. De caneta e máquina fotográfica em punho, a revista MACAU acompanhou o trabalho de preparação da peça.

# P34

## EDITH SILVA



Foi professora, directora de serviços, deputada e, finalmente, directora da Escola Portuguesa de Macau, desde a fundação desta instituição de ensino, em 1998. Edith Silva, uma macaense que domina, nas formas escrita e falada, as duas línguas oficiais do território, esteve desde sempre ligada à área da Educação, de que é uma figura de referência.

# P16

## O HOMEM DE XANGAI



Joaquim Moreira de Lemos assume este mês funções como cônsul-geral de Portugal em Xangai. Fá-lo nas vésperas da Exposição Universal de Xangai, que se realiza no próximo ano. O diplomata chegou com bagagens de projectos de projectos e um optimismo a toda a prova.

# P28

## O FANTASMA DO AMOR



Por ter morrido de mal de amor, um fantasma “famin-to”, “mora” no Terraço Panorâmico, de onde espreita os vivos sem a eles se poder juntar. Esse espírito de mulher perdido entre dois mundos recorda a sua própria morte e busca eternamente o amor e o seu Mengmei. A ópera “O Pavilhão das Peónias” recriada nas páginas da MACAU.

# P79

## SECÇÕES

- INSTANTE, 2-3
- ACONTECEU/JUNHO, 54-57
- ACONTECEU/JULHO, 94-95
- ACONTECEU/AGOSTO, 96
- CARTAZ, 112-125
- RETRATO, 126-127

# Macau 2008

## Livro do Ano

MACAU 2008 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2008 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



---

As edições em línguas portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e sucursal da "The Commercial Press (HK) Ltd" ou, ainda, no Centro de Informações ao Público, na Rua do Campo e na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos Serviços de Correios do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa e Imprensa Oficial (Sede); e em Hong Kong na Commercial Press (HK) Ltd e Cosmos Books Ltd.



Gilberto Lopes (texto) e António Mil-Homens (fotos)

## Ouvir para governar

**D**epois de dez anos no Governo, Fernando Chui Sai On vai liderar a RAEM. Homem reservado, meticuloso, trabalhador incansável, amigo da família, gosta de ouvir antes de decidir. Assim o definem os colaboradores e os que há anos convivem com o futuro Chefe do Executivo





Membro de uma das famílias mais influentes de Macau, Fernando Chui Sai On vai assumir o cargo de Chefe do Executivo da região administrativa especial, sucedendo ao seu amigo e primeiro líder da RAEM, Edmund Ho.

Depois de dez anos no Governo, o antigo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura simboliza uma clara aposta na continuidade, como é unanimemente reconhecido em Macau.

O sobrinho do antigo vice-presidente da Assembleia Legislativa, Chui Tak Kei, há muito tempo que se vinha preparando para as funções que vai desempenhar a partir de Dezembro, mas foi no último ano e meio, que o seu nome começou a ser falado como o mais provável sucessor de Edmund Ho.

O apoio de Macau à província de Sichuan, na sequência do terramoto que vitimou milhares de pessoas, foi liderado por Fernando Chui Sai On, o que foi lido por vários analistas como um sinal claro de que estava a caminho do mais alto cargo da RAEM.

O anúncio da candidatura, a 25 de Maio, veio confirmar o que há muitos meses se comentava nos bastidores da vida política local. “A minha confiança e a minha decisão de candidatura eleitoral têm raízes no meu profundo sentimento de amor à Pátria e à terra de Macau, de um chinês nascido e crescido nesta terra”, disse na conferência de imprensa, em que divulgou a candidatura e a demissão das funções que exercia desde Dezembro de 1999. “Compreendo profundamente que o fortalecimento, a prosperidade e a reunificação da Pátria estão estreitamente ligados ao destino de Macau. Estou sinceramente agradecido a Macau pelo que me deu”.

### **Estudante nos EUA com 16 anos**

Nascido em Macau, em Janeiro de 1957, Fernando Chui Sai On é filho de um irmão de Chui Tai Kei, durante décadas figura influente da comunidade chinesa de Macau. O seu irmão, Chui Sai Cheong, é um importante empresário de Macau e deputado eleito pelo sufrágio indirecto. O primo Chui Sai Peng é deputado nomeado.

Depois de concluir o ensino secundário na Escola Ling Nam, partiu, com 16 anos, para os Estados Unidos da América, onde se licenciou, com distinção, em Gestão de Sanidade Urbana, pela Universidade Estadual da Califórnia de Sacramento. Antes de regressar à sua terra, fez o mestrado e o doutoramento em Gestão de Saúde Pública, na Escola de Saúde Pública de Oklahoma.

Em 1984 começa a trabalhar e funda a clínica de análise Chui's, que durante anos funcionou na avenida coronel Mesquita. Ao longo da sua carreira, tem desempenhado vários cargos nos campos da saúde e assistência social. Foi chefe do departamento de medicina e saúde da Associação de Beneficência Tong Sin Tong e vogal da sua direcção, director executivo da Associação de Beneficência do Hospital Kiang Wu, membro do Conselho de Administração do Fundo do

Banco de Olhos de Macau.

Na área da educação, foi director da Escola Kiang Peng e da Escola de Formação Profissional Kiang Peng. Dada a sua experiência foi escolhido por Edmund Ho, em 1999, para tutelar as áreas da saúde e da educação, além da cultura, do turismo e do desporto, o que levou muitas pessoas a apelidá-lo de super-secretário. A sua nomeação foi, de resto, entendida como natural, já que era um perfeito conhecedor de algumas dos sectores que passou a dirigir, além de ser muito próximo do primeiro líder da RAEM.

“Conheço Edmund Ho há muitos anos, trabalhamos juntos em muitas instituições, como o hospital Kiang Wu, a Associação Tong Sing Tong e a Assembleia Legislativa, mas não esperava integrar o Governo”, disse na altura, acrescentando que era o momento certo (Dezembro de 1999) para assumir funções em Macau, “pois vamos viver um momento histórico”.

Dez anos depois, chega ao mais alto cargo da região administrativa especial. Dos 300 membros que integram o colégio eleitoral, 286 apoiaram a sua candidatura e, a 26 de Julho, obteve 282 votos a seu favor.

### **Bom filho e bom coração**

“É uma pessoa culta, amigo dos seus amigos, um bom filho”, conta um membro da comunidade portuguesa de Macau, que há dezenas de anos convive com Fernando Chui Sai On e família.

Pacato, “nunca gostou de ir para a rua jogar futebol ou frequentar festas”, estudioso, modesto, reservado e metuculo. É desta forma que muitos amigos o definem, embora alguns admitam que a postura “mais fechada” pode ser uma maneira de se resguardar, sobretudo nestes dez anos em que exerceu funções governativas.

“Não é propriamente uma pessoa expansiva, mas tem grande sensibilidade, gosta de ouvir e privilegia o diálogo. Presta atenção, tira apontamentos e tem uma boa capacidade de síntese. Apanha os

pontos essenciais e exprime-se sempre de forma clara, faz passar a sua mensagem”, nota, por seu turno, um dirigente da Administração Pública, que tem trabalhado com o futuro líder de Macau.

“Encarna as várias dimensões de Macau, a verdadeira alma de Macau”, nota um antigo colaborador. “É muito solidário com o Governo, coloca sempre os interesses do Governo em primeiro lugar, mas é um pouco centralizador, gosta que todas as decisões passem por si”, sublinha, frisando que é um profissional competente e perspicaz.

Tem “um raciocínio rápido, é arguto”, nota outro dos seus colaboradores. “Pela forma de ser não dá a ideia de ter pulso forte, mas tem boa capacidade de resposta e resolve os problemas com facilidade”, sublinha outro dirigente da Administração Pública. “Privilegia a competência, transmite autoconfiança a quem com ele trabalha, gosta de desenvolver as aptidões e a capacidade dos seus colaboradores”, acentua. “Não cultiva o erro, incentiva as pessoas a progredir e a trabalhar com eficácia”.

Embora tenha a imagem de reservado, distante, pouco falador, no privado tem piada e gosta de soltar umas gargalhas, sublinha outro membro da comunidade portuguesa, que com ele tem privado. “Alguma timidez em público é, provavelmente, um mecanismo de defesa”, argumenta.

## Aprender português

Calmo, “não é homem expansivo”, tem mantido um

bom relacionamento com os subordinados, “procurando resolver os problemas que aparecem, designadamente os de saúde”, realça um dos quadros da Administração Pública com quem a **MACAU** falou. “É afável e de trato fácil”, observa, acrescentando que “gosta de trabalhar em equipa, aceita as críticas, mas não gosta de introduzir mudanças no gabinete ou nas direcções que tutela”.

Quando fala de saúde, a sua sensibilidade nota-se. Durante a crise da pneumonia atípica chegou a dizer que “o mais importante era salvar as vidas humanas. As questões económicas podiam ficar para segundo plano”. É “um homem de bom coração”, opinião corroborada por quem o conhece desde criança.

Casado com Winnie Fok, sobrinha do magnata de Hong Kong, Henry Fok, tem uma filha adoptada. Gosta de nadar, de jogar ténis e ir às compras com a família, o que nos últimos anos fez cada vez

menos, por manifesta falta de tempo. É

apreciador de

comida portuguesa,

chegou a frequen-

tar com regulari-

dade restaurantes

portugueses de

Macau. Noutros

tempos era tam-

bém visto a fazer *jogging*





na Colina da Penha e é apreciador de espectáculos culturais, embora não seja presença frequente nas salas da RAEM. Nos nove anos em que desempenhou funções no Executivo de Edmund Ho, na véspera do Ano Novo Chinês, convidou sempre os membros das direcções que dirigiu e os respectivos cônjuges para o tradicional jantar/almoço de Primavera. Chegou a confessar que tinha pena de não saber português e prometeu aprender a língua de Camões, quando tivesse tempo, o que não sucederá nos próximos anos. Nas reuniões de trabalho, quando quer passar claramente a mensagem, utiliza o chinês e pede tradução para os colaboradores que não dominam o cantonês. Mas muitas vezes a língua de trabalho é o inglês. Nas visitas que fez, antes da eleição para o cargo, à Associação Promotora dos Macaenses (APIM), Associação de Pensionistas e Aposentados de Macau (APOMAC), Associação dos Macaenses, Santa Casa da Misericórdia e Casa de Portugal prometeu continuar a apoiar as associações de matriz portuguesa, cujo trabalho tem sido importante, notou, para o êxito da RAEM.

“Os portugueses são parte importante e integrante da sociedade. Os portugueses residentes em Macau continuam a desempenhar um papel de ponte, de intercâmbio e cooperação entre a China e o Ocidente”, disse na reunião que, no Clube Militar, juntou muitos membros da comunidade portuguesa. Fernando Chui Sai On disse que pretende trabalhar de “mãos dadas com a comunidade portuguesa para conseguir um futuro mais brilhante para Macau”.

### **Deputado durante uma Legislatura**

Na década de 90, foi deputado na 5ª Legislatura (1992-1995). Em 1996, falhou a reeleição para a Assembleia Legislativa. A lista que integrou elegeu apenas o deputado Tong Chi Kin. Nessas eleições, o agora comissário contra a Corrupção, Cheong U, fazia também parte da lista da

União para o Desenvolvimento (Frente Eleitoral da União Geral dos Operários). Antigo presidente da Associação dos Jovens Empresários de Macau (Jaycees) e presidente honorário da Associação de Enfermagem de Macau, foi vogal executivo da Federação da Juventude da China e vice-presidente honorário da Associação de Medicina Preventiva Chinesa, além de escuteiro-subchefe da Associação dos Escuteiros de Macau.

É, acima de tudo, o homem da continuidade, “a única pessoa que pode garantir uma passagem de testemunho suave”, assegura Manuel Silvério, que nos primeiros dez anos da RAEM trabalhou com Fernando Chui Sai On em projectos tão importantes como os Jogos da Ásia Oriental, os Jogos da Lusofonia e os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto.

O antigo homem-forte do desporto de Macau realça o conhecimento do terreno que tem o futuro Chefe do Executivo. “Vamos assistir a mudanças, à transformação para melhor do território. Conhece por dentro algumas áreas sensíveis, que são fundamentais para o bem-estar da população. Conhece também a vida das associações, que continua a ser muito importante em Macau”, acrescenta, Manuel Silvério está, de resto, convencido de que Fernando Chui Sai On vai apostar numa maior internacionalização de Macau. “É um homem de cabeça aberta, que gosta de pensar em projectos inovadores. Sabe utilizar os meios que tem ao seu alcance para produzir trabalho”, argumenta. O antigo deputado Jorge Fão reconhece que se trata de um bom profissional e de um bom político. “Tem um feitio reservado, gosta de ouvir antes de decidir, mas a palavra final é sempre a sua”, adianta. “É uma pessoa séria, amigo da comunidade portuguesa. As relações com os portugueses são, de resto, uma questão nacional, uma política traçada pelo governo central”, sublinha Jorge Fão.

Apesar da evolução na carreira política, gosta de levar uma vida simples e tem mantido as amizades, garante quem o conhece há muitos anos. ■

# Propostas para o futuro

Hospital em COTAI, mais investimento público, aposta nas indústrias culturais e no segmento das exposições e convenções, consulta pública sobre o sufrágio universal, combate à corrupção e uma Administração limpa. São algumas das propostas de Fernando Chui Sai On para o futuro da RAEM

Fernando Chui Sai On vai apostar na continuidade e na inovação, com o objectivo de “construir uma sociedade harmoniosa”, já que todas as camadas sociais devem beneficiar com as políticas que vão ser implementadas. “Utilizaremos mais recursos para garantir cuidados de saúde, a educação, a assistência social e a prestação de serviços comunitários, bem como outras políticas destinadas a beneficiar a vida dos cidadãos, além de tomarmos medidas diversificadas para prestar ajuda económica aos residentes com menos recursos, a fim de

atender efectivamente às necessidades de vida dos grupos mais vulneráveis e construir uma rede social mais perfeita e mais segura”, defendeu na apresentação da plataforma de candidatura.

Depois de reconhecer o apoio que o Governo Central tem dado à RAEM e destacar o trabalho desenvolvido por Edmund Ho, o futuro líder de Macau apontou como uma das suas principais preocupações a crise económica global.

O próximo Governo vai ampliar os investimentos em obras públicas, estimular e fomentar os investimentos privados, dar mais oportunidades de emprego aos residentes, apoiar as pequenas e médias empresas e estudar a criação do fundo de desemprego.

Relativamente à importação de mão-de-obra, o Chefe do Executivo eleito admite dificuldades na gestão dos trabalhadores não residentes (mais de 80 mil). “Se faltam quadros qualificados podemos importar, mas temos de fazer uma avaliação integral para analisar a política de imigração”, preconizou.

## Aposta no turismo e convenções

A formação dos desempregados de meia-idade e dos jovens e a reconversão profissional dos trabalhadores vão ser reforçadas. A diversificação económica deve ser, de resto, um dos pontos fortes da sua actuação à frente dos destinos da RAEM.

“O desenvolvimento sustentável e a estabilidade da Região dependem inevitavelmente da adequada diversificação económica”, defendeu, apontando como

Marcha para o “Transporte da Chama da Unificação dos Jogos da Ásia Oriental”. Chui Sai On recebe o testemunho de Edmund Ho em Janeiro de 2005





metas o reajustamento da dimensão e funcionamento da indústria do jogo, a exploração mais alargada e rica do sector turístico e cultural e a aposta no desenvolvimento das convenções e exposições (MICE).

O antigo secretário dos Assuntos Sociais e Cultura quer que Macau eleve a qualidade do turismo, de modo a tornar-se num centro turístico e recreativo a nível internacional. No âmbito das convenções e exposições, projecta a criação de um fundo estratégico para o seu desenvolvimento e a criação de uma instituição exclusivamente dedicada à gestão deste segmento, além da instalação de uma base de dados.

Explorar os recursos culturais e desenvolver a indústria cultural pode contribuir para a diversificação económica, preconizou. Nesse sentido, pretende apostar na construção de um parque da indústria cultural de Macau, “para fazer amplo uso do património cultural mundial de Macau e dos recursos históricos e culturais chineses e ocidentais”.

No sector do jogo, adverte que “é necessário rever e melhorar, com seriedade e prudência, os diplomas legais, estabelecer um mecanismo regulador da concorrência. Uma das questões que vai estar, certamente, em análise é a questão do imposto do jogo, que os operadores consideram elevado.

## Hospital em Cotai

Fernando Chui Sai On, que apresentou a política social como “o núcleo da governação”, prometeu avançar com a construção de um hospital público em COTAI e alargar o sistema de segurança social, que agora deixa de fora mais de 20 mil residentes. A criação de um Conselho Médico e um Conselho para os Assuntos dos Enfermeiros foi sugerida pelo futuro líder de Macau. A habitação social será outra das suas preocupações, assim como a protecção ambiental. A criação de um Conselho para os Assuntos de Habitação foi anunciado, uma vez que “a atribuição

de casas aos candidatos em lista de espera é uma medida prioritária, a que se seguirá o estudo da oferta e procura para a construção de mais habitações”.

O combate à corrupção e assegurar uma “Administração limpa” integram também os objectivos prioritários de novo Chefe do Executivo. “Estamos conscientes de que a corrupção e a degradação constituem grandes ameaças e impactos negativos ao progresso social, ao crescimento económico, à legalidade e ao sistema de competição justa, bem como graves distorções e deteriorações dos valores sociais estabelecidos com base na integridade, bondade, igualdade e racionalidade”, pode ler-se na plataforma de candidatura. Para alcançar este desiderato, o próximo Governo apostará na reforma do regimento administrativo, numa melhor transparência da Administração. O Comissariado contra a Corrupção e o Comissariado de Auditoria vão ter um importante papel de supervisão.

“É necessário melhorar a capacidade e o entusiasmo de participação dos residentes na gestão dos assuntos públicos, para que esta participação seja positiva, racional e progressiva”, disse, sublinhando que o sistema de consultas públicas deve ser melhorado. O Governo “deve estabelecer um mecanismo de reacção rápida e eficaz para garantir respostas atempadas e eficientes às solicitações da comunidade, salvaguardar e promover ainda mais a liberdade de imprensa e de expressão, de forma a serem desenvolvidas plenamente as funções de críticas e propostas da opinião pública. É preciso promover progressivamente o desenvolvimento da política democrática da RAEM”.

## Consulta pública sobre sufrágio universal

Relativamente ao desenvolvimento do sistema político, prometeu avançar com uma consulta pública. Depois de recordar o que está estipulado na Lei Básica, disse que “para implementar esta democratização temos de conhe-

cer a vontade da população, pelo que assumo a promessa de fazer uma consulta pública e inquérito junto da população para ver qual é a corrente predominante nesta matéria”.

Quanto ao sufrágio universal, admitiu que o processo vai ser longo, frisando que “o mais importante é alcançar um consenso generalizado entre a população. Uma sociedade justa e democrática é o objectivo de todos. Temos de promover, de maneira estável e progressiva, o desenvolvimento da democracia e da legalidade, acelerando o processo de continuidade e de inovação, para os residentes de Macau dominarem o próprio destino e criarem o seu próprio futuro.”

O diploma sobre a responsabilização dos titulares dos principais cargos políticos deverá avançar nos primeiros meses do seu mandato. “Se for eleito assumo a promessa de definir um regime rigoroso de responsabilização dos altos funcionários”, notou.

A reforma jurídica foi apresentada como uma das prioridades do próximo Governo. Admitiu a nomeação de advogados e profissionais qualificados em Direito para magistrados, com o objectivo de “optimizar a equipa de magistrados e incrementar a coesão dos profissionais do sector”.

Na reunião que manteve com os advogados de Macau, durante o período de campanha eleitoral, anunciou a revisão do modelo de funcionamento da Comissão de Indigitação de Juizes e a reestruturação do ensino do Direito. “Concordo com a revisão do funcionamento desta comissão, uma vez que já trabalha há tanto tempo sem nunca ser sujeita a uma avaliação da sua eficácia e dos seus candidatos”, afirmou, adiantando que “com alguns acertos poder-se-á aumentar a transparência do seu funcionamento”.

O eleito Chefe do Executivo reconheceu também que o modelo de ensino da Faculdade de Direito da Universidade de Macau está desactualizado. “Passado dez anos a missão foi cumprida e esta é

a altura oportuna para responder à sua reestruturação, com apoio e investimento”, precisou.

Criar uma reserva financeira e aperfeiçoar o mecanismo de controlo financeiro foram outras medidas anunciadas por Fernando Chui Sai On, que quer participar activamente na exploração da ilha da Montanha. Com a construção do novo *campus* da Universidade de Macau na Ilha da Montanha, Macau “deve transformar a ilha num importante quintal de apoio para fomentar o desenvolvimento diversificado de Macau”.

Aos professores deixou também a promessa da revisão da carreira. Diz conhecer bem os problemas do sector - já foi director de uma escola - considera que “é preciso optimizar a educação básica e promover activamente o desenvolvimento educacional de Macau”.

O reforço da cooperação com os países de língua portuguesa, a União Europeia e a ASEAN é também preconizada, assim como, uma maior integração regional.

## De mãos dadas com os portugueses

O agora eleito Chefe do Executivo manteve vários contactos com as associações de matriz portuguesa e participou num encontro no Clube Militar com membros da comunidade portuguesa. Fernando Chui Sai On deixou, de resto, a garantia de que pretende trabalhar de “mãos dadas com a comunidade portuguesa para conseguir um futuro mais brilhante para Macau”. Os portugueses residentes em Macau “continuam a desempenhar um papel de ponte de intercâmbio e cooperação entre a China e o Ocidente. Os portugueses residentes em Macau são parte importante e integrante da sociedade”.

Na parte final da plataforma de candidatura, Fernando Chui Sai On diz estar “profundamente consciente de que o futuro é brilhante, o caminho é longo e sinuoso, e a responsabilidade é pesada”. ■

# Revista **MACAU**

COLECÇÕES ANUAIS ENCADERNADAS

[2005 **2006**] [2006 **2007**] [2007 **2008**]





Gilberto Lopes

# A senhora Educação

Quando entrou nos Serviços de Educação, a convite do amigo Jorge Rangel, pensava regressar ao que mais gosta de fazer: dar aulas. Mas a sua vida profissional acabaria por mudar em 1982, quando aceitou chefiar a divisão de apoio ao ensino par-

titular. “Não queria, não estava motivada, ganhava bem, não percebia nada de gestão, mas é difícil dizer não a Jorge Rangel”, assim explica a sua entrada nos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), onde permaneceu até 1997. O então secretário para a

Educação sabia que poucos macaenses dominavam o chinês escrito e viu em Edith Silva o quadro ideal para iniciar um maior contacto com as escolas chinesas, “a Administração estava de costas viradas para o ensino particular”. Não conseguiu cumprir a

Falar de Edith Silva é falar de educação. A actual presidente da Escola Portuguesa de Macau, que está ligada ao sector há mais de 30 anos, foi professora na Escola Comercial e Liceu Nacional Infante D. Henrique e trabalhou nos Serviços de Educação e Juventude, que dirigiu durante oito anos

promessa que então fez aos seus alunos que três anos depois estaria de volta às aulas, mas guarda óptimas recordações dos 15 anos que trabalhou na DSEJ.

“Não havia nada sobre as escolas particulares, apenas uma folha com os nomes dos directores e pou-

co mais”, observa. “Em poucos meses, acompanhada por um técnico, visitei todas as escolas. Nem sempre fui bem recebida, mas pouco a pouco comecei a ganhar confiança. Os antigos directores das escolas são agora os meus melhores amigos”, afirma

com enorme satisfação. “Quando fui promovida a subdirectora e depois a directora o ensino particular continuou sob a minha alçada, já que ganhei grande ligação às escolas privadas, que são, como se sabe, o grande motor da educação em Macau”.



## Difícil adaptação a Lisboa

Nascida em 1943, teve uma infância feliz. O pai, empresário, e a mãe, doméstica, não tinham dificuldades em proporcionar aos dois filhos uma vida sem problemas. “Não tinha necessidade de fazer nada”, recorda. O patriarca, representante da *General Electric* em Macau, além de produtos portugueses, foi sócio fundador do restaurante Solmar e accionista da Pousada de Macau, que durante anos funcionou junto ao Palácio do Governo, na Praia Grande.

Em 1963 deixa, pela primeira vez, Macau. Depois de concluir o sétimo ano, parte para Lisboa para frequentar a Universidade Clássica de Lisboa. Jorge Rangel, Raquel Alves, Diogo Córdova, Francisco Fong, João Baptista Lam, Nuno Jorge e Virginia Rego foram alguns dos colegas que naquela época também frequentavam a universidade em Portugal.

A adaptação à capital do então “Império” foi muito difícil. “O meu pai, bastante conservador, obrigou-me a ir para casa de uma tia, que não conhecia e onde não havia gente jovem”, diz, poucos dias antes de partir para mais uma deslocação do Conselho de Educação ao interior da China.

O tempo também não ajudava, “chovia quase todos os dias”, o que levou Edith Silva a pensar em desistir e ir para Inglaterra tirar um curso de secretária, que na altura “estava muito na moda”.

O progenitor tinha, no entanto, um desejo: ver a filha com um curso superior. “No primeiro ano cheguei a entrar em aulas que não eram as minhas, tudo aquilo era muito confuso para mim”, lembra com um sorriso nos lábios. A primeira opção era Medicina, mas como se tratava de um curso longo, optou por Biologia, “estava mais próximo de medicina e tinha duas vias: a investigação e o ensino”.

Em 1967 tudo se altera, uma vez que a família se muda para Portugal. Edith



Silva ajuda a mãe, que não dominava o português, na integração em Lisboa. O pai acabou por ter problemas graves de saúde, que o obrigaram a ficar retido em casa durante dois-três anos, mas isso não a impediu de concluir a licenciatura em Ciências Biológicas.

## Fugir à guerra colonial

A guerra colonial pairava então sob todas as famílias portuguesas. O irmão, com



Foto: António Falcão

20 anos de idade, corria sérios riscos de ser chamado para o serviço militar e mobilizado para África. “A minha mãe não queria ouvir falar nessa hipótese e convence o meu pai a regressar a Macau”, o que sucedeu dez anos depois de ter deixado o Oriente.

O então director da Escola Comercial, Henrique Senna Fernandes, convidou-a para dar aulas, a tempo parcial. “Oito horas por semana apenas, mas foi uma excelente experiência, apesar de não ser

a minha especialidade (Matemáticas Modernas)”, conta agora no seu gabinete da Escola Portuguesa, no local onde precisamente começou a trabalhar.

Em Janeiro de 1974 é chamada para o Liceu Nacional Infante D. Henrique, “como o grupo de ciências estava ocupado, fui ensinar geografia. Tive que aprender muito para desempenhar bem a minha tarefa”. No primeiro ano acumula as aulas no Liceu e na Escola Comercial, “uma boa maneira de começar a carreira”. Du-





1 - Na fila de trás, da esquerda para a direita: João Baptista Lam, Philip Xavier, Alfredo Couto e Jorge Rangel. Sentadas: Edith Silva e Raquel Alves.  
 2 - Com o pai, a mãe e o irmão  
 3 - Em 1965, em Lisboa  
 4 - Com Philip Xavier (à esquerda) e José Pereira Chan

rante oito anos mantém “um bom relacionamento com os alunos” a quem ministra matemática, física, biologia e geografia.

### **Aprendeu chinês com Luíz Gonzaga Gomes**

Ao contrário do que sucedeu com muitos dos seus colegas de escola, Edith Silva aprendeu a ler e a escrever chinês. Luíz

Gonzaga Gomes foi decisivo na aprendizagem da língua. “O professor traduzia os filmes que eram exibidos em Macau e arranjava com facilidade bilhetes para o cinema. Dava aulas em regime extra-curricular, mas levava muito a sério a sua missão. Todos os dias tínhamos leitura, tradução, interpretação, retroversão e ditados. Os colegas começaram a desis-



No Lar D. Dinis, em Lisboa, na passagem de ano de 1965 para 1966.

Na primeira fila (agachados, da esquerda para a direita): João Lam, Philip Xavier, Rui Caleres e José Manuel Silva. Na segunda fila: Nuno Jorge, Raquel Alves, Tomé, Carlos Basto, Edith Silva, Carlos Caleres, Bi Bragança e Lino Pinto Marques. Terceira fila: Dias Ferreira, Rosa Duque e Miu Cabral

tir e acabei por ficar apenas eu”, recorda, acrescentando que também pensou em abandonar. Mas Luís Gonzaga Gomes mantinha fortes relações de amizade com o pai e com uma simples frase convenceu-a a prosseguir os estudos: “não era bom ser analfabeta na sua própria terra!...”.

Foi, de facto, o mestre que lhe inculuiu o gosto pelo cantonense. Mas havia uma outra razão: a mãe só falava chinês, o que acabou por reforçar o seu interesse pela língua. “Quando estava em Lisboa foi muito útil, já que era em chinês que comunicava com ela”.

Num período em que muitos amigos e antigos colegas apostam na aprendizagem da língua, Edith Silva diz que se sente muito orgulhosa em ter aprendido com Luís Gonzaga Gomes. “Permitiu-me ler poemas em chinês, conhecer melhor a história da China”, nota, admitindo que contribuiu também para o relacionamento com o namorado, mais tarde, marido. “Logo no início da nossa ligação

ofereceu-me um livro com 300 poemas. Aprendi muito com a leitura desses poemas”, observa, frisando que o domínio das duas línguas foi importante na sua carreira profissional.

## Construção de escolas

No início da década de 80 do século passado, quando a Administração de Macau, então liderada por Almeida e Costa, começou a apostar em jovens quadros macaenses, Edith Silva ingressa na DSEJ. Entre 1986 e 1989 desempenhou funções de subdirectora. Nos sete anos seguintes dirigiu os Serviços de Educação e Juventude. O plano de construção de escolas é um dos projectos que destaca dos tempos em que liderou a educação. “O número de alunos por turma rondava os 60-70 alunos, a maioria dos professores não era profissionalizada”, observa, enquanto mostra um álbum com as fotos das 16 escolas inauguradas em 1994-1995. “A





Fotografia de conjunto da Direcção e do corpo docente da Escola Portuguesa de Macau, no ano lectivo de 2006/2007





Administração ofereceu excelentes instalações às escolas particulares e ainda deu um subsídio para os equipamentos e outras despesas”, nota.

A introdução da escolaridade gratuita e a lei-quadro do sistema educativo são outras das medidas concretizadas nos anos 90 que deixam Edith Silva muito satisfeita. “Não havia tanto dinheiro como hoje, mas o Governo investiu muitos milhões para ter a escolaridade gratuita. Sessenta por cento das escolas particulares aderiram de imediato, o caminho estava traçado”, realça, reconhecendo que nos últimos anos o Executivo de Edmund Ho tem investido muitos recursos no sector da educação. “Houve uma aposta na continuidade, mas os meios são outros. A DSEJ concede subsídios para formação, obras, material didáctico. Ninguém se pode queixar, as escolas só não têm mais coisas, porque não querem”.

O actual director dos Serviços de Educação, que conhece desde os tempos em que Sou Chio Fai entrou na DSEJ, mere-

qualidade do ensino”. O mesmo sucedeu com a atribuição de subsídios a professores e para a aquisição de material escolar, assim como a introdução do ensino secundário nas escolas luso-chinesas.

O caso Melchior Carneiro deixou, no entanto, grandes marcas. “Foi a minha maior mágoa. Tinha uma grande consideração pelo padre Videira Pires e não posso aceitar que alguém se tenha aproveitado do seu estado de saúde para fazer tanta confusão”, sublinha. “No dia 8 de Dezembro de 1995, dia da inauguração do Aeroporto Internacional, em que estava cá o presidente da República, Mário Soares, realizou-se uma manifestação contra mim. Não tínhamos quaisquer responsabilidades no que se estava a passar.

Mais tarde, no dia em que a então ministra da Educação da China, Wei Yu, visitava Macau os Serviços de Educação foram invadidos. Ficou provado que a DSEJ agiu bem ao não reconhecer o director e ao entregar o alvará ao padre Luís Sequeira,



ce rasgados elogios. “É um quadro com larga experiência, perfeito conhecedor dos problemas da área da educação e que tem contribuído para a melhoria do sector”, assevera.

## O pesadelo Melchior Carneiro

Ao baú das recordações, a agora presidente da direcção da Escola Portuguesa, vai buscar o que de mais significativo foi feito nos anos em que dirigiu os Serviços de Educação. A formação de professores, garante, conheceu grande desenvolvimento nesse tempo, “o que permitiu elevar a

mas até hoje a verdade não foi reposta”. Se todos temos um “annus horribilis”, 1995 deixou a antiga responsável pela DSEJ muito, muito triste. Além dos acontecimentos em torno do Melchior Carneiro, Edith Silva, que não tem filhos, perdeu o marido, companheiro de uma vida, “a maior tragédia de sempre, não estava à espera, fiquei de rastros, pensei em deixar tudo”.

Foi também em 1995 que teve que tomar a decisão de se desvincular da Função Pública. Um erro, reconhece em 2009. “Não tinha necessidade, havia sinais evidentes para não deixar a Função Pública.

A chamada bolada não é nada, mas estava muito em baixo...". Tomada a decisão, mantém-se na direcção dos Serviços de Educação até 1997.

Com um vasto currículo, integra o Conselho da Educação e o colégio eleitoral que elege o Chefe do Executivo. É membro da Assembleia da Universidade de Macau, presidente da assembleia-geral do Instituto Internacional de Macau e da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Macau.

Além de participar em outras associações, como a da Divulgação da Lei Básica, Cruz Vermelha, Associações de Escoteiros ou Conselho das Comunidades Macaenses, dá o seu contributo à Comissão de Luta Contra a Droga. "O problema da droga não é preocupante na Escola Portuguesa. Todos os anos temos feito, em colaboração com o Instituto de Acção Social (IAS) e a Associação de Recuperação dos Toxicodependentes de Macau (ARTM) sessões de sensibilização. Não há casos de droga na escola", sustenta,

chinesa - e, sobretudo, de viajar, "só não conheço África".

## “Não queria a Escola Comercial”

Presidente da direcção da Escola Portuguesa de Macau, desde a sua criação, Edith Silva conhece como ninguém todo o processo que levou à constituição do estabelecimento de ensino. "Assustaram-se, entre outras coisas, com a conta da electricidade, com os custos de manutenção da piscina do então Complexo Escolar", esclarece, para justificar a opção pelo edifício da antiga Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva. "Também havia quem pensasse que poucos anos depois não teria mais de 300 alunos. Enganaram-se!"

O estabelecimento da Escola Portuguesa começou a ser equacionado pela Administração em 1993-1994. "O desafio estava lançado, era necessário preparar o futuro, encontrar uma solução para o ensino em língua materna portuguesa", diz. De Lisboa veio mais tarde uma de-



depois de notar que a sua ligação à Comissão de Luta contra a Droga nada tem a ver com as funções que desempenha no estabelecimento de ensino.

Como reconhecimento do trabalho desenvolvido durante mais de três décadas na educação de Macau, foi agraciada com vários louvores e condecorações, nomeadamente o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, concedida pelo presidente da República Portuguesa, e a medalha de mérito educativo, atribuída por Edmund Ho em Dezembro de 2008.

Gosta de ler, ouvir música - adora ópera

legação, liderada por Pereira Neto, para verificar as instalações disponíveis. Além do Liceu (Complexo Escolar) e da Escola Comercial estavam em cima da mesa o Complexo da Flora, a Escola Secundária Técnico Profissional Luso-Chinesa e o Colégio D. Bosco.

Volvida mais de uma década, não tem dúvidas de que a opção pelas actuais instalações não foi a mais correcta. "Na reunião com o ministro Marçal Grilo, no Hotel Mandarin, disse até ao último instante que não queria a Escola Comercial", revela, explicando que também até ao derradeiro minuto rejeitou ser presi-

dente da direcção da Escola Portuguesa. O lançamento da primeira pedra, em Abril de 1998, presidida pelo então primeiro-ministro, António Guterres, não podia acontecer sem a futura Escola Portuguesa ter um líder. “Fiz uma série de pedidos, convencida de que não seriam aceites, mas os membros da Fundação Escola Portuguesa de Macau disseram sim a tudo o que tinha apresentado”.

Onze anos depois, diz ter motivos para estar orgulhosa. “Os problemas de instalações e financeiros nunca mexeram com a parte pedagógica. A Escola Portuguesa é uma realidade, é viva, as pessoas reconhecem a qualidade do ensino ministrado. O pessoal docente é qualificado e a nossa média nos resultados nacionais ou no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos da OCDE) são bons”, comenta.

A presidente da direcção reconhece que falta *marketing* à Escola Portuguesa, que é urgente captar mais alunos, mas está convencida que a internacionalização “não é a varinha mágica” para combater a redução de estudantes.

A criação de uma secção internacional, em que as aulas serão ministradas em inglês, contribuirá para o aumento de alunos, sucedendo o mesmo com a flexibilização dos currículos.

A internacionalização, que aguarda a aprovação do ministério da Educação, não será concretizada em 2009-2010. A flexibilização dos programas vai entrar em vigor no próximo ano lectivo. “Vamos facilitar a conclusão do 12º ano e a entrada em universidades não portuguesas”, esclarece, “os alunos vão ter outras possibilidades” de concluir os estudos.

Quanto ao ensino do mandarim, a responsável admite que nem tudo tem corrido bem. “A maioria dos encarregados de educação não domina a língua, o que dificulta o acompanhamento do ensino do chinês. É, de facto, um drama para os pais”, sublinha, admitindo que “houve muitos problemas no recrutamento dos professores”.

A situação tem evoluído e no corrente ano lectivo há três professores a tempo inteiro, o que leva Edith Silva a acreditar que os resultados vão melhorar. ■

## Os retornados

**D**e 1997 a 1999 foi deputada, por nomeação do Governador Rocha Vieira, mas a primeira participação num acto cívico foi em 1976. Jorge Rangel, Philip Xavier, Alberto Rosa Nunes e Edith Silva criam o Grupo de Estudos para o Desenvolvimento Comunitário de Macau (GEDEC) e concorrem às eleições legislativas.

A Associação para a Defesa dos Interesses dos Macaenses (ADIM) elege quatro deputados (Carlos Assumpção, Diamantino Ferreira, Susana Chou e José da Conceição

Noronha), o Centro Democrático de Macau (CDM) garante um assento (Patrício Guterres) e o GEDEC outro (Jorge Rangel).

“Tinha apenas 33 anos, tal como o Jorge Rangel e o Philip Xavier era mais novo, mas resolvemos avançar. Sofremos muito, não tínhamos meios financeiros, foi necessário tirar dinheiro dos nossos vencimentos para pagar as despesas, que na altura foram de cerca de 3000 patacas”, conta.

O jovem grupo de quadros, formados em Portugal, é, no entanto, muito atacado nos

programas de campanha eleitoral, emitidos na Rádio Macau. “Não olhavam com bons olhos para o GEDEC. Acusavam-nos de ser bebês, sugerindo que fossemos para casa beber leite”, acrescenta, revelando que “fomos apelidados de retornados”. ■





- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

**- ONDE QUER QUE ESTEJA!**

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,  
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



**ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:**




**TDM**

**AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA**



Dulce Dias (texto e fotos)



Este posto na China é uma criança desejada. Assim define Joaquim Moreira de Lemos o cargo de cônsul geral de Portugal em Xangai que agora ocupa. Mordido pelo “bichinho” da Ásia, em 2007, quando foi à Indonésia, ficou de olhos postos nas oportunidades. E quando viu a vaga para Xangai, não hesitou.

# O posto de Xangai é uma criança desejada

**P**ara Joaquim Moreira de Lemos, Xangai é a cidade onde tudo está a acontecer e sente-se um privilegiado por poder ver ao vivo e a cores o crescimento desmesurado da China. Aos 48 anos, acabadinhos de fazer – a 1 de Setembro –, sente-se uma criança aos pulinhos de entusiasmo, como ele próprio confessa. Um entusiasmo com o qual contagiou a família – a mulher, Paula, e o filho, João. Entre a decisão e o momento de aterrar, de armas e bagagens, na megalópole chinesa, toda a família se empenhou a estudar a língua, rendida já às promessas da cidade grande.

## O Cônsul que queria ser arquitecto

Extremamente optimista, bem-humorado e afável, o cônsul é também metuculooso e organizado. Não é pois de estranhar que, aos 15 anos, soubesse exactamente o que queria fazer da vida. Queria ser arquitecto. Foi ungido pela família com os óleos que o deviam tornar arquitecto – diz, com esta capacidade de brincar com as palavras que o caracteriza. Enquanto todos os outros meninos sonhavam ser bombeiros ou jogadores de futebol, Joaquim queria ser arquitecto e perpetuar a obra do avô, que nunca conheceu mas que trabalhou com o mestre do modernismo Raul Lino, e com ele foi um dos co-participantes do chamado Movimento da Casa Portuguesa.

Depois um belo dia, aos 17 anos, quando acabou o então sétimo ano, fez um teste no Instituto Português de Orientação Profissional. E a este organismo público deve o que é hoje, admite. A elevada capacidade persuasiva apontava para uma carreira em Direito. Uma mudança

de planos que o pai, homem esclarecido, aceitou de bom grado. Assim, em 1979, Joaquim Alberto de Sousa Moreira de Lemos é admitido na Faculdade de Direito de Lisboa. Dois anos depois, detestava o curso. Mas como é muito disciplinado e gosta de terminar tudo o que começa, só saiu da Faculdade em 1984, já com o diploma de Direito no bolso e uma honrosa média de 14 valores.

## O caso do professor e da aluna


Um dia, acompanhou uma colega que queria inscrever-se na reitoria para dar aulas. Mas acabou por ser Joaquim Moreira de Lemos quem se inscreveu e pouco tempo depois estava a leccionar a cadeira de Ciência Política e Direito Constitucional.

Um pormenor, é certo, em termos de percurso profissional, mas um momento crucial para a vida pessoal. Numa das suas turmas, estava aquela que viria a ser a senhora consulesa geral em Xangai. Com humor, recorda que foi mais “um caso” de um professor com uma aluna – nada de grave, o professor tinha então 23 anos e

a aluna 19!

Podia ter ficado a dar aulas na faculdade, ou na firma de auditoria *Arthur Andersen*, por onde passou, ou ter ingressado na advocacia, mas preferiu o concurso de adido de Embaixada, do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O seu primeiro posto consular foi em Brasília e é sempre com um brilhozinho nos olhos que nos fala dos tempos do Brasil. E até nos confessa que desfilou numa Escola de Samba, vestido de marinheiro, em 'Lycra', mas garante que as fotografias estão escondidas num cofre... Do consulado de Brasília, passou para o de Madrid, em Espanha, e para o de Lyon, em França. Pelo meio, andou pela zona do Mediterrâneo. Foi responsável pela representação diplomática na Tunísia. Na altura, para facilitar o contacto com os seus interlocutores, explicava-lhes que nasceu em Lisboa, encostado às muralhas do Castelo - mas do lado de fora, do lado dos mouros.

Especialista nas questões do Mediterrâneo, Joaquim Moreira de Lemos vira-se agora para outro mar, o da China. Mas quando lhe falamos do final da carreira, um dia, como embaixador, e lhe perguntamos onde a imagina, é com sotaque brasileiro que nos responde: "Sabe que eu não sei?..." ■



“O novo Cônsul chega a Xangai com um turbilhão de ideias de projectos na bagagem. Joaquim Moreira de Lemos assume-se como um profissional de *marketing* do seu país, que tem como objectivo vender a imagem de Portugal em Xangai, em particular, e na China, em geral.



# Fazer o *marketing* do seu próprio país

A primeira coisa que o novo cônsul geral de Portugal em Xangai quer fazer é sentir o pulso da cidade. Só depois é que vai estabelecer um plano de trabalho para os próximos quatro anos

Uma megalópole de 17 milhões de habitantes, onde a presença da comunidade portuguesa é estatisticamente irrelevante, o novo cônsul de Portugal em Xangai pode dedicar-se a aspectos menos administrativos da gestão consular e apostar no desenvolvimento da imagem de Portugal na China.

Tanto mais que, defende, um diplomata é, na prática, um profissional de *marketing* do seu país. Não é por acaso que, recorda, o Brasil tinha um Departamento de Imagem no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Um conceito que Portugal poderia adotar, já que, hoje em dia, um país se vende como se

vendem produtos.

Claro que para vender a imagem de Portugal é preciso apostar nas suas mais-valias reais e dá-las a conhecer. E é esse o seu desafio, que quer habituar os decisores locais, as câmaras de comércio e outras entidades à presença lusa, e reforçar, assim, a imagem de Portugal, na região e no país.

## **Pólo universitário português em Xangai**

Um reforço a fazer, eventualmente, através da promoção da língua portuguesa, cada vez mais procurada pelos estudantes na China. Todos os anos saem das universidades



chinesas “batalhões” de licenciados em língua portuguesa, imediatamente absorvidos pelas empresas chinesas com interesses na África lusófona e no Brasil, explica-nos o cônsul, para quem a língua de Camões tem todas as características de uma língua universal, com história e presença em todos os continentes.

Daí que o novo representantel sonhe com a criação de um pólo universitário português de excelência em Xangai. O pólo reuniria várias universidades portuguesas, cada uma contribuiria com aquilo que de melhor sabe fazer, e funcionaria como um núcleo de atracção de competências e inteligências, portuguesas e chinesas, com o objectivo de criar fluxos nos dois sentidos. Criar o hábito, na sociedade estudantil portuguesa, de fazer estágios e intercâmbios em universidades chinesas, e vice-versa.

Pragmático, Joaquim Moreira de Lemos acredita que a língua portuguesa terá o futuro que o mercado lhe ditar. E esse mercado é feito de expectativas sobre o desenvolvimento de Portugal, da África lusófona e, claro, do Brasil. Daí que o novo representante de Portugal em Xangai seja um ardente defensor do acordo ortográfico.

Uma ferramenta que permitirá a sobrevivência de uma língua cuja única capacidade de afirmação reside na sua universalidade.

## De olhos postos na Expo Xangai 2010

Criado há quatro anos, o Consulado de Xangai tem bases sólidas, diz, em reconhecimento do trabalho realizado pelo primeiro cônsul, João Maria Cabral. E o facto de funcionar no mesmo piso do Centro de Negócios, que depende da AICEP - a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal - é uma mais-valia para quem quer desenvolver a vertente empresarial das relações sino-portuguesas e reforçar a presença na capital económica da China. Além disso,

Joaquim Moreira de Lemos conhece bem o engenheiro Manuel Couto Miranda, o cônsul-adjunto, responsável pelo Centro de Negócios, com quem já colaborou quando ambos estavam na Tunísia e com quem conta, agora, trabalhar em tandem. Dizer que o mercado chinês é grande é quase uma redundância, mas é também um desafio. Portugal tem de fazer negócio através daquilo que pode exportar e que faz melhor. E se dantes os chineses eram aforradores, a tradição já não é o que era e os padrões de consumo estão a mudar rapidamente. Hoje, 450 milhões de chineses têm acesso a produtos de luxo. É preciso criar-lhes apetência pelos produtos portugueses. Produtos que vão da gastronomia tradicional a grandes projectos de consultoria, de gestão ou de engenharia, com elevada incorporação tecnológica.

Esse é, em parte, o papel do Consulado de Xangai, terceiro pilar da representação diplomática de Portugal na China, centrada, por razões políticas, na Embaixada, em Pequim, e por razões históricas, no Consulado de Macau. Um consulado que soube actualizar-se com ingredientes de natureza económica, diz Joaquim Moreira de Lemos, que tenciona também trabalhar em conjunto com o seu homólogo de Macau. Até porque, mesmo se a China é grande, o mundo, esse, é pequeno, e o novo cônsul de Xangai foi colega de concurso de Manuel Cansado Carvalho.

Xangai, a grande capital económica do século XXI, é a cidade onde tudo está a acontecer permanentemente, deslumbra-se o cônsul. As autoridades chinesas estão sedentas de mostrar a sua capacidade de realização. Uma capacidade já demonstrada durante os Jogos Olímpicos e que não faltará, certamente na Exposição Universal de Xangai, em 2010, que Joaquim Moreira de Lemos aguarda com impaciência. E tendo em conta que o comissariado vai funcionar no espaço do Consulado, Joaquim Moreira de Lemos quer participar tanto quanto possível nos preparativos do Pavilhão de Portugal. ■

*D. D.*

# 21º Concurso Internacional de Fogo de Artifício de Macau

5/9, 12/9, 19/9, 26/9, 1/10

9pm & 10pm

10º Aniversário do Estabelecimento da R.A.E.M.

SENTIR MACAU CELEBRAÇÕES!

Baía frente à Torre de Macau



國際煙花比賽匯演  
Concurso Internacional de Fogo de Artifício  
International Fireworks Display Contest



澳門特別行政區政府旅遊局  
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
MACAU GOVERNMENT TOURIST OFFICE



Joyce Pina (texto) e António Falcão (fotos)



# Teatro em

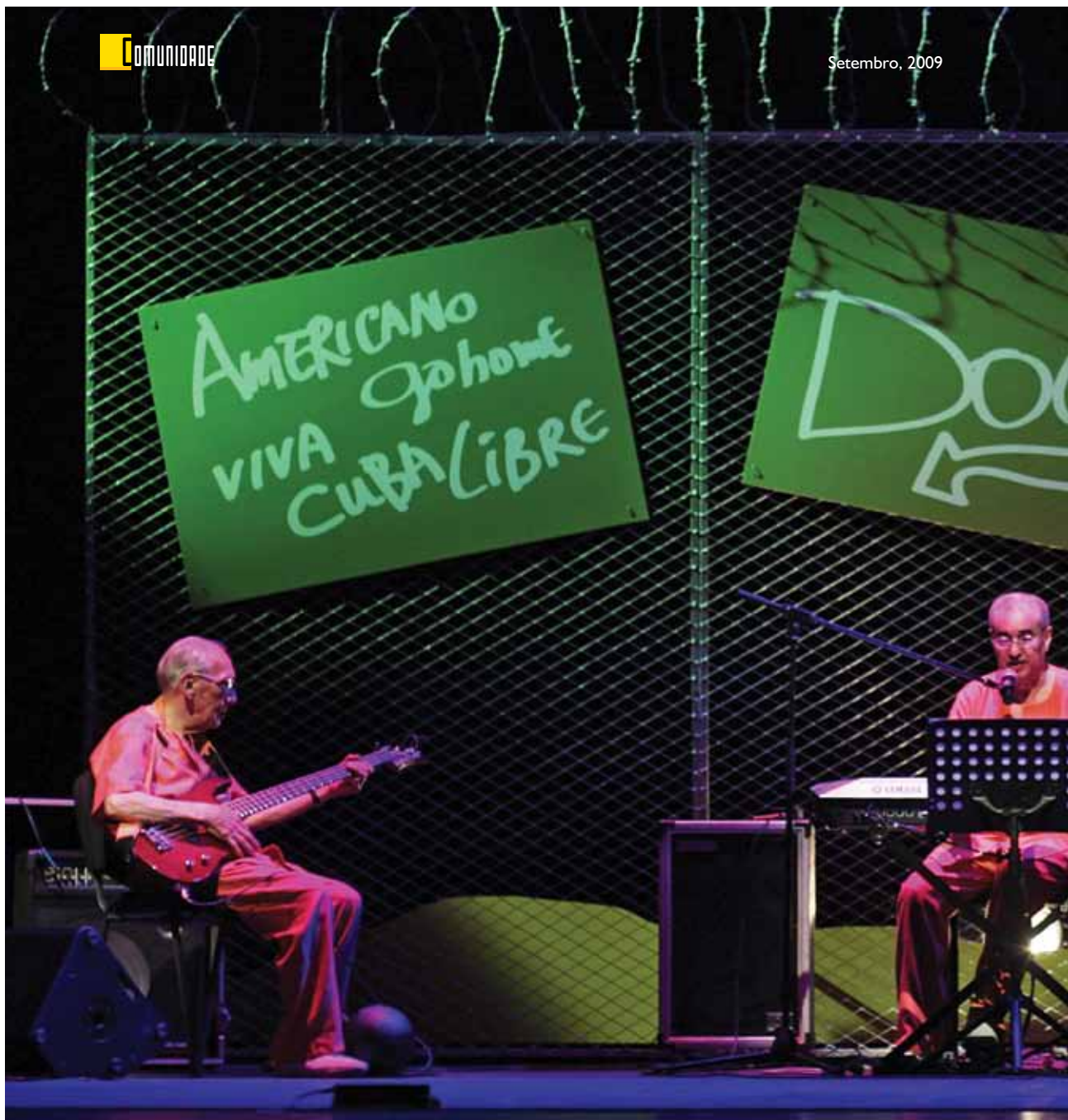
Um dos pontos altos do calendário cultural local é um espectáculo em patuá, no antigo crioulo macaense, por cuja sobrevivência se luta. Este ano, mais uma peça do grupo Doci Papiaçam di Macau foi apresentada durante o Festival de Artes, em Março, desta vez no Grande Auditório do Centro Cultural. Aqui se pode ler e ver a reportagem escrita e fotográfica dos bastidores do espectáculo



# “língua doce”

Um advogado estagiário idealista é colocado junto de um patrono veterano, senhor do seu reino e conhecedor das “tricas” do sector, e que por vezes defende mais os seus interesses do que os dos seus constituintes. No meio, há duas mulheres que amam o mesmo homem, que morreu, e à falta de corpo presente dedicam-se a disputar a sua fortuna. Existe um solicitador desonesto e a

sala de espera de um tribunal parece a de um consultório médico, onde em vez de “espera” se devia chamar “demora”. Diante de um juiz as coisas não são melhores. O sistema rebenta pelas costuras e o estagiário vê o que realmente quer dizer Justiça. Cenários familiares? Desengane-se quem pensar mal. Tudo acaba como deve acabar, já que mesmo “de olhos vendados” a verdade vem ao de cima, como o azeite.



**É**a tagarelar que os actores descansam entre cenas. As mesas de metal estão dispostas numa fila longa, com cadeiras de alumínio, pouco confortáveis. Um pequeno ecrã de televisão, colocado sobre um suporte preso à parede, no fundo da sala longitudinal, transmite em directo o ensaio que acontece “lá, do outro lado”, no palco. Os que estão “fora de cena” acusam o cansaço de semanas de ensaios, mas o sorriso não se altera. No entanto é fim de dia, o peso das horas passadas

a trabalhar deixa as suas marcas, mas “quem corre por gosto não se cansa”. Há semanas que andam “nisto”, chegam a casa “às tantas”. São mais de vinte os actores e figurantes da peça: “Letrado Chapado, Patrono de Gema” – Sátira e pintura das realidades macaenses - chapadinhas. “Somos todos escravos”, diz um dos actores que descansa. “Todas as noites e durante duas semanas, até à meia-noite, ensaiamos...”. O grupo é amador, mas a seriedade





com que encara a peça é profissional. Falam entre eles em cantonês e em português. O Patuá, dialecto macaense, a tal “língua doce”, desusada, é língua que quase ninguém fala, no entanto é cabeça de cartaz em todas as peças do grupo Dóci Papiaçám de Macau. O grupo é mítico na terra. Obra de esforço e, acima de tudo, perseverança, nasceu em 1993 quebrando um hiato de 16 anos, altura em que pela última vez se ouviu patuá num palco em Macau. E

possivelmente no mundo.

Como dizem os seus fundadores, foi por pura “carolice” que se criou o grupo, mas também para salvar o dialecto macaense, votado ao esquecimento devido à idade dos últimos conhecedores da expressão. Sem muito alarido defende-se a elevação desta fala a Património da Humanidade, apesar de hoje apenas um punhado de gente a fale, outro punhado a entenda e alguns sublinhem o carácter pouco rigoroso do que é dito em palco.





*O grupo é amador, mas a seriedade com que encara a peça é profissional*

## Três dias antes

De volta aos ensaios. Estamos a três dias do grande momento. Não há azáfama nos corredores. Para os que não falam patuá, à força de repetir as deixas, decoram tudo. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, como diz uma das actrizes.

Miguel Senna Fernandes é o autor das peças do grupo e encenador. É a locomotiva do projecto, que vive a tempo inteiro, apesar de ser advogado e de ter uma vida profissional preenchida. Miguel move-se pelo palco como um “ditador”, dos pequenos e ‘simpáticos’, sempre com várias folhas de papel na mão. Ora está nos cantos, ora entra pelo palco e interrompe ensaios, ora gesticula, ri e faz rir e pede para que se repita uma cena.

Uma das “estrelas” da peça confessa que “ainda bem que ensaiámos muito”, caso contrário poderíamos ter surpresas.

A particularidade deste trabalho, como os demais dos Dóci, é o facto de ser representada em várias línguas: português, cantonês, inglês, tagalo (uma das línguas das Filipinas) e patuá. Cada actor pode ter de passar de uma língua para a outra enquanto dura um diálogo. Ninguém pode engasgar-se.

Enquanto na sala de descanso se come e se bebe muita água, nos corredores que levam ao bastidor os passos marcam ritmos cadentes e suaves. Há sempre gente a ir e a vir, mas ninguém corre.

Um pequeno grupo de mulheres, plantado à porta de um dos camarins, onde a maquilhadora D. Maria é rainha, conversa e ri-se muito. Brincam umas com as outras, contam tontarias do dia-a-dia. Parece que estão numa sala de chá, reunidas, ao fim de semana.

Relaxadas depois de semanas de ensaios, pouco as enerva. Até de olhos fechados seriam capazes de encontrar o caminho do palco e de dizer as suas deixas.

## Bastidor fantasma

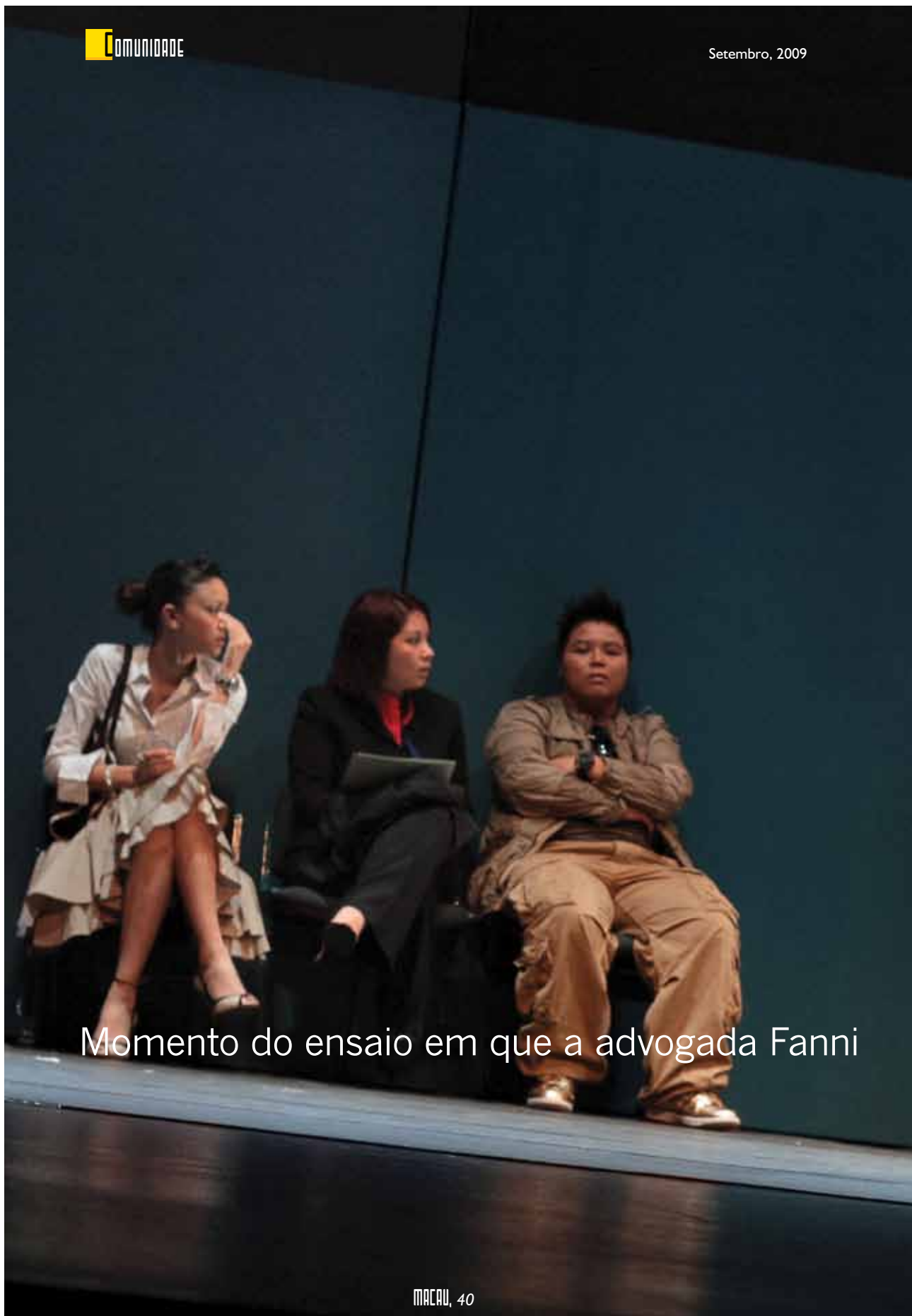
No fundo do corredor há uma cortina de veludo grossa, para abafar os sons. É uma das entradas laterais do palco, que dá para o bastidor. Uma consola para o técnico de som está montada à esquerda da entrada. Ao lado, uma mesa rectangular grande, capaz de sentar umas dez pessoas, serve de apoio e tem revistas colocadas.

Fios e cabos cruzam os pés de quem por lá passa, atados com fita-cola isolante. A penumbra reina e focos de luzes fortes iluminam o palco, onde a acção se desenrola. Várias cadeiras estão espalhadas no bastidor, mas a maior parte dos técnicos e actores prefere ficar de pé. Alguns espreitam o palco através das cortinas que os separam dos

bastidores, para ver o que está a ser feito. Não fossem todos ter outras profissões, pensaríamos que faziam disto o seu ganha-pão.


Entretanto, Miguel suspende mais uma cena. Não está bem feita, os actores têm de estar mais separados em palco, caso contrário ninguém os vê. Há que falar mais alto também, projectar a voz, fazer o som vir do fundo. A interrupção devolve alguma vida ao bastidor, cuja vida se manteve suspensa enquanto a cena decorria, num silêncio escuro. Alguém aproveita para sair, outras pessoas materializam-se através da pesada cortina que chupa toda a luz exterior, do corredor, onde as mulheres continuam a tagarelar. Há risos e finalmente ouvem-se passos. Parece que do sepulcro renasceram almas.





Momento do ensaio em que a advogada Fanni



A woman in a black suit and white scarf is holding a microphone and looking at a man in a suit and bow tie who is gesturing. The scene is set on a stage with a dark background.

se apercebe das intenções do solicitador...



O patrono confronta o estagiário com a




“real” forma de exercer a advocacia.



### “Dia D – I”

Dando um salto no tempo, chegámos à véspera do espectáculo. É dia de ensaio geral, que acabou de começar. Ensaio com roupa e maquilhagem perfeita, tal como vai aparecer no espectáculo do dia seguinte, a pouco menos de 24 horas. Miguel está agora sentado na plateia, bem ao centro, nos lugares reservados às “pessoas muito importantes” - os VIP. Está rodeado de amigos e familiares. É a hora da verdade que não vive só. Câmaras de televisão de vários canais acompanham o ensaio geral, jornalistas da imprensa e fotógrafos marcam presença. Todos são “expulsos” do bastidor, para não perturbar os actores e técnicos, assim como os figurantes. “As perguntas, por favor, no final do ensaio, e não fiquem aqui, agradecemos que saiam”, diz um membro da organização, de *walkie-talkie* na mão, maquilhado como se fosse representar. Descobrimos mais tarde que é da organização e figurante.



A close-up, profile view of a woman with dark hair, wearing a large silver hoop earring and a black jacket over a white shirt. She is applying pink lipstick to her lips. Her right hand is holding the lipstick tube, and her left hand is holding a black patterned object. The background shows a dressing room with a whiteboard and a rack of clothes.

Miguel de repente deixa o cadeirão confortável e salta para o palco. Mexe-se muito esta noite. Agora está na penumbra, onde se mantém sempre. De lado, no palco, observa. Mas hoje as coisas correm bem. Há menos interrupções.

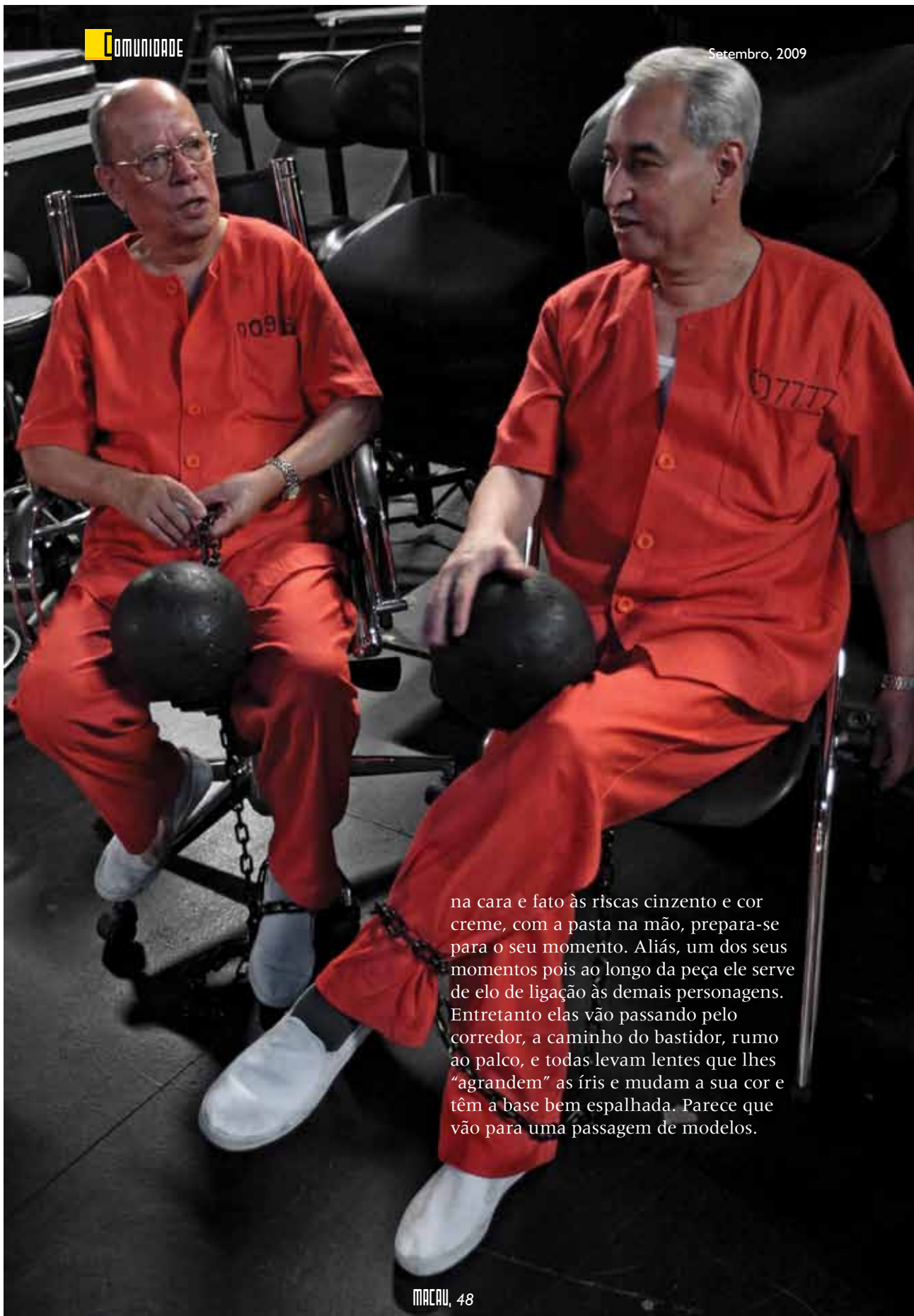
### **As pestanas falsas**

No camarim da maquilhagem D. Maria, que segue o grupo Dóci desde a sua criação e já conhecia os seus fundadores





antes, termina os toques finais neles e nelas. Algo que faz há 16 anos. A única coisa que não fazia era colocar pestanas falsas: "Antes não usávamos isso, mas agora elas colocam pestanas falsas. Fica bem, porque não?". Como mini-estrelas, o teatro é uma oportunidade para os actores se reinventarem, nem que seja por umas horas, e serem algo mais. O advogado estagiário Geraldo Vieira, uma das personagens principais da peça, está "nervosinho". Com umas lentes de contacto castanhas claras, de base forte



na cara e fato às riscas cinzento e cor creme, com a pasta na mão, prepara-se para o seu momento. Aliás, um dos seus momentos pois ao longo da peça ele serve de elo de ligação às demais personagens. Entretanto elas vão passando pelo corredor, a caminho do bastidor, rumo ao palco, e todas levam lentes que lhes “agrandem” as íris e mudam a sua cor e têm a base bem espalhada. Parece que vão para uma passagem de modelos.

## Fora dos focos

Todos os actores são muito comunicativos e adoram ser fotografados. Profissionais a tempo inteiro nestas lides de palco e bastidores só mesmo os técnicos de som e de luz, que parecem não apreciar a ironia e sátira do que se representa. A cadência dos diálogos multi-língua é suave e entra-se bem na história, que é simples e divertida. As legendas estão em português e chinês e a peça foi representada duas vezes no âmbito do festival Internacional de Artes de Macau, como tem sido hábito. ■





# Personagens principais da peça



**Geraldo Vieira, o estagiário**  
(Germano Guilherme)

---

**Dr. Tibaldo Xavier:** é o conhecido médico Alfredo Ritchie na vida real que incarna o veterano advogado, preguiçoso mas de bom fundo, que conhece meio mundo e dedica menos tempo à advocacia do que devia. Uma das personagens principais da peça, o Dr. Xavier tem uma filosofia na vida: “laissez faire, laissez passer”...

---

**Geraldo Vieira:** é o estagiário idealista, pronto a obedecer aos códigos e leis que decorou durante o tempo passado na faculdade. Não compreende as “tricas” do sistema e por vezes desespera devido à forma com que o seu patrono, Dr. Tibaldo Xavier, lida com a letra da Lei. Nada é como devia ser... Na vida real é Germano Guilherme, estudante no curso de tradução. Fala português, cantonês e inglês.

---



**Fanni Lam, advogada correcta e bonita**  
(Gigi Chiu)

**Fanni Lam:** é a advogada correcta e bonita, que não aceita que os interesses dos colegas e solicitadores se sobreponham aos dos clientes. Trabalha com o solicitador chinês, que promete o mundo aos constituintes e nada entrega. Fanni é funcionária pública na vida real, chama-se Gigi Chiu e estreia-se num palco com “Letrado Chapado”.

---

**Docilita:** incarna uma empregada Filipina de alguma sedução e que se sente discriminada pelo patrão. Na vida real é “Babe Tree” e vive em Hong Kong, dedicando-se ao meio artístico. É das mais extrovertidas atrizes da peça, dentro e fora dela. É responsável por grande parte da animação nos ensaios e pelas rizadas do público. “Babe” não fala português: domina o cantonês, o tagalo e o inglês.

---



**Docilita, empregada filipina**  
(Baby Tree)

**Iolanda:** é filha de Adelaide, a primeira mulher do morto, que tenta chamar a mãe à razão. Irritada, amua quando a mãe não se comporta como deve comportar-se – diante do juiz, advogados ou de quem seja. O morto chama-se A. Ramalho. A atriz chama-se Guiomar Pedruco.

---



**Minabela, uma das viúvas**  
(Nina Lichtenstein)

**Minabela:** representa uma das mulheres do morto, que viveu “em concubinato” e reclama a sua fortuna. É uma mulher sedutora, dona de si e teimosa. Acomodada a uma vida de benesses, não quer abrir mão do que teve e pode ter. Enrola-se num estratagemas para convencer a justiça do seu direito, mas confrontada com responsabilidades legais, acaba por mostrar o seu lado “real” na peça. É defendida na peça pelo advogado português incarnado por José Nascimento. Na vida real chama-se Nina Lichtenstein, empresária. A sua primeira participação num grupo de teatro foi há dez anos, com os Dóci Papiaçam de Macau...



**Advogado chinês altivo**  
(Leon Lou)

**Advogado chinês:** faz desesperar Fanni Lam pela falta de rigor com que lida com os assuntos e pelas falsas promessas que faz aos clientes. A sua vida gira em torno do dinheiro e dos clientes que consegue encaminhar para o escritório de advogados. É ganancioso e altivo. Na vida real é Leon Lou, actor amador que tem várias empresas ligadas ao sector do entretenimento. Há mais de vinte anos que pisa palcos em Macau e em Hong Kong.

**Advogado português:** representa Minabela e não faz bom trabalho. Não ajuda muito a sua falta de honestidade. Minabela perde porque o seu advogado não estudou o caso adequadamente. Na vida real José Nascimento é empregado bancário reformado.

**Nuno S. Fernandes:** tem 85 anos e é o mais velho membro do grupo. Faz de si mesmo, músico na vida real do grupo “Tuna de Macau”. Vestido de presidiário, entretém o público com canções que o seu grupo criou, tocando o baixo. Na peça a sua formação pede emprestado o nome de “Trio Los Guantnameros”.



**Músico do Trio Los Guantnameros**  
(Nuno Senna Fernandes)

**Miguel Senna Fernandes:** encenador e um dos fundadores do Grupo Papiaçam de Macau, é advogado na vida real e um dos grandes impulsionadores da cultura Macaense e do Patuá em Macau. Activo em várias frentes da vida social de Macau, vive entre almoços, reuniões, telefonemas e a resolver problemas dos outros...

# Nuno Barreto (1941 – 2009)

## O pintor para além das telas

Pintou Macau nas suas mais variadas dimensões, a traços fortes do Oriente, com ironia, perspicácia, com paixão. Foi-se embora mas ficou, num modo de ser que vai além da obra encaixilhada. Formou jovens artistas, partilhou conhecimentos, as suas pequenas e grandes descobertas, os seus privados e públicos prazeres. Mais do que tudo, Nuno Barreto gostava de viver. E gostava dos outros

Os obituários fazem-se de datas, de factos, da obra feita e da sua relevância. No caso dos pintores, acrescentam-se prémios, distinções, fases e correntes artísticas, movimentos, influências e influenciados. E os quadros que ficam nas paredes.

Em Macau, a morte de Nuno Barreto tem outros significados. Foi a terra onde mais pintou e, segundo alguns, aquela onde o serígrafo, chegado do Porto em 1988, descobriu efectivamente a pintura. Barreto registou em tela o que o Oriente lhe disse. Por isso, é um pintor de Macau. Mas é-o também pelo que aqui deixou: alunos, amizades, laços, companheirismo.

Barreto conheceu o território na década de 1980 e acabou por aqui se fixar em 1988. Veio para dirigir a Academia de Artes Visuais, à época sob a alçada do Instituto Cultural, e que mais tarde foi integrada no Instituto Politécnico de Macau. Como pedagogo, enquanto formador, deixou uma obra significativa, pela forma como se dedicou

ao projecto, aos alunos, à arte maior que é a partilha do que se sabe. “O trabalho desenvolvido por Nuno Barreto, quer como artista plástico, mas principalmente como grande impulsionador do ensino artístico, através da Academia de Artes Visuais e, depois, na Escola de Artes do Instituto Politécnico de Macau, faz-me considerá-lo um pintor de Macau”, nota Carlos Marreiros, ex-presidente do Instituto Cultural, arquitecto, pintor e amigo.

Era um pedagogo dedicado. Mas para Luís Sá Cunha, amigo de longa data, o substantivo não basta para recordar Nuno Barreto. “Era mais do que isso, era um santo a distribuir pão e pedacinhos, a partilhar com os outros a vida partida em pedaços de arte. O Nuno era assim.”

Era também “bondade, humanidade, cultura, honestidade artística, votação e convívio e amizade, humor, fraternidade, simplicidade, rigor pedagógico e entusiasmo pela vida. Sobretudo, entusiasmo pela vida. Aquele fascínio pelas pequenas coisas em que detinha encantadamente a sua sensível atenção”, descreve Sá Cunha. Era mais do que a obra que deixou, feita de imensas telas.

Geometrista, um pintor que gostava do figurativo e de ironias, Nuno Barreto pintou labirintos e pessoas, a Macau fervilhante dos anos 90. “Representa uma fase de Macau, a última década antes da transição. Pintou gostos, pensamentos, fez isto mais do que qualquer artista. Os seus quadros foram também copiados mais do que os de qualquer outro artista, foi uma vítima das imitações”, observa o pintor Konstantin Bessmertny. “Mas foi, de facto, um artista de Macau.”



Barreto absorveu cores, motivos, pormenores de eleição do Oriente, os enquadramentos de janelas e bambus citadinos que seguram arranha-céus em contra-luz. Mas também pintou os portugueses e as suas ironias, como a imagem de 1999 que fixou em “Embarque no Pátria I” – a despedida portuguesa da administração de Macau.

“Creio que algumas telas dele podiam expor-se numa sala, para um professor sensível, apontando com uma vara, ir explicando toda aquela Macau que conhecemos naquele tempo”, imagina Luís Sá Cunha.

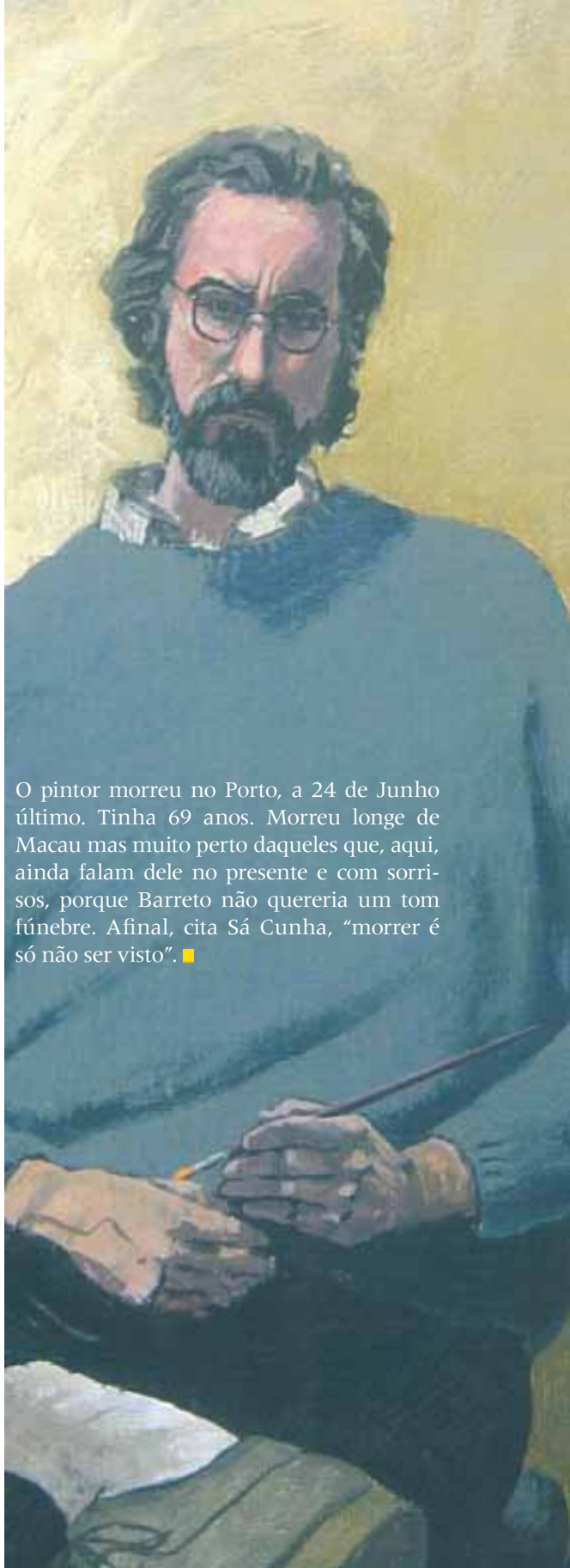
O tempo de Macau mudou, Nuno Barreto voltou à sua outra terra – o Porto -, continuou a sentir Macau e a cidade não o esqueceu. Nascido em 1941, licenciou-se na Escola Superior de Belas-Artes do Porto em 1966. Irmão do sociólogo António Barreto, com ele divulgou a cultura em Trás-os-Montes, jovens universitários idealistas, autores da revista “Setentrião”.

Curso concluído, o pintor rumou a Londres, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, para uma pós-graduação na Saint Martin’s School of Arts.

O regresso a Portugal marca o início da sua carreira de pedagogo, como docente no Liceu Sá de Miranda, em Braga. Em 1973 torna-se professor assistente na Escola de Belas-Artes e três anos depois passa a dirigir a oficina de serigrafia da escola, onde permaneceu ao longo de 15 anos.

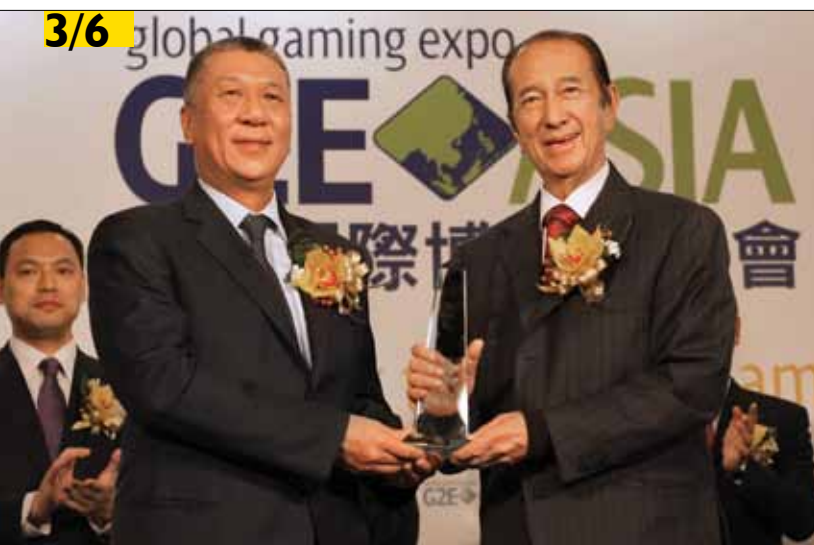
Foi nesta escola do Norte de Portugal que Guilherme Ung Vai Meng aprendeu a fazer serigrafia. O pintor recorda as qualidades técnicas e pedagógicas de Nuno Barreto, mas destaca o lado humano do homem que o recebeu “com toda a gentileza” no Porto, onde passou meio ano num estágio frequentado também por Mio Pang Fei e Victor Hugo Marreiros. “Dois anos depois, o Nuno veio para a minha terra. E pintou muito sobre Macau”, diz.

“Para mim, o Nuno nasceu em Macau. Porque a Macau que ele veio encontrar era irresistível. Macau penetrou-lhe as veias como um fluido, um filtro feiticeiro”, reforça Luís Sá Cunha. O próprio Nuno Barreto dizia que Macau foi uma terra que lhe entrou no sangue para nunca mais sair.



O pintor morreu no Porto, a 24 de Junho último. Tinha 69 anos. Morreu longe de Macau mas muito perto daqueles que, aqui, ainda falam dele no presente e com sorrisos, porque Barreto não queria um tom fúnebre. Afinal, cita Sá Cunha, “morrer é só não ser visto”. ■

3/6



## Stanley Ho distinguido

Stanley Ho foi ovacionado por uma plateia composta por alguns dos principais empresários e agentes da indústria do jogo a nível mundial, numa cerimónia em que o magnata de Macau foi distinguido com o Prémio Visionário, um galardão entregue pela Associação Americana de Jogo (American Gaming Association) durante a Global Gaming Expo Asia (G2E Asia).

Aplaudido de pé, no Centro de exposições e Convenções da *Venetian*, o patrão da Sociedade de Jogos de Macau (SJM), Stanley Ho sublinhou que o objectivo último de uma operadora de jogo deve ser a prosperidade social. “Macau é um dos territórios mais pequenos do mundo, mas que possui a maior indústria de Jogo, o que faz com que o seu impacto na sociedade seja ampliado, por isso o Jogo pode ser um agente importante na criação de prosperidade para o território”, afirmou após ter recebido um prémio que reconhece o contributo de uma carreira de quase cinco décadas no sector do Jogo na RAEM. ■

10/6

## Florinda Chan elogia comunidade portuguesa

Numa cerimónia comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a secretária para a Administração e Justiça do Governo da RAEM, elogiou o papel que os portugueses residentes em Macau têm desempenhado no desenvolvimento da Região. “O desenvolvimento de Macau na primeira década “muito deve à comunidade portuguesa aqui residente”, afirmou Florinda Chan, que esteve presente em representação do Chefe do Executivo, num discurso perante dezenas de convidados na residência do Cônsul Geral de Portugal na RAEM.

O secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor, Fernando Serrasqueiro, em representação do Governo português, manifestou na ocasião o orgulho do Governo “no papel que todos os portugueses e luso-descendentes estão a desempenhar” em Macau, salientando o empenho das associações na preservação da língua e da cultura portuguesas. ■



## Ruínas de São Paulo, uma das Sete Maravilhas **10/6**

As Ruínas de São Paulo (o que resta da antiga Igreja da Madre de Deus e do Colégio de São Paulo), em Macau, foram distinguidas como um dos monumentos que fazem parte das “Sete Maravilhas do Mundo de Origem Portuguesa”, na sequência de uma votação internacional em que participaram 239 mil pessoas. A par das Ruínas de São Paulo, foram eleitos a Fortaleza de Diu (Índia), Fortaleza de Mazagão (Marrocos), Basílica do Bom Jesus de Goa (Índia), Cidade Velha de Santiago (Cabo Verde), Convento de São Francisco de Assis da Penitência (Ouro Preto, Brasil) e Convento de São Francisco e Ordem Terceira (São Salvador da Baía, Brasil). O Director dos Serviços de Turismo de Macau, João Costa Antunes, afirmou, em reacção a esta distinção, que se trata de “uma grande promoção para Macau”. ■



11/6

## Cooperação reforçada no Grande Delta

O V Fórum de Cooperação da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas terminou em Naning, na Região Autónoma Zhuang de Guangxi, com a assinatura de mais de 600 acordos referentes a projectos de investimento e cooperação. O combate aos efeitos da crise financeira e económica internacional foi o tema forte da reunião, que juntou os líderes das nove províncias do Sul da China - Guangdong, Fujian, Jiangxi, Hunan, Guangxi, Hainan, Sichuan, Guizhou, e Yunnan - e das duas regiões administrativas especiais da China (Macau e Hong Kong), num processo criado em 2004, que ficou conhecido como o “9 mais 2”. Para Edmund Ho, Chefe do Executivo da RAEM, a cooperação regional é a via para que as dificuldades económicas sejam superadas. “Os esforços conjuntos vão permitir ultrapassar as dificuldades de cada um, transformando-se numa força comum que vai minimizar os efeitos da crise e criando condições para que a recuperação económica se dê em breve”, afirmou num discurso durante o Fórum. ■



12/6

## Três Pianos em Macau

Três dos mais reputados pianistas portugueses, Bernardo Sasseti, Mário Laginha e Pedro Burmester, estiveram no grande Auditório do Centro Cultural de Macau num concerto comemorativo do dia 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Os três músicos percorreram reportórios de compositores como Bach, Mozart, Bártok e Ravel cruzando a música clássica com sons mais livres do jazz. ■

17/6

## Rocha Vieira em Macau

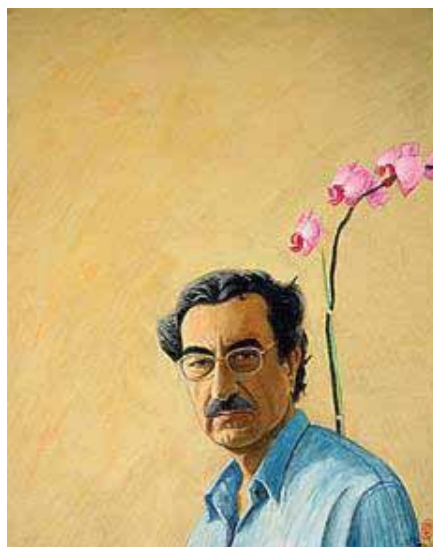
VASCO Rocha Vieira, o último governador português de Macau, visitou a RAEM de 14 a 17 de Junho, a convite das autoridades locais. Durante a visita, realizada no ano em que passam dez anos sobre a transição de administração de Macau, Rocha Vieira teve um encontro com o Chefe do Executivo Edmund Ho e com várias associações de matriz portuguesa e macaense. O ex-governador elogiou o trabalho realizado pelas autoridades de Macau na primeira década da RAEM e mostrou-se confiante no futuro. Para Rocha Vieira, desde 1999 Macau “internacionalizou-se ainda mais e adquiriu níveis



de qualidade superiores com uma oferta na área turística diversificada, com uma capacidade de atracção de pessoas que têm Macau, hoje, como uma referência onde encontram sempre motivos para estar bem, de lazer, de cultura, de desporto e de jogo”. Após a estadia em Macau, o ex governador seguiu para a China continental onde teve contactos com dirigentes do Governo Central. ■

## Morreu Nuno Barreto

O pintor Nuno Barreto faleceu na madrugada de 24 de Junho, na cidade do Porto, em Portugal, aos 67 anos, vítima de doença prolongada. Formado na Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde era professor, na segunda metade dos anos 1980 foi convidado para vir para Macau, onde fundou a Escola de Artes Visuais, actual Escola Superior de Artes. Em Macau o seu trabalho teve grande significado, tendo ficado conhecido por vários quadros, entre os quais o famoso “Embarque no Pátria” uma alegoria do fim da administração portuguesa. ■



24/6

26/6



## Cidade Velha e Monte Wutai na lista da UNESCO

A Cidade Velha, em Cabo Verde, foi inscrita pela UNESCO, como Património Mundial da Humanidade, numa reunião que decorreu em Sevilha, Espanha. Situada a 15 km da capital cabo-verdiana, Cidade da Praia, a Cidade Velha foi criada na segunda metade do século XV, tendo sido a primeira cidade criada por europeus nos trópicos, sob a denominação de Ribeira Grande.

Até 1770, altura em que a capital de Cabo Verde foi mudada para a Cidade da Praia, foi um entreposto do comércio de bens e de escravos entre África e o Brasil. Na mesma reunião, o Monte Wutai, na província de Shanxi, na China, um dos quatro montes sagrados do budismo, foi também elevado a Património Mundial da Humanidade. ■

Maria João Belchior

# Seda e a história



As lendas são várias sobre a forma como se chegou ao tecido mais suave alguma vez visto. Um bicho-da-seda, um casulo e uma técnica aperfeiçoada em séculos de História, deram à China um lugar de excepção como berço da sericicultura. Conta-se que durante muito tempo a arte de trabalhar a seda esteve proibida de ser ensinada a elementos de fora

# de um segredo

Foi um acaso. Ou não. Terá sido Leizu, a mulher do Imperador Huangdi – o primeiro da China – que descobriu que do casulo do bicho-da-seda se extraía um fio possível de esticar até muito mais que o dobro do seu tamanho. Leizu, ainda hoje popularmente chamada a rainha da seda, viveu no século XVII antes de Cristo.

Quase três mil anos antes da nossa Era, quando a China dava os primeiros passos como Império, nascia a Seda. Cinco mil anos depois vamos encontrá-la à venda num mercado da moderna cidade de Pequim – o mercado da seda.

Quatro senhoras esticam sobre uma mesa com mais de dois metros de comprimento uma espécie de gaze branca, colocando camadas sobre camadas. Uma de cada lado da mesa, as senhoras mostram-se habituadas ao trabalho pelo qual o tecido leve e transparente aumenta de tamanho tornando-se cada vez mais fino mas sem nunca partir.



A produção de seda envolve um trabalho minucioso até que o tecido do fino material esteja pronto a ser utilizado para diversos fins. “São mantas de cama” explica uma das senhoras enquanto puxa mais uma camada juntamente com as outras colegas.

Pelas camadas que se sobrepõem, o tecido vai aumentando de volume e recebe um aspecto cada vez mais macio. No final de juntar as várias camadas, as senhoras envolvem a seda para dentro de uma cobertura de algodão. “São 1200 renminbis” diz uma das que termina mais uma manta para venda.

Sem segredos e à vista dos que passam curiosos de perceber a técnica, a seda



é trabalhada num pequeno canto do mercado, um cantinho que por simbolismo se baptizou como o “museu da seda”. No entanto, é o próprio mercado, um dos mais frequentados por turistas em Pequim, que deve o nome àquele cantinho.

Um pouco ao lado estão vários casulos numa caixa para amostra. Uma jovem exemplifica como se separa a seda: depois de demolhar o casulo, separa a larva do que é a seda no seu estado mais puro. Os casulos são feitos de um único fio com vários metros de comprimento e, em média, o bicho-da-seda leva três dias a construir um casulo.

Para a jovem chinesa, o mais impor-

tante é o fio que se transforma em inúmeros mais curtos depois esticados para secar. Tudo se processa lentamente para dar uma ideia do que é o trabalho desenvolvido.

Para os chineses o orgulho é visível quando se fala da seda. “Isto só se faz na China” diz um outro vendedor ao relembrar a primazia do Império nesta arte. Na venda ao metro, a seda no mercado pode chegar até aos 50 euros por metro. “A de melhor qualidade” asseguram.

Detentores do tecido, os chineses iniciaram há muitos anos as técnicas para lhe dar mais beleza e o bordado foi uma arte desenvolvida quase desde que o tecido começou a ser usado para vestuário.





## Um artigo de luxo

Destinada ao uso da família Imperial e aos nobres, a seda começou por ser usada nas roupas de luxo e em alguns objectos. Suporte de pintura, cordas de instrumentos musicais, papel e redes de pesca, foram outras funcionalidades descobertas para a seda à medida que o uso se tornou mais frequente na corte.

Mas se hoje a maior parte dos visitantes estrangeiros que passa pela China procura levar sempre um “souvenir” de seda – e os lenços de senhora e as gravatas vendem-se às centenas –, não podemos esquecer que foram precisos 2500 anos até que a Seda começasse a sair da China.

Foi o romano Justiniano, conhecido como “o Imperador que nunca dorme”,

Detentores do tecido, os chineses iniciaram há muitos anos as técnicas para lhe dar mais beleza e o bordado foi uma arte desenvolvida quase desde que o tecido começou a ser usado para vestuário

“Há quatro regiões mais famosas” lê-se numa nota de explicação. Sichuan, Jiangsu, Hunan e Guangdong ficaram conhecidas como “as quatro regiões dos bordados chineses”. Antigamente havia mais de cem formas diferentes de bordar. Pequim, capital desde o século XIII, destacou-se pelo aperfeiçoamento dos bordados reais, algo que desde a dinastia Zhou, dois mil anos antes de Cristo, diferenciava as posições dos oficiais e burocratas da Corte de acordo com o que levavam bordado.

Actualmente já não há centenas de formas de bordados mas a técnica manual continua a ser ensinada em algumas escolas especiais em nome da tradição. Flores, pássaros, peixes, paisagens e imagens de pessoas tornaram-se um valor acrescentado na seda bordada à mão.



que conseguiu fazer chegar a si os primeiros casulos que poderiam desvendar o segredo de como se fazia a seda. Sem se conhecerem, o Império chinês e o Império Romano sabiam pouco um sobre o outro mas imaginavam muito.

Durante muito tempo para os Romanos a seda vinha da fibra de uma árvore. Incapazes de descobrir o segredo, importavam-na da China através dos Persas. Os livros de História contam que em Roma se denominou os chineses de “Seres” associado ao nome do tecido macio que ninguém sabia como se fazia. Não se sabe ao certo quando começou o comércio entre Roma e a China mas foi preciso chegar até ao século VI da era actual para que em Roma se vissem os primeiros casulos.

Porque negociar a seda chinesa com os Persas, inimigos do Império, era cada vez mais difícil no tempo de Justiniano, dois monges nestorianos ofereceram-se para levar até ele o segredo da seda, trazido da China. Uma proposta que Justiniano aceitou e que trouxe à China os dois monges disfarçados que levaram de volta os casulos até Roma.

Impossível de separar da história do comércio, o artigo de luxo está na origem das trocas entre Estados e sobretudo entre o Ocidente e o Oriente.

As histórias sucedem-se sobre a forma como alguns conseguiam levar casulos desde a China, onde durante muito tempo estava prevista a pena de morte para quem tentasse roubar o segredo da produção.

Hoje já se sabe com certeza que a seda chegou até sítios longínquos como o antigo Egipto. É curioso que é muitas vezes através de descobertas arqueológicas que se vai traçando a rota da seda mas fica por saber como chegava o tecido a tantos sítios do mundo onde o espanto tomava conta dos que pela primeira vez tocavam no tecido.

Mesmo em países como a Coreia, vizinho da China, a seda só viajou através dos primeiros trabalhadores migrantes – chineses que iam para o país vizinho

trabalhar e que levaram os primeiros casulos. Ao Japão, que é hoje um dos principais exportadores, o precioso artigo só chegou no século III.

A primazia da China definiu-se desde cedo. As empresas que hoje se espalham pelo país sabem que devem o sucesso a uns bichinhos originários do Norte e que foram sendo levados para fora. Nos tempos imperiais, era comum a China oferecer peças de seda a outros reinos, uma forma de agradecimento mas também uma maneira de os cativar para o comércio com o Império do Meio.

Se a globalização teve um início definido, em muitos livros de economia considera-se que foi Vasco da Gama o seu mentor, porém, muitos anos antes a seda já era um produto procurado a nível global mesmo antes de se saber que tamanho tinha o mundo.

## Rota da Seda

As viagens dividem-se por várias estradas mas o atractivo é o mesmo – “venha reconstituir a Rota da Seda”.

Turismo cultural e turismo de aventura, ir fazer a Rota da Seda é hoje uma forma de férias como apanhar o comboio que atravessa a Sibéria em direcção a Moscovo.

O interesse pela Rota da Seda regressou no século XIX com investigadores, arqueólogos e académicos que queriam encontrar as cidades que se descreviam nas viagens dos mercadores.

A antiga rota continua envolta num significado místico. Embora o nome “Rota da Seda” só tenha aparecido no século XIX, a distância de mais de 4500 quilómetros desde Roma, Italiana Península Itálica, (a Itália ainda não existia) até à cidade de Xian, o ponto de referência na China, foi a mais importante rota da História do mundo comercial nos seus primeiros passos.

Na Ásia Central a Rota da Seda tinha vários caminhos que se escondiam entre as montanhas e os desertos.

Na área chinesa pela qual passava, encontram-se ainda hoje em várias províncias restos da história dos mercadores que descreviam as cidades por onde passavam. A rota dividia-se em várias rotas, definidas muitas vezes pelas condições atmosféricas de cada um dos caminhos.

Kashgar, na Província de Xinjiang, é ainda hoje uma cidade onde se viaja no tempo. No bazar e no mercado de domingo encontramos mercadores, chineses da etnia Uigur, que vendem as iguarias da região. No imaginário dos que pensam percorrer a rota, Kashgar era,

e ainda é, o primeiro ponto de contacto com o Império do Meio. Cheiros fortes e cores garridas vivem-se na parte da China onde a influência da Ásia Central ainda é mais visível.

O regresso ao livro das viagens de Marco Polo é quase obrigatório. O veneziano (a Itália ainda não existia) que viveu entre 1254 e 1324 é o mais famoso viajante estrangeiro da Rota da Seda. E a descrição de uma viagem no Oriente que durou 24 anos só veio contribuir para aguçar o interesse de mercadores no Ocidente. Hoje continua a inspirar



Marco Polo é o mais famoso viajante estrangeiro



viajantes de todo o mundo que procuram o périplo original por onde passou a família dos Polos.

Devido ao valor excepcional que adquiriu, a seda chegou a ser usada como moeda e forma de retribuição para os poderes estrangeiros durante as dinastias Han e Tang.


O caminho comercial é anterior a Marco Polo mas à medida que os séculos iam passando, as quantidades de mercadoria tornaram-se maiores e com destinos mais longínquos. A rota recebe o nome de seda porque entre todos os produtos que

eram comercializados do Oriente para o Ocidente, exemplo do jade, especiarias, folhas de chá, laca, incenso e algodão, a seda tornou-se o mais procurado.

A dinastia Tang, do século VII ao século X, marca o apogeu da rota entre o Oriente e o Ocidente. Indianos, turcos, iranianos, japoneses, italianos, coreanos, malaios, cruzaram-se entre Xian (antiga Chang'an) e Kashgar na fronteira.

Quando finalmente no século X, a produção da seda já era possível no Ocidente, a China levava três mil anos de avanço.

da Rota da Seda... uma viagem que durou 24 anos



A palavra que se  
adoptou no Ocidente tem  
certamente as suas origens  
na língua chinesa e daí  
a referência ao nome  
“Seres” dado pelo Império  
Romano à China







## A linguagem da Seda

A palavra que se adoptou no Ocidente tem certamente as suas origens na língua chinesa e daí a referência ao nome “Seres” dado pelo Império Romano à China. Em mandarim, o som de seda vem de um carácter lido como “si” que é apenas a primeira parte da palavra. A longa vida da língua chinesa assim como da seda no Império levou a que se desenvolvessem vários conceitos a partir da mesma ideia.

Literariamente utiliza-se a seda num provérbio para referir a forte união de um casamento. Na verdade, tudo o que se relacione com fino e longo acaba por aparecer associado ao carácter inicial de seda. Mas a lista é grande no que a palavra seda cria em chinês. Descrita para sentimentos, pessoas, coisas, a suavidade fica sempre associada ao “sedoso”, palavra importada para inúmeras línguas.

“Porque a utilizávamos para a música, hoje ainda associamos a seda aos instrumentos musicais de corda e sopro” explica um vendedor de seda. Em muitos provérbios, os fios de seda são a metáfora escolhida para explicar tamanho e complexidade.

Por mais anos que passem, a seda não se vulgariza na China. Para a população, a compra da seda não se associa a um “souvenir” como para quem vem de fora. A oferta de uma peça de seda tem de ser do melhor material. E, nestes casos, diz-se que quem vende é que pode saber o que é o melhor. Mas para um ancião chinês basta tocar na seda para averiguar da qualidade, algo que só se aprende com a prática.

Sima Qian, o primeiro historiador chinês que viveu no século II antes de Cristo, começou por contar a história lendária da princesa Leizu e da descoberta do casulo. Mas dando um salto na História, a seda chinesa mantém a sua importância até à II Guerra Mundial quando devido aos *stocks* japoneses estarem limitados, o Ocidente encontrou substitutos nas fibras sintéticas como o *nylon*, usado por

exemplo em pára-quadras.

As histórias são inúmeras, sendo que muitas se espalham oralmente como os provérbios. A resistência da seda, como material que dificilmente se rompe no seu estado puro, inspira a população. Porque a quantidade de seda utilizável em cada casulo é muito pequena o trabalho envolvia milhares de mãos para o que se queria produzir – a riqueza de um Império.

## Herança de gerações

No mercado de Pequim conta-se que a seda vem de Hangzhou, uma das cidades consideradas berço da produção, ao lado de Suzhou. Esta última, situada a duas horas de Xangai, é conhecida pela sua seda desde há séculos. Em 1991 inaugurou um museu unicamente dedicado à história da seda que reconstitui as várias etapas da produção. A réplica de um camelo logo à entrada mostra qual foi o primeiro meio de transporte para levar o tecido a viajar para além fronteiras.

A produção em série tomou conta do ramo há muitos anos. Para os mais antigos, o melhor sítio continua a ser Suzhou. Contudo, de Norte a Sul encontram-se hoje empresas chinesas dedicadas à seda. As condições para culturas do bicho-da-seda também se espalharam por toda a China que assume o primeiro lugar como exportador mundial.

Na Ásia, a Índia é um dos principais importadores da seda chinesa comprando mais de sete mil toneladas por ano. No entanto, o governo indiano tem vindo a investir na compra de máquinas chinesas para processamento de seda tendo em vista a diminuição da dependência das importações. Há dois anos, a produção indiana foi de 18 mil toneladas, uma oferta que não chega para a procura interna de vinte e seis mil.

É um facto que apesar de haver um acesso cada vez maior a tecidos sintéticos, a seda continua a manter um lugar de destaque. A produção mundial mais do



que duplicou durante os últimos trinta anos e a China e o Japão continuam a ser os maiores produtores, responsáveis por mais de metade do que é produzido mundialmente.

Na China fazem-se por ano mais de 70 mil toneladas de seda em bruto. Um número gigantesco.

Tal como ainda é difícil traçar as várias rotas dentro daquela que era a rota da seda, no mundo actual é quase impossível reconstituir o processo de produção seja do que for de tão interligados que estão os países em relações comerciais.

De Inglaterra à Índia, na Internet há empresas a vender peças de roupa em seda ou apenas o tecido a metro. Para um chinês, comprar sem ver é uma ideia que dificilmente convence. Mestres da arte, detentores do saber milenar, não duvidam ao dar explicações sobre como se dobra, como se lava ou como se produz a seda. Conselhos adquiridos depois de muitos anos de técnica. E se algo mais faltasse dizer, ficaria uma verdade sobre a seda – nunca haverá algodão ou lã que resistam a tantos anos de História. ■

## Recuperar a Seda na História

O professor Zhang ensina história da China antiga na Universidade de Pequim. À revista MACAU, o professor explicou que o recuperar da Rota da Seda pelo turismo actual pode vir a contribuir para um maior entendimento do significado da seda como ponte de contacto entre o Oriente e o Ocidente.

“A importância da seda na cultura chinesa está não só no tecido mas no que representou para o Império no contacto com outros estados” explicou o professor. O antigo ícone da China foi assimilado na cultura moderna mas hoje já não se estuda em particular a história da Seda. O professor Zhang salienta “a história da seda está dentro da história da China antiga”.

O refazer de percursos da rota por turistas e especialistas pode, segundo o professor da Universidade de Pequim, trazer esse conhecimento até ao ensino moderno.

Percorrendo textos clássicos chineses encontramos menções à seda, sobretudo pela importância da rota.

“Quando olhamos o radical de seda na escrita chinesa vamos encontrá-lo em várias outras palavras, muitas relacionadas com tecidos mas também com significados como dar fruto”.

Na modernidade chinesa começam a surgir empresas preocupadas com o recuperar de técnicas antigas. Para o professor Zhang, a procura do que é tradicional pode vir a representar uma nova tendência onde a seda vai desempenhar um papel fundamental. Fazer papel de seda pode ensinar-se em pequenas escolas que investem no que é local.

“O passeio pelos percursos antigos da rota é uma forma de turismo que também cativa o povo chinês” disse o professor. Para o Ocidente, entrar na Rota da Seda é reconstituir uma viagem de aventura com muitos séculos. Para a China, este caminho pela rota aparece como um regresso à história antiga quando o Império do Meio começou a chamar a atenção do mundo. ■

# A medida certa

**S**ão dias lentos para o senhor Mak, homem de ampla figura e gestos rápidos num corpo demasiado arredondado. Acostumado a mandar, Mak interrompe o jogo de cartas com a natural autoridade de quem está em casa. E está. A sua casa é o seu ateliê – uma longa divisão num rés-do-chão sem fundo à vista, com um balcão de um lado e mesas de tampo alongado do outro, onde material e máquinas de costura aguardam o roçar das sedas. As suas mãos são de ouro

**N**as suas horas cada vez mais vagas, Mak convida os amigos e alguns vizinhos para jogos de cartas. As tardes são passadas ao som de risos e lamentos, ganhos e perdas, e normalmente sem interrupções. “Havia muita gente que vinha cá, mas o negócio está mau. As visitas minguam.” O lamento não se deve ao jogo. Deve-se à falta de clientes, já que Mak é costureiro habituado às carícias da seda e aos corpos quentes das clientes que se deixam me-





surar sem fim, em busca da cabaia ideal. Na sua loja passaram alguns dos corpos mais bonitos e vaidosos da cidade que ele teve de revestir com seda. E que outro tecido pode fazer jus ao mais delicado dos vestidos?

“Fiz nove edições do concurso Miss Macau nos anos 80 e 90! Vesti as ‘miss’ com os meus ‘cheong sam’”, recorda,

sem prazer especial ou orgulho acrescido, como quem aceitou, em troca, uma reforma forçada em jogos de cartas. “É a minha vida, mas hoje, contando com duas ajudantes, não encontro nem quem queira aprender a costurar, nem quem queira mandar fazer roupa”. Especialmente os ‘cheong sam’ que lhe deram fama. O termo cantonês representa o tradicional vestuário chinês, em tempos idos de mangas largas e até aos pés, usado por homens e mulheres.







Habitado à fita métrica pendurada no pescoço, Mak mantém o hábito de chegar a mão à fita, mas ela não está lá. Está pendurada numa parede, numa espécie de retiro.

“Aprendi o ofício da costura neste mesmo local, com o meu mestre que veio de Xangai, há mais de 70 anos. Quase só lidava com a seda. Ele já morreu e eu fiquei com o negócio”. Um negócio que de forma infalível serve de barómetro à economia: “Quando as pessoas têm menos dinheiro ou mais receio de o gastar mandam fazer menos roupa e até casam menos!”, diz Mak, qual economista em plena acção. Nos casamentos a cabaia tem um papel importante. Em seda de um vermelho garrido, é uma constante.

A sua loja é velha, com muita madeira à vista e fica numa ruela estreita no centro da cidade. Quase não se dá por ela não fossem as fotografias de algumas ‘miss’ Macau coladas na montra, vestidas em ‘cheong sam’ de cores garridas, todas coroadas, de ceptro na mão e sentadas de lado no trono. Uma imagem de uma das irmãs Pedruco de cabaia vermelha salta à vista. Entrou no ‘Guinness Book of Records’ o feito da família macaense Pedruco: gerar três filhas que se tornam ‘miss’ Macau em edições diferentes. Mak moldou os corpos de todas com seda.

Por trás da montra, já com o vidro sujo e baço, estão

guardadas cabaia em seda para cerimónias, festas ou eventos mais banais, embrulhadas em sacos de lavandaria de plástico transparente. Os vestidos aguardam as suas donas.

Exige perícia e jeito moldar a seda mole aos corpos, cozê-la sem enrugar a sua textura fina, cortar os moldes e, acima de tudo, debruar. “Debruar, sim, é o mais difícil. Os meus olhos cansam-se rapidamente. É tudo feito à mão para ficar bem feito. Ainda por cima a seda não é fácil de cozer...”

E se uma ‘miss’ se veste facilmente, o mesmo não acontece a quem não tem uma figura esbelta: “Entre os meus clientes, que começam a escassear, tenho muitas senhoras chinesas, mas também portuguesas, e só depois os ‘estrangeiros’”. Entenda-se por estrangeiros os turistas ou residentes na sua maioria ‘loiros’ e de olhos ‘azuis’. “As mulheres ocidentais são maiores do que as chinesas e normalmente pedem-me para fazer ‘cheong sam’ em seda preta ou cores mais escuras. Eu faço o que elas querem, mas na cultura chinesa essas cores não são as mais apreciadas!”, diz. Para os chineses, em ocasiões de festa e de formalidades, o vermelho impera.

### Leveza formal

Para as concubinas, imperatrizes e realeza da China antiga vestir de seda

era símbolo de elegância e distinção, de elevada posição social. As cabaia, ou ‘cheong sam’ variavam consoante o grau do portador. Hoje em dia, e depois de ter sido alvo de mudanças radicais, uma cabaia é um símbolo de tradição passível de ser usada por todos os estratos sociais. O que mais parece importar no momento de escolher o modelo do ‘cheong sam’ é a sua cor e as aplicações feitas à mão que servirão para abotoar a peça. Tocado este ponto, os olhos de Mak parecem ter despertado de um sono induzido: “De facto, esta é uma peça de roupa para ser usada durante uma cerimónia, mas hoje em dia fazem-se ‘cheong sam’ mais curtos para serem usados no dia-a-dia”. Esta peça veste-se sem calças.

A versão moderna do ‘cheong sam’ que hoje conhecemos surgiu nos anos 1920 em Xangai. É uma versão mais ajustada ao corpo, com rachas laterais. Antigamente, o ‘cheong sam’ escondia as formas femininas. Mas Mak só conheceu a versão moderna e lembra-se bem da versão mais curta: “Até há uns anos era usada pelas funcionárias dos bancos. As meninas vinham cá fazer os uniformes”, acrescenta, com um riso malandro nos olhos molengões. “Eu faço o modelo que a cliente quiser. Mas as variações são ao nível dos colarinhos, mangas, cavas e forma do fecho,



que pode ser lateral, a cruzar o peito na diagonal ou a acompanhar a linha do busto”.

O detalhe que mais fascina o costureiro, ainda hoje, diz respeito à forma como a peça é abotoada quando não se opta pelo fecho lateral que pode ser com fecho ‘éclair’: “Os fechos ou botões de pano são a marca de distinção do ‘cheong sam’ à falta de um tecido fabuloso. São feitos à mão, em forma de flores ou outros motivos e fazem-se por encomenda. “Há muitos já feitos. Também os vendo, mas é como ir ao supermercado.” Regra geral esses fechos são feitos em cartão e forrados com a seda do vestido. Há quem opte por colocar pérolas, contas de vidro ou de cerâmica, a fazer de botões: “O mais importante é ter a seda. Isso faz ou desfaz uma reputação”, diz Mak.

### Ponto perfeito

A seda é dos tecidos naturais mais vendidos em todo o mundo. Mas escolher uma peça de seda não é tão fácil como parece. Quente no Inverno e fresca no Verão, os tecidos de seda natural avaliam-se pelo peso da peça, grão, grau de pureza e forma do ponto em que a tela é tecida no tear.

As variedades mais conhecidas da seda são o chifon, a Georgette, o ‘crêpe de Chine’ e a organza. A Georgette é uma

seda em ponto tafetá, mais dura e com superfície enrugada. Não é ideal para o ‘cheong sam’. A organza é leve e demasiado fina, muito difícil de manejar e rebelde frente à agulha. O chifon é fino e leve, uma boa opção para um ‘cheong sam’, mas o ‘crêpe de Chine’ parece ser o tecido de seda ideal. É ‘limpo’ e liso, brilhante, fino, suave, leve e puro. É o que Mak mais gosta.

A seda é um tecido para mãos experientes. Um ponto mal feito marca a peça. Pode inutilizá-la. Por isso Mak coze à mão quando lida com peças ‘sublimes’: “Em dois dias tenho um vestido feito. Eu estou habituado a lidar com a seda antiga, feita antigamente, que era mais grossa e rude. Estamos a falar dos parâmetros da seda, claro. Mas o tecido de seda feito hoje em dia é muito mais suave e fino, acho-o muito mais bonito. Cozo à mão quando umas dessas peças muito boas surgem. E a seda boa é caríssima!”

Está fora de questão fazer um ‘cheong sam’ sem ser em seda, apesar de Mak reconhecer que se fazem em vários tecidos. Mas essa não é a tradição: “Hoje já se usam os ‘cheong sam’ mais justos ao corpo, com rachas mais ou menos grandes e com cores que não correspondem à tradição. Não usar a seda já me parece mal...”

O que não fica mal, embora possa dificultar o

trabalho do ‘artista’, é ter uma cliente menos elegante a querer entrar num ‘cheong sam’ alheio. Uma regra de três simples feita por Mak: “Estamos a falar de uma peça de vestuário que representa a elegância e a feminilidade. Deve ser sempre feito à medida do corpo da pessoa, que assim se torna elegante não importa o seu peso. Não podem vir aqui com um ‘cheong sam’ comprado numa loja qualquer e pedir-me que o adapte. Posso fazer isso, mas nunca fica tão bem como um feito de raiz.”

Para Mak, e provavelmente para todos os chineses respeitadores da tradição, o ‘cheong sam’ em tempo de cerimónia deve ser vermelho, “acompanhado por um xaile e saltos altos, com a racha até ao joelho.”

### A cabaia

Foi nos anos 20 do século passado que costureiros em Xangai, munidos de máquinas de costura fabricadas no Ocidente, começaram a delinear novas formas aos corpos das mulheres chinesas. A moda ocidental marcava pontos. Era o furor. À tradicional cabaia, usada por homens e mulheres, que consistia em vestes de mangas largas e longos torsos, foi-lhe dada uma nova vida e imagem, passando a ajustar-se ao corpo das mulheres, a revestir-se de rachas ousadas e a marcar formas cada vez com menos pudor.



## Foi nos anos 20 do século passado que costureiros em Xangai, munidos de máquinas de costura fabricadas no Ocidente, começaram a delinear novas formas aos corpos das mulheres chinesas

Era uma sedução. Feitas de seda, representavam o requinte e a delicadeza. Ao material suave associava-se a leveza da mulher oriental – uma imagem de fragilidade que marcou o imaginário do ocidental. A seda em muito contribuiu para o fenómeno. A Revolução Cultural forçou um hiato na moda na China, mas o germe da inovação não morreu. Com o fim dos fatos ‘Mao’ as cabaias, ou ‘cheongsam’ como são conhecidos em cantonês,

voltaram a imperar.

Uma boa cabaia tem de ser feita à medida e adaptada à ocasião que vai servir. A moda ocidental actualmente reinventa os modelos tradicionais dessa indumentária delicada e na China começam a ser introduzidos detalhes inéditos, mas o que marca esse símbolo de feminilidade oriental é o tecido com que é feito. Hoje em dia a cabaia pode ser vista como um dos símbolos da China. ■



O detalhe que mais fascina o costureiro, ainda hoje, diz respeito à forma como a peça é abotoada quando não se opta pelo fecho lateral que pode ser com fecho 'éclair': "Os fechos ou botões de pano são a marca de distinção do 'cheong sam' à falta de um tecido fabuloso. São feitos à mão, em forma de flores ou outros motivos e fazem-se por encomenda



## Sem dúvida o vermelho

No número 129 da Avenida Almeida Ribeiro está a Weng Tai, nome conhecido de todos os que procuram a peça de seda para a cabaia perfeita. Há 40 anos a vender sedas, brocados e tecidos finos, os empregados da Weng Tai conhecem gerações das mesmas famílias, habituadas a ir aos seus balcões para pedir metros de tecido nas vésperas dos dias mais importantes das suas vidas, porque a roupa tem de estar à altura.

Entramos a perguntar pelo melhor tecido para a cabaia fantástica. Os risos elevam-se. “Isso depende do que cada um quer”, responde um dos empregados. Rapidamente, vários se juntam a uma vitrina no fundo da loja, onde, protegidas apenas por uma lâmina de vidro, rolos de tela colorida se abrigam. “Aqui estão algumas sedas caras e boas”, diz outro empregado. “É o que procura?” Não sabemos. Qual é a seda, ‘aquela’ que fará o ‘cheng sam’? “Há quem desenhe e pinte sobre seda e depois mande fazer a cabaia”, diz o decano dos vendedores, o patrão, como lhe chamam os outros. A resposta interessa-nos. “Não é só a seda que faz a cabaia. O corte, por vezes é mais importante”, continua o decano. “Há sedas mais finas, mais duras, puras ou brocadas e há a seda de



Xangai, com fama e das melhores do mundo.” E acrescenta: “As sedas de cores garridas com bordados em relevo são muito populares nas cerimónias formais chinesas e as sedas com lantejoulas e rendas começam a ter muita saída.” E as sedas pintadas à mão? “Em Macau já não há ninguém a fazer isso! Já ninguém pinta sobre seda... mas os costureiros locais são muito bons a fazer ‘cheong sam’, por isso há muita gente de Hong Kong que manda cá fazer as peças e vem a esta loja comprar as sedas.” Os demais empregados ouvem com atenção, como se estivessem numa aula, as palavras do decano. “Os homens também usam sedas para os seus trajes mais cerimoniais, mas em vez de cores garridas preferem os brancos, beijos e cores mais claras”. Qual a sua cor favorita numa cabaia? “Sem dúvida o vermelho. Muito vermelho. É assim que a mulher chinesa se apresenta numa cabaia...” ■

# BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: [www.bnu.com.mo](http://www.bnu.com.mo)

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

## **BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大西洋銀行



— Desde 1902 —



Marta Curto (texto) e Rui Rasquinho (ilustrações)

# O Pavilhão das Peónias\*

Noiva fantasma procurando o seu Mengmei

**N**o Pavilhão das Peónias, uma rapariga de 16 anos escolhe o seu destino, preferindo morrer a viver uma existência que não deseja. Foi a primeira peça de ficção chinesa que retratou uma mulher pensante e revoltada contra os preceitos tradicionais, tendo fascinado as mulheres da época, que podiam ler a ópera mas não estavam autorizadas a vê-la ou ouvi-la.

Uma tendência começou, então, a aparecer: Tal como a protagonista da história, raparigas cultas e abastadas, geralmente entre os 13 e os 16 anos, com casamentos combinados, padeciam de mal de amor, deixando de comer e acabando por morrer. A esperança



destas adolescentes era poder escolher o seu destino após a morte, como fizera o fantasma de Liniang. Moribundas, muitas escreveram poemas de amor, publicados após a sua morte, nomeadamente Xia-oring e Yu Niang. Esta é uma história de ficção passada no Terraço Panorâmico onde os mortos espreitam os vivos. Fala no Espelho da Retribuição, no tribunal dos juízes

infernais e nos ritos do culto dos antepassados. Mas fala sobretudo nos sonhos e esperanças de uma menina que ainda quer ser noiva fantasma. Mais do que tudo, que não quer acreditar que morreu em vão.

\* O Pavilhão das Peónias subiu ao palco do Centro Cultural de Macau em Novembro de 2008. A obra serviu de pretexto para a jornalista e escritora Marta Curto recriar a história de amor que é contada na peça.





## 10 de Março 1655

Vivo através dos vivos. No Terraço Panorâmico, vejo as vidas deles, a vida que não desejei. Morri de mal de amor, deixando de comer enquanto ouvia a minha mãe ler O Pavilhão das Peónias, nos aposentos das mulheres. *Eu sou uma flor que tu fizeste desabrochar na escuridão da noite*, ouvia minha mãe dizer, como se Liniang fosse. Esperei por ti. Esperei que a morte me salvasse da vida cruel que o meu pai me guardava. Não queria cumprir o destino que ele traçara, casando com um qualquer oficial, velho ainda por cima, como ouvi a minha segunda Tia dizer à minha primeira Tia. Ouvia Liniang e sabia que ali estava a minha felicidade. Se morresse, encontrar-te – ia em sonhos, saberias quem eu era, pedirias ao meu pai a minha mão de noiva fantasma, trar-me-ias de volta à vida, como Meng-mei trouxe Liniang.

## 11 de Março 1655

Nunca pensei que o meu pai me traísse assim, após a minha morte.

Era um homem distante, sim. Pouco ligava à minha mãe, muito mais às concubinas. Nunca falou comigo como um pai, nunca me fez um carinho. Mas não o esperava tão cruel. Vejo a minha tábua de antepassada esquecida atrás da porta da biblioteca. Sem o ponto. Sem o ponto, não sou mais que um fantasma faminto, vagueando pelos céus, à es-

pera de ser lembrada.

Quarenta e nove dias após a minha morte, alguém devia ter pegado no pincel, molhado no sangue de galo e feito o ponto na minha tábua. Havia de ter sido um erudito, alguém letrado. Mas já passaram três anos e a minha mãe serviria bem.

## 12 de Março 1655

Sempre achei que os fantasmas famintos eram entes nojentos, fracos, pequenos. Agora, sou um deles. Muitos estão aqui por terem morrido longe de casa. Sem uma sepultura condigna, vagueiam como fantasmas até ao fim dos tempos.

Eu, sou um fantasma faminto porque sou mulher. E por ter morrido sem casar. Sempre soube que o meu pai teria preferido um rapaz, mas nasci eu. O mal poderia ter sido remendado com um bom casamento, mas morri antes de tempo. Ninguém respeita uma rapariga morta sem marido. Três meses após a minha morte, ouvi a minha mãe pedir ao esposo pela tábua, que já era tempo de a colocar no seu devido lugar. Ele logo lhe respondeu que seria uma afronta para com os antepassados da família. E ela nada pôde. É mulher.

Fez o que conseguiu. Sepultou-me com roupa acolchoada para eu não ter frio no Inverno, e teve o cuidado de não me colocar nada que tivesse pele, para eu

não renascer na forma de um animal. Mal sabe ela que estou presa entre dois mundos, agarrada à balastrada deste Terraço Panorâmico, com vista para os vivos mas sem nunca mais poder ser um deles.

## 13 de Março 1655

Ainda me lembro do medo que tive na fila da Ponte da Pesagem. Pouco tempo passara da minha morte e nada sabia do que me esperava. A balança era controlada por demónios burocratas, e descia ou subia conforme as acções em vida. Que alegria senti ao ver que era leve como uma pena! Depois passei para a Aldeia dos Cães Maus, onde os bons são bem recebidos e os maus são dilacerados. Saí ilesa.

Quando cheguei ao Espelho da Retribuição vinha ansiosa para ver no que me tornaria quando renascesse. Esperava poder ver a minha vida ao lado do meu Mengmei. Mas não vi nada. Uma mera imagem difusa.

Só entendi que era um fantasma faminto muito mais tarde, talvez um ano após a minha morte, quando duas raparigas, também mortas de mal de amor, me disseram. Não poderás subir ao Tribunal dos Juízes Infernais e ser julgada. Não poderás sair do Terraço Panorâmico das Almas Perdidas. O choque foi grande no início. Senti-me desesperada. Mas depois lembrei-me que o meu Mengmei

poderia salvar-me. Se eu o encontrasse em sonhos, ele poderia acordar e pedir ao meu pai para casar comigo. Logo o meu pai iria buscar a minha tábua atrás da porta da biblioteca, daria a tábua ao meu noivo, faríamos um casamento fantasma, usando a tábua no meu lugar, e seria ele a colocar o ponto, pois eu passaria a fazer parte da sua família. Mas já passaram três anos e ainda aqui estou.

## 14 de Março 1655

Não há esperança para mim. Quem me aceitará como noiva fantasma? Se não cheguei a conhecer o meu Mengmei, se nunca fui uma Liniang. Já andei por tantos sonhos, de tantos homens, e nunca te encontrei. Será que existes realmente? Será que o meu pai tinha razão ao dizer que o Pavilhão das Peónias só assombrava a cabeça de meninas ingénuas? Será que é tudo mentira? Que morri por nada?

Quantas vezes sonhei fazer nuvens e chuva<sup>1</sup> contigo, meu Mengmei. Como dizia Liniang, *um fantasma pode ser iludido pela paixão, uma mulher tem de prestar atenção aos rituais*. E agora que sou eu? Um fantasma, ou uma mulher? Ainda sinto as Sete Emoções<sup>2</sup>, ainda quero acreditar que sou humana. Mas como fantasma, faria nuvens e chuva contigo. Se pelo menos te encontrasse.

## A ópera Kun

O **Pavilhão** das Peónias é uma ópera Kun, cujo pico de popularidade aconteceu entre o final da Dinastia Ming e a metade da Dinastia Qing. Durante 200 anos, dominou o teatro chinês, já que a Ópera Cantonense e a de Pequim só surgiram mais tarde. Caracteriza-se pela abstracção, pela comunicação de estados de espírito, lirismo e poesia, combinando a literatura, música, dança e teatro. Na ópera Kun, a dança é acompanhada pelo canto, e este é feito em verso. Uma ópera Kun poderia levar semanas a representar, sendo comum, em Hangzhou ou Suzhou, ter-se companhias de ópera próprias, que actuavam nos pequenos jardins privados. Em 2001, a UNESCO classificou a Ópera Kun como uma das obras-primas do património oral e intangível da humanidade. ■



### 15 de Março 1655

Hoje deixei fluir o *qing*<sup>3</sup> com um homem que encontrei no Pavilhão da Primavera. Não é o primeiro. Já o fiz algumas vezes. Quando encontro alguém aberto ao *qing* renasce a esperança de ter encontrado o meu Mengmei.

Mas de manhã, este, como outros, foi logo contar à mãe que me vira em sonhos. O *li*<sup>4</sup> é demasiado forte nele, como já foi noutros. Toda a gente sabe que, se os vivos contarem que viram um espírito em sonhos, nunca mais poderão ser visitados.

A mãe colocou folhas de samambaia no portão para me afastar. Diz-se que cegam os espíritos, mas não é verdade. Não o voltarei a ver porque relatou a minha visita, mas a minha vista está perfeita.

### 16 de Março 1655

Ai, como tenho saudades de ouvir os escritos de Xiaoqing e Yu Niang. Valiam-me agora para consolar o desespero que é estar entre dois mundos, o desespero de sentir que a morte afinal foi em vão. O medo de admitir que o meu Mengmei não existe.

### 17 de Março 1655

Tenho fome, e a festa dos

Fantasma Famintos<sup>5</sup> ainda demora. No ano passado, passei fome. Não consegui chegar às oferendas que os vivos deixaram para nós. Morri muito fraca e a minha família não me faz oferendas, ainda mais fraca estou. Tentei ser tão forte quanto eles, empurrei, dei cotoveladas, mas os meus pezinhos de lírio doíam-me e só consegui chegar a uns poucos bolos de arroz.

### 18 de Março 1655

Já me cansei de seguir o meu pai, de visitar o Pavilhão de Ver a Lua, o Lago do Poente, ou de tentar passear pelas ruas. Não consigo dobrar esquinas apertadas e tenho de fazer tantos desvios que acabo por me cansar. Os meus pés de lírio ainda estão pouco habituados a andarem tanto.

Gostava tanto de lhes mudar as faixas, mas os vivos não pensam nisso. Preciso de enfaixar os pés de novo. Estes panos estão sujos e soltos. Andam aqui tantas mulheres de pés grandes, agricultoras ou manchus, por certo. E que orgulho tenho agora de mostrar os meus pezinhos minúsculos! Deslizo perante elas com a graça da minha condição, e agradeço à minha mãe todo o empenho que pôs no meu enfaixamento.



Pouco me lembro das dores que provocou no início. Recordo as lascas de osso que me dilaceravam a pele, dos dedos a tentar erguer-se, enquanto eram obrigados a colar-se à planta do pé. Mas o resultado valeu a pena por aqueles meses (terão sido anos?) de sacrifício. Aqui a vida continua como lá, e eu continuo orgulhosa dos meus pés de lírio e a abominar as mulheres de pés grandes.

### 19 de Março 1655

Receio, sim, ter sido tudo em vão, mas valem-me as reflexões e sonhos, escritos por outras mãos. Vivo através deles. E através deste Terraço onde vejo os vivos esquecerem que eu morri.

Todas as manhãs, Tze escrevia o que Chen Tong lhe ditava em sonhos. Tze tinha 15 anos, a mesma idade de Chen Tong quando morrera. Estávamos em 1655, na cidade de Hangzhou, China. ■

#### Notas do texto:

- 1: Fazer nuvens e chuva significa ter relações sexuais
- 2: As Sete Emoções são a Alegria, a Cólera, o Desejo, o Amor, a Tristeza, o Medo e o Ódio
- 3: O qing são as emoções profundas e o amor sentimental
- 4: Li é a sensatez e a razão
- 5: Entre Agosto e Setembro



## Duas Visões

Yao Jingming, poeta, professor na Universidade de Macau (UM) e tradutor de Eugénio de Andrade, entre outros poetas: “O Pavilhão das Peónias teve impacto porque descreveu, com coragem, a curiosidade da mulher pelo sexo, o que foi sempre um tabu numa sociedade regida rigorosamente pelo confucionismo. O imperador podia ter três mil concubinas mas as pessoas comuns não podiam namorar livremente.

O autor da ópera, Tang Xianzu (1550-1616), é dos maiores dramaturgos da China, tendo passado por Macau. Na minha opinião, esta ópera tem mais importância na literatura do que na vida real da mulher chinesa”.

Esta história foi renovada através da adaptação do escritor de Taiwan, Bai Xianyong, estando na moda nos últimos anos.

Tam Mei Leng, docente do departamento de Chinês, da UM:

“Tang Xian-zu acabou o Pavilhão das Peónias em Agosto de 1598, pouco depois de se demitir do cargo público que ocupava. Preferiu demitir-se por não suportar mais a burocracia da dinastia Ming, e nem esperou pela autorização imperial, limitando-se a abandonar as suas funções e regressar à sua cidade natal, LinChuan.

A burocracia e o comportamento dos académicos era muito estranha durante a maior parte da dinastia Ming. A maioria dos académicos e dos políticos era muito decente e honrada no trabalho, mas tinha uma vida dupla, indo a bordéis e adorando ver imagens pornográficas.

A hipocrisia das pessoas transformou o fim da dinastia Ming numa situação intolerável. Foi por isso que Tang escreveu esta história: Para exaltar o amor verdadeiro e mostrar que este sentimento tem o poder de fazer renascer as pessoas.

Tang quis mostrar a obra como um sonho entre um casal de namorados, ou seja uma história



de amor para intelectuais. Este álibi conseguiu convencer os académicos da dinastia Ming que adoraram a ópera, mas o verdadeiro objectivo do autor foi de mostrar a perda do amor, ou melhor, o coração real das pessoas.

O Pavilhão das Peónias foi banido no fim da Dinastia Qing, em 1868, com o Imperador Tongzhi. Mas não por muito tempo, já que os imperadores da dinastia Qing não desgostavam da obra. Aliás, só a baniram para mostrar a sua autoridade ao povo.

Nos anos 60, a ópera foi de novo banida na Revolução Cultural por razões políticas. Considerava-se que a obra representava o passado que se queria esquecer para reformar o país, para além de ser considerada demasiado lasciva.

Actualmente, a juventude não tem grande paciência para ler ópera chinesa, e não apreciam ouvir a ópera tradicional.

Mas quando se interessam por esta obra, conseguem sentir a vitalidade da peça. Conseguem rever-se naquelas palavras, e entender que a vida tem mais do que os bens materiais.

Há uns anos, um dos meus alunos disse-me que o Pavilhão das Peónias transmite realmente o que é a vida, e é isso que a juventude de Macau procura”. ■

## A peça 'O Pavilhão das Peónias'



A longa peça de 55 cenas, de Tang Xianzu (1550-1616), fala no amor de Liu Mengmei (cujo nome significa ameixoeira), um jovem estudante, e Tu Liniang, a filha de um alto oficial em Nan-an, na província de Kiangsi.

No jardim familiar, Tu Liniang adormece e sonha com um rapaz com quem acaba por ter relações sexuais no Pavilhão das Peónias. Ao acordar, não consegue esquecer o seu amado. Infeliz, deixa de comer e é-lhe diagnosticado mal de amor. Antes de morrer, Liniang pinta um auto-retrato e enterra-o debaixo de uma árvore do jardim, uma ameixoeira, onde mais tarde os seus restos são sepultados.

Pouco depois, o governador Tu, seu pai, é transferido para um posto militar no norte

de Kiangsu.

Liu Mengmei está a caminho de Kwangtung, onde vai fazer o exame imperial em Hangchow. Mas adoece e a sua recuperação faz-se na casa de Verão do jardim da família Tu.

Debaixo da árvore, Meng-mei encontra o retrato de Liniang, que encontrou em sonhos, e deseja revê-la. Os seus desejos são concedidos. Uma noite Liniang aparece-lhe e pede-lhe para abrir o caixão. Liniang é encontrada viva, tão fresca e bonita como sempre.

O casal vai então para Hangchow, onde Mengmei completa o exame, mas o anúncio do resultado da prova é atrasado pela crise nacional, provocada pela invasão de um líder rebelde. Preocupada com o seu pai, Liniang pede ao marido que procure o governador, levando o seu auto-retrato para se identificar. Por essa altura, o governador Tu já calara a rebelião. A vitória era celebrada com um banquete no seu escritório, quando chega Liu Meng-mei, clamando ser o genro do convidado de honra da festa.

O governador Tu, já informado da violação da sepultura da filha, suspeita tratar-se de um impostor. Prende-o e leva-lo sob escolta para Hangchow, onde pede uma audiência ao imperador.

Chegado a Hangchow, Liu Mengmei é salvo por um oficial, procurando o académico com honras de excelência no exame imperial. Por fim, numa audiência em frente do trono, Liu Mengmei prova a sua inocência com a ajuda da sua mulher ressuscitada.

A peça termina, como era habitual nestas obras, com uma promoção do oficial e uma reconciliação familiar. ■



José Manuel Simões (texto e fotos)

“Tenho a missão  
de expandir  
a língua portuguesa”

O seu maior desejo é ajudar o Mundo a aprender a “maravilhosa língua portuguesa”. Americano de nascimento, Joseph Abraham Levi é director do Centro de Línguas da Universidade de Hong Kong, especialista em literaturas e culturas lusófonas e em história e literatura colonial brasileira. Um professor que se sente um embaixador da língua portuguesa e que considera Portugal “um país demasiado modesto”. Levi aponta que “o Governo de Portugal não aposta no desenvolvimento e expansão do português”, língua que trata como se fosse a sua, e considera que a sua “ligação à pátria de Camões pode ter tido origem noutra vida”, quando, aponta, pode ter sido um judeu-português

“Minha história, minha viagem, é muito comprida e interessante. Comecei por estudar Estudos Africanos em Nápoles, Itália, onde estava a trabalhar para o Governo americano. Quando terminei a minha licenciatura fui para a Tanzânia onde dei aulas de História do Islão e de História Africana numa escola muçulmana. À noite ensinava inglês no instituto alemão. A esposa do director é portuguesa e foi ela que me apresentou esta língua maravilhosa que mudou completamente a minha vida”. Joseph Levi fala da descoberta do português com um sentimento tão profundo que até os olhos azuis brilham de regozijo. Ao decidir ir trabalhar no Algarve e posteriormente estudar na Universidade Clássica de Lisboa, certamente que não imaginaria que três meses depois já falasse a nossa língua. “Estudei português arcaico e

História de Portugal e quando voltei ao meu país, os Estados Unidos, decidi fazer mestrado e doutoramento na língua de Camões e Fernando Pessoa. Naquela altura a América não estava pronta para o diálogo inter-cultural e não me deixaram fazer o doutoramento em português com concentração na África de língua portuguesa, o que me levou a optar pela Linguística Românica com concentração em italiano, espanhol e português medieval. Todavia, fiquei impressionado comigo mesmo e com os resultados obtidos na aprendizagem do português”. Doutorando, optou por ir dar aulas de português em vários países, tendo como principal objectivo “ajudar o Mundo a aprender a língua portuguesa”. Nesse processo, passou pela primeira vez por Macau e Hong Kong onde trabalhou num projecto na área da Ciência e da Tecnologia. Começou assim a sua relação com o Oriente, intensificada mais recentemente quando, em Agosto de 2008, foi convidado para ser Director do Centro de Línguas da Universidade de Hong Kong. “Cheguei com um contrato de três anos e como consequência do facto de ensinar português desde 1986. São mais de 20 anos de ligação ao ensino de português e às culturas lusófonas”, explica, sempre modesto, jeito tímido de ser, para logo, surpreendentemente, afirmar: “sabe, nasci nos Estados Unidos mas considero-me português ou, mais ainda, lusófono. Em Portugal sinto-me em casa. Prefiro escrever em português do que em inglês. Para mim é uma questão de identidade. Sinto-me tão à vontade com a língua e com as culturas lusófonas que é um prazer fomentar esta relação. É por isso que digo que um professor que esteja a ensinar línguas e culturas e que não se sinta um embaixador dessa cultura não pode ensinar bem. E os alunos percebem isso. Acredito, aliás, que o meu sucesso no ensino do português advém desse facto”. Trata-se de um caso de paixão, de profundo interesse, mas também de conhecimento. “Tive a oportunidade

de ter uma licenciatura, mestrado e doutoramento em linguística portuguesa o que me permite ensinar aos alunos a origem das palavras. Enquanto um nativo de uma língua não sabe explicar a gramática, uma pessoa treinada em saber leccionar essa língua tem grandes vantagens. Estou convicto que estou a fazer um grande trabalho ao ensinar a língua portuguesa”, afirma, desta vez sem disfarçar uma ponta de orgulho.

### Obstáculos governamentais

A mágoa chega então de forma subtil mas reveladora de incompreensão quando analisa o investimento da parte do Governo português nesta área. “Não só não investe de forma capaz na língua como coloca obstáculos ao seu desenvolvimento. Durante as minhas visitas anuais a Portugal faço invariavelmente questão de ir ao Instituto Camões pedir para que se invista na promoção da cultura e língua portuguesa. Sem isso não podemos fazer com que os outros países se interessem por Portugal. Infelizmente isso parece não ser uma prioridade”, opina, justificando tal posição com o facto de Portugal ser demasiado modesto. “O Governo português deveria ter uma posição um pouco mais agressiva na forma de

propagandear a nossa língua. Por exemplo, o Brasil tem-se

mostrado mais capaz de ter um discurso aberto, o que faz com que as pessoas tenham interesse em aprender o português segundo o padrão brasileiro. Este é um dos poucos defeitos dos portugueses. Deveríamos colocar mais ênfase naquilo que Portugal fez no passado, pois foi quem abriu o Mundo à globalização, mas muito pouco se fala disso, ignorando-se que Portugal foi, em muitos aspectos, o primeiro”.

Joseph Levi possui um ideal de difícil concretização: o de deixar uma herança linguística e cultural para as novas gerações. “Tenho a sensação que depois de mim nada será feito”. Aliás, “essa é a minha grande amargura. O Governo português deveria ajudar-me a realizar esse sonho mas a verdade é que não faz nada”, lamenta.

### Sonho e missão

Em Hong Kong, só a sua universidade oferece o estudo da língua portuguesa e das culturas lusófonas. O seu esforço vai no sentido de implementar mais cadeiras e mais cursos de língua, cultura, linguística e literatura portuguesa. Porém, “infelizmente já encontrei muitas dificuldades em viabilizar o meu sonho de criar uma licenciatura completa em língua portuguesa e estudos lusófonos”, confessa.

Fala da língua portuguesa como sendo maravilhosa, um caso de paixão que não sabe como justificar.

“É como se me pedisse para descrever o amor. É um sentimento inexplicável. Porque é amor o que sinto pela língua portuguesa. Quando a ouvi pela primeira vez percebi que tinha encontrado algo que me faltava. Depois de ter atravessado o Guadiana e entrar em Portugal, senti-me tão bem, com uma paz interior tão grande, que não consigo entender. Senti-me em casa. Depois, gradualmente, aprendendo a

língua, falando com as pessoas, reforçando os conhecimentos da cultura portuguesa, fui-me sentindo cada vez mais à vontade. Não há uma





## Perfil

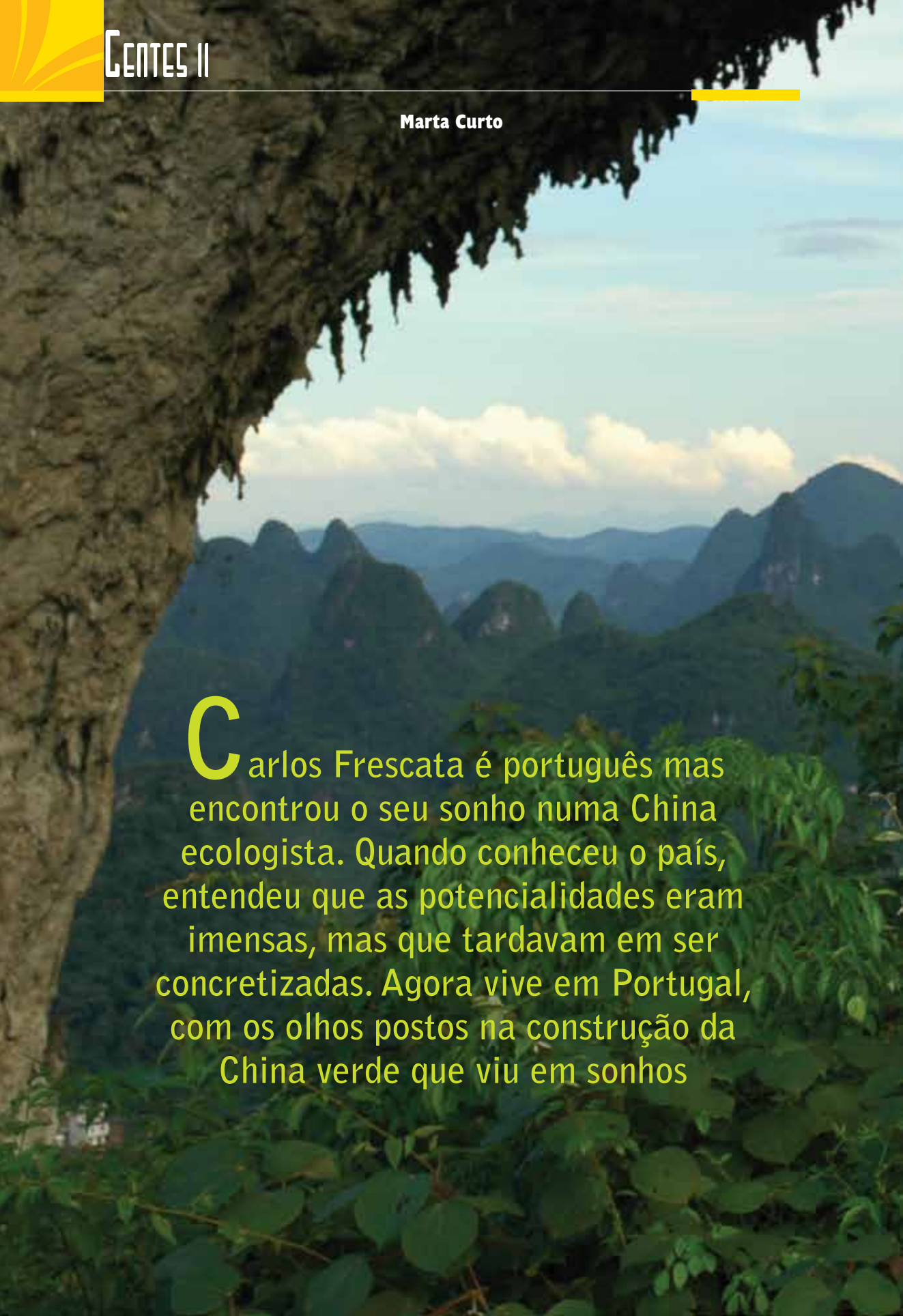
**Joseph Abraham Levi** é Professor Associado e Director do Centro de Línguas da Universidade de Hong Kong. Tem um doutoramento em Filologia Românica pela Universidade de Wisconsin-Madison, é laureado em Estudos Africanos e Islâmicos pelo Instituto Universitário Oriental de Nápoles, possui um mestrado em português e um mestrado em italiano, ambos pela Universidade de Wisconsin-Madison, e uma Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas, Brasileiras e Lusófonas pela Universidade de Lisboa. As suas publicações e os seus interesses académicos abrangem o período medieval ibérico e italiano; filologia e linguística portuguesas, espanholas e italianas; literaturas e culturas lusófonas; história e literatura colonial brasileira; o judaísmo ibérico e italiano; a Diáspora Sefardita; missionários em África e Ásia dos séculos XVI e XVIII, assim como estudos islâmicos e africanos. ■

*J.M.S.*



explicação racional. Só posso dizer que foi uma epifania. Foi como se tivesse encontrado um pedaço de mim que, desde que nasci, sabia que me faltava. Agora não posso mais viver sem a minha língua portuguesa e só espero morrer fazendo alguma coisa por ela e pelas culturas lusófonas". Mesmo que nunca antes tivesse pensado nisso, o professor acredita em algo de sobrenatural na sua relação com a língua portuguesa e com Portugal. E confessa: "quando me encontrei com a língua portuguesa foi como se estivesse a reencontrar-me com algo que tinha perdido. Pode ser que noutra vida eu tenha sido português. Algumas pessoas já me disseram que noutra vida eu fui judeu-português, sendo essa a explicação para o meu interesse


pelo mundo sefardita em língua portuguesa. Não vejo porque isso não possa ser verdade. Se não, como é que poderíamos explicar que em menos de três meses eu tenha aprendido português?" Há em Joseph uma ponta de tristeza, um ar compenetrado e pacífico, um jeito que nos remete para o fado e para a saudade. "Portugal tem algo de melancólico e a minha natureza também é assim. Sou sorumbático e estou sempre à espera que alguma coisa, boa ou má, possa acontecer". Colada à porta do seu gabinete está a frase "minha pátria é a minha língua", reflectindo o que este homem de bem sente e vive todos os dias. É que, diz, com os olhos azuis agora um pouco húmidos, "o português é de facto a minha pátria". ■



**C**arlos Frescata é português mas encontrou o seu sonho numa China ecologista. Quando conheceu o país, entendeu que as potencialidades eram imensas, mas que tardavam em ser concretizadas. Agora vive em Portugal, com os olhos postos na construção da China verde que viu em sonhos



Setembro, 2009

A man with glasses and a blue checkered shirt is smiling in a mountainous landscape. The background shows green foliage in the foreground and misty, blue-toned mountains in the distance under a soft sky. A large tree trunk is visible on the right side of the frame.

# O homem que se apaixonou pela China verde



Carlos Frescata era ainda menino e moço quando se começou a sentir fascinado pela China. Há 30 anos. Hoje vive em Portugal e tem 47 anos. A poluição afastou-o do Oriente. O que o fascinou foi o ambientalismo chinês. A entrevista faz-se por e-mail. O meio é frio, não se vê o sorriso vago, nem se sente a hesitação antes da resposta, mas nas palavras escritas ainda se consegue ler o fascínio de menino e moço. “Nasceu em mim o interesse pela China quando, em 1978, em pleno sonho juvenil sobre a possibilidade de se construir uma sociedade ambientalmente equilibrada no planeta, um companheiro de ideal, bem mais velho do que eu, me ter dito: ‘acabou-se tudo, a China aderiu ao nosso sistema’”. Em 1992, Carlos Frescata chegava enfim à China, numa viagem de investigação para o doutoramento em engenharia agrónomica. Quatro anos depois, fundava em Pequim a empresa cem por cento portuguesa *Beijing Biosani*, filha da sua empresa *Biosani*, de Palmela. Em 2007 lançava a publicação *Green China* e no ano passado lançou o livro *A China Obriga-nos a Mudar*. Na China conheceu a sua mulher, Cao Bei, com quem teve dois filhos, Carlos Nuno e Ana Bei. Actualmente, Frescata vive em Portugal, mas o seu elo à China não se fica pelas relações familiares. “Antes de chegar à China sabia que era o grande país do Mundo, mas nunca tinha tido ideia da sua verdadeira dimensão imperial, multimilenar, autónoma da Europa. Quer queiramos quer não, é extremamente fácil sermos eurocentristas. À China devo ter-me finalmente encontrado numa dimensão humana intercultural e multiracial”. A sinopse do seu livro *A China Obriga-nos a Mudar* explica que “acima de tudo, a China constitui para nós, ocidentais, uma oportunidade de redenção, por nos obrigar a mudar drasticamente de comportamento”.

Carlos admite que a China, ao ter adoptado modelos de consumo idênticos aos seguidos no Ocidente, aquando da industrialização, esgota o que resta do planeta. “Constitui a gota, grossa por sinal, que fará transbordar

o copo. A China, pelo seu efeito fulminante de absorção de recursos e de emissão de poluentes atmosféricos, está nesse âmbito a desempenhar um papel determinante para o despertar global”, explica Frescata, adiantando, no entanto, que, apesar, de ser aquele que mais recorre a fontes poluentes, a China é também o que vai chegando ao primeiro lugar no sector das energias renováveis. Não é por acaso que a primeira ecocidade mundial será inaugurada no próximo ano em Dongtan, próximo de Xangai. “Nesse âmbito, julgo que a China vai surpreender-nos com iniciativas cada vez mais originais e amadurecidas do ponto de vista intelectual”, explica.

## A poluição que o afastou

Carlos Frescata não pensa regressar à China. “Infelizmente, e por uma razão muito simples: a poluição. O irmão da minha mulher, com 44 anos, está a lutar contra um cancro nos pulmões”.

A partir da década de 80, a China começou a fazer quase tudo de novo e por essa época já se conheciam os modelos de sustentabilidade. Mas segundo o engenheiro, a China queria crescer depressa, estava saturada de esperar e o caminho a percorrer era gigantesco, pelo que recorreu aos métodos seguidos pelos países já desenvolvidos, aquando das suas revoluções industriais”. Para Frescata, Ocidente e Oriente estão, agora, no mesmo barco, afundando-se económica e ambientalmente, tendo as soluções de ser justas e equitativas “porque os poderes já não estão quase só a Ocidente, como durante os dois séculos anteriores. É nesta possibilidade do Encontro que reside para mim a grande oportunidade do fenómeno ‘China’, precisamente devido à sua ameaça”. Quando a China atingiu uma posição de quase superpotência, começou a manifestar as suas preocupações ambientais, nomeadamente no plano quinquenal anterior e mais claramente neste de 2006-2010. Foi também o primeiro país a apresentar um cálculo de PIB Verde, em 2006. “Apesar de, por vezes, estas medidas parecerem

somente cosméticas, o chamado *greenwashing*, revelam que uma nova China, mais consciente ecológica, está de facto a surgir e que todo o Mundo só terá a ganhar em que ela tenha sucesso quando tenta caminhar desse modo”.

Até lá, Carlos vive em Portugal, com a sua mulher Cao Bei, responsável por um sector da *Biosani* e pela gestão dos recursos humanos. “A minha mulher vive bem em Portugal, embora à chinesa, isto é, vivendo o seu mundo muito próprio e em profunda comunhão com outras amigas chinesas que aqui foi conhecendo”, explica o marido. Cao Bei cantava ópera em Pequim. Em Portugal canta o fado, dizendo que a guitarra toca a alma. Os filhos do casal, Carlos Nuno de nove e Ana Bei de dez anos, já estiveram cinco vezes na China. Todos os fins-de-semana a mãe dá-lhes aulas de mandarim, mas não são bilingues. Sentem-se claramente portugueses. ■



## A vantagem cultural da China

“Consiste na sua disciplina natural em seguir directrizes do poder central, salvaguardando os interesses colectivos em detrimento dos individuais. Um bom exemplo disso foi a polémica ‘política do filho único’. O Mundo ‘civilizado’ gosta de os criticar nesse aspecto, quando lhes devia estar grato pelo sacrifício que conseguiram manter, poupando a humanidade de uma explosão demográfica esmagadoramente mais grave do que a actual”, diz Carlos Frescata.

O engenheiro conta, meio a brincar meio a sério, que para compreender a China tem a vantagem de ter antes estudado a sociedade das abelhas. “Tal como um enxame, por vezes a China parece caótica, contudo há directrizes, invisíveis para nós, que mantêm tudo organizado, valorizando a colónia em detrimento do indivíduo”. Diz ele que aqui poderá estar uma chave para o sucesso chinês no futuro, nomeadamente a nível ambiental. ■

## Uma empresa cem por cento portuguesa em Pequim

A Beijing Biosani foi criada em 1996, com capital português, da empresa Biosani, sediada em Palmela, propriedade de Carlos Frescata e de Cao Bei. “Começámos com a produção de um medicamento adquirido nos hospitais da China, onde o meu cunhado tinha uma óptima relação comercial, tendo as encomendas sido superiores à nossa capacidade de produção”. Se tivesse ficado na China, Carlos teria conduzido a firma noutras direcções e nelas canalizado as energias de um jovem de 30 anos, mas em Portugal, começava a Biosani, dedicada a produtos ecológicos no combate a pragas agrícolas, a ter um notório crescimento, pelo que Frescata decidiu investir na empresa que mais prometia. “Entretanto, a Beijing Biosani continua, mas quase só à espera de novas oportunidades”. ■

# Aconteceu

## Turismo de Macau distinguido em Lisboa 2/7

Numa cerimónia realizada no Castelo de São Jorge, em Lisboa, a Representação do Turismo de Macau em Portugal foi distinguida com o prémio de Melhor Delegação Oficial Turismo. O prémio foi recebido pelo Chefe da Delegação Económica e Comercial de Macau em

Lisboa, Raimundo do Rosário, e pelo coordenador do Centro de Promoção e Informação Turística de Macau, em Portugal, Rodolfo Faustino.

A distinção foi atribuída pelo jornal Publituris – a mais antiga publicação profissional de turismo em Portugal. ■



## Desporto lusófono em Lisboa 19/7

Terminaram em Portugal os II Jogos da Lusofonia, que decorreram em Lisboa, Oeiras, Amadora, Sintra e Almada. De 11 a 19 de Julho, cerca de 1500 atletas de 12 países e territórios participaram em dez modalidades desportivas.

O Brasil foi o comité olímpico que mais medalhas levou para casa, com um total de 76 subidas ao pódio e 33 medalhas de ouro. A delegação do Comité Olímpico e Desportivo de Macau-China conquistou 12 medalhas, umas das quais de ouro na prova feminina de taekwondo + 67 quilogramas.

Os III Jogos da Lusofonia vão ter lugar em 2013, em Goa, na Índia, por decisão da Assembleia Geral da Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP), que também deliberou que Alex Vong, vice-presidente do Comité Olímpico de Macau-China e presidente do Instituto do Desporto de Macau, assume o cargo de presidente da Direcção da ACOLOP. ■

## Ilha da Montanha: protocolo assinado 10/7



Macau e Guangdong assinaram um protocolo de cooperação para a construção do campus da Universidade de Macau na Ilha da Montanha (Hengqin). O novo campus, que terá uma área de cerca de um quilómetro quadrado, será edificado num lote de terreno da ilha da Montanha que ficará, por 40 anos, sob jurisdição de

Macau, na sequência de uma decisão do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional. A fim de criar condições para que profissionais, trabalhadores e empresas do sector da construção civil de Macau possam, no âmbito da cooperação entre as duas regiões, participar na execução do projecto. ■





## Encontro de Jovens Macaenses

25/7

Cerca de 200 jovens macaenses de Macau e da diáspora estiveram reunidos na RAEM para o para o I Encontro Juvenil das Comunidades Macaenses, que decorreu de 19 a 25 de Julho. O encontro trouxe a Macau jovens das Casas de

Macau dos Estados Unidos, Canadá, Portugal, Brasil, Portugal e Austrália. Para um melhor entendimento da realidade social, económica e cultural de Macau, foram realizados seminários sobre o papel da RAEM no contexto das relações

entre a China e os Países de Língua Portuguesa, as novas infra-estruturas públicas de Macau e a gastronomia macaense. O programa incluiu também visitas ao centro histórico de Macau e uma visita de dois dias à província de Guangdong. ■

## Faleceu D. Domingos Lam

25/7

O Bispo Emérito da Diocese de Macau, Dom Domingos Lam, faleceu aos 81 anos. Nascido em 1928, sucedeu ao Bispo Dom Arquimínio Rodrigues, à testa da diocese de Macau, em Outubro de 1988, tendo sido o primeiro bispo chinês de Macau, cargo que abandonou em 2003, dando lugar a Dom José Lai. ■



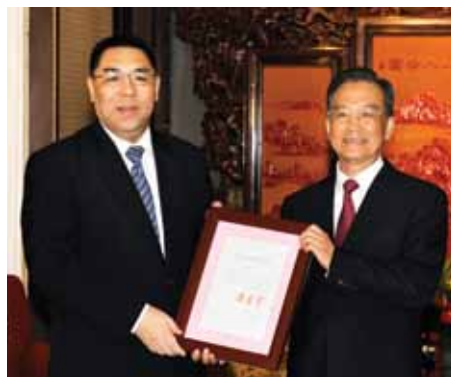
## Operadoras de jogo criam câmara

28/7

Foi formalizada a criação da Câmara de Concessionárias e Subconcessionárias de Jogos de Fortuna e Azar de Macau. A Associação junta as seis operadoras de jogo que detêm licenças de concessão e subconcessão para exploração do jogo em Macau: Sociedade de Jogos de Macau (SJM), Wynn, Las Vegas Sands, Melco PBL, MGM Grand Paradise e Galaxy. Stanley Ho, patrão da SJM, é o primeiro presidente desta associação que tem como prioridade cooperar no sentido da fixação de um valor máximo das comissões a pagar pelos operadores aos promotores de jogo VIP. ■



## Chui Sai On nomeado Chefe do Executivo 10/8



**Em cima**  
Chui Sai On com o Presidente Hu Jintao  
**Ao centro**  
Recebendo o decreto da sua nomeação do primeiro-ministro Wen Jiabao  
**Em baixo**  
No encontro que teve com os jornalistas em Pequim

O antigo secretário do Governo da RAEM para os Assuntos Sociais e Cultura, Chui Sai On, foi nomeado pelo Conselho de Estado como futuro Chefe do Executivo da Região, a partir do dia 20 de Dezembro. A aprovação pelo Conselho de Estado é a última etapa do processo de elei-



ção do Chefe do Executivo de Macau. A 26 de Julho 282 dos 300 membros da Comissão Eleitoral, escolheram-no como sucessor do actual Chefe do Executivo, Edmund Ho. “Durante o seu manda-

to, Chui Sai On conseguirá liderar o Governo e a população de Macau no sentido de se criarem novas condições para a prosperidade da Região”, disse o primeiro-ministro Wen Jiabao durante a reunião do Conselho de Estado que promulgou o decreto de nomeação. Sublinhou ainda que Chui Sai On “foi um importante elemento da equipa governativa dos últimos dez anos”. “Chui Sai On apoiou firmemente o Chefe do Executivo, Edmund Ho, e alcançou metas no seu campo de actuação, tendo ainda acumulado capacidade de liderança e uma experiência vasta na Administração”, disse ainda o primeiro-ministro. Depois da sua nomeação, Chui Sai On foi recebido, em Pequim, por Wen Jiabao e pelo Presidente Hu Jintao. ■

Augusto Vilela (texto) e Salvador Esteves (fotos)

## Nova era na cooperação luso-chinesa

Portugal e a República Popular da China abriram em Agosto um novo, amplo e promissor ciclo de relações de cooperação, abrangendo variados domínios nas áreas económica, científica, cultural e de inovação, no âmbito do programa que fora estabele-

por ser adiada, devido aos acontecimentos ocorridos na província de Xinjiang. No entanto, manteve-se a realização do Fórum Económico e Comercial luso-chinês. Praticamente todos os sectores, desde a electromecânica à alta tecnologia, passando pela

O Fórum de Cooperação Económica e Comercial Portugal-China foi promovido pelo Ministério do Comércio da China (MOF-COM) e pelo Ministério da Economia e da Inovação de Portugal (MEI) e co-organizado pela Agência para a Promoção do Investimento da China (CIPA) e pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP). Um número recorde de empresários chineses participou no evento. Em Lisboa reuniram-se, ao todo, 400 empresários de ambos os países, sob a égide do Ministro do Comércio da China, Chen Demin e do Ministro das Finanças e da Economia e da Inovação de Portugal, Fernando Teixeira dos Santos, acompanhados pelos Vice-Ministro do Comércio da China, Gao Hucheng, chefe da delegação chinesa, e do Secretário de Estado Adjunto da Indústria e Inovação de Portugal, António Castro Guerra. Intervenções dos responsáveis chineses e portugueses definiram o quadro em que decorre esta acção de cooperação bilateral.



lecido para a visita oficial do Presidente Hu Jintao a Portugal. Esta visita, que se revestia de importante simbolismo político, pois tinha como cenário de fundo assinalar o trigésimo aniversário das relações diplomáticas entre os dois países, acabaria

exploração de energia, recursos naturais, produtos e máquinas têxteis, produtos alimentares e agro-industriais, bens ligeiramente industrializados, logística e comércio de serviços, cooperação no investimento, estiveram presentes.



Neste contexto, Chen Demin lembrou que, sobretudo desde o estabelecimento da parceria estratégica global de 2005, os dois países têm registado um desenvolvimento nas relações bilaterais e na cooperação económica-comercial iniciando um período de crescimento historicamente mais rápido.

Para aumentar a expressão da cooperação entre Portugal e a China, Chen Demin considerou quatro pontos essenciais: manter com esforço o equilíbrio das trocas comerciais, promover a cooperação no investimento recíproco, enriquecer o conteúdo do Fórum de Macau e ampliar o intercâmbio e a cooperação, tanto a nível governamental como empresarial.

Neste quadro geral, a parte chinesa apresentou a sua política de incentivos ao investimento recíproco, ao desenvolvimento de alta tecnologia e às respecti-

vas feiras e exposições, tais como a Feira de Cantão, a Feira Internacional de Alta Tecnologia da China, a Feira Internacional de Investimento e Comércio da China e outros eventos.

No seu discurso, o Ministro do Comércio da República Popular da China afirmou ainda que, por ocasião do trigésimo aniversário do estabelecimento do relacionamento entre a China e Portugal, “olhamos para o novo início da história do relacionamento bilateral” e que “a parte chinesa está disposta a, de mãos dadas com a parte portuguesa, promover o maior avanço da cooperação económico-comercial bilateral com base em inovações constantes”.

Por sua vez, os responsáveis portugueses apresentaram a situação económica, política, o ambiente de investimento e produtos mais competitivos como facto-

## Acordos e protocolos para diversos sectores

**O Fórum** de Cooperação Económica e Comercial Portugal-China desenvolveu-se a três níveis (governos, instituições sectoriais e empresariais) permitindo a conclusão e assinatura de vasto conjunto de protocolos, acordos comerciais e institucionais, a começar por um memorando de entendimento entre o Ministério do Comércio da China e o Ministério da Economia e Inovação de Portugal, para reforçar a cooperação entre as pequenas e médias empresas, oferecendo-lhes acesso a informações para facilitar a exploração dos respectivos mercados.

O Centro de Comércio Externo da China assinou acordos de parceria com a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa e a Associação Comercial de Lisboa. Por outro lado foi obtido um consenso entre a Agência de Promoção de Investimento do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China e a AICEP, oferecendo às empresas melhores serviços para a sua cooperação

no investimento e comércio.

Empresas das duas partes assinaram também um pacote de contratos comerciais e protocolos de intenções abrangendo as áreas de exploração de novas energias, cooperação logística e aquisição de café, azeite, vinho, mármore, móveis e produtos alimentares, entre outros.

A empresa chinesa Hailite Windpower Company sediada em Wenzhou na Província de Zhejiang e a portuguesa EDP (Electricidade de Portugal) vão explorar conjuntamente a energia no centro da Província de Jiangsu, sul de Zhejiang e norte de Fujian, no valor de 294 a 441 milhões de dólares para a fase inicial do investimento.

A Nam Kwong (Group) e a portuguesa Mota-Engil vão cooperar na construção de uma plataforma logística no Poceirão, próximo do local previsto para a construção do futuro aeroporto internacional de Lisboa. ■

res positivos que Portugal oferece. Basílio Horta, presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, destacou a vantagem competitiva do país, lembrando que é o nono país do mundo em termos de segurança e possui modernas infra-estruturas.

Referiu também o grande avanço português no sector das energias renováveis e apresentou Portugal não como país periférico europeu, como geralmente é considerado, mas como detentor de uma posição geográfica estratégica de país central, localizado entre os países que mais consomem no mundo, ou seja, fronteira entre a Europa e os Estados Unidos. A ligação de Portugal aos países africanos de língua oficial portuguesa, à África em geral e à América Latina, foram outros aspectos destacados pelo dirigente português. “No Atlântico Sul nada poderá acontecer que

não tenha a interferência dos países que falam português” – afirmou. Basílio Horta referiu-se também à força de trabalho portuguesa, apresentando como exemplo a Auto Europa que, no universo industrial da Volkswagen, é a fábrica nº 1 em produtividade a nível mundial.

Em síntese, o presidente da AICEP fez um apelo ao investimento chinês “para projectos que tragam inovação e valor acrescentado”, afirmando que para isso haverá incentivos, e considerou que este evento marca o início de uma nova era entre Portugal e a China. Nesse sentido revelou duas iniciativas já programadas: a deslocação proximamente a Portugal de um grupo de empresários chineses para contactos com os seus parceiros portugueses e a Semana de Portugal na Feira de Xangai, que mostrará tudo aquilo que é hoje a moderna economia portuguesa. ■

## Mota-Engil e Nam Kwong ligadas numa Plataforma Logística Atlântica

**Em 2006**, o Governo português lançou um programa designado Portugal Logístico, que consiste na criação de uma rede complementar de plataformas logísticas em todo o território do país. Este programa visava promover a racionalização da actividade logística, fomentar a intermodalidade, promover ganhos ambientais e desenvolver a economia. Para isso foi definida uma rede de 11 plataformas logísticas, com objectivos distintos, sendo a do Poceirão a maior de todas.

Os promotores do projecto são a Mota-Engil, através das empresas TERTIR, a Odebrecht, a Opway e o grupo Espírito Santo, que constituíram uma sociedade denominada LOGZ-ATLANTIC HUB SA, responsável pelo respectivo desenvolvimento.

A Plataforma Logística do Poceirão será desenvolvida numa área de 600 hectares e com um investimento total de 85 milhões de euros. Ficará localizada no concelho de Palmela, a 35 quilómetros de Lisboa

e a 15 quilómetros da localização prevista para o novo aeroporto internacional de Lisboa, junto ao nó ferroviário que permite ligar os portos de Setúbal, Sines e Lisboa, para posterior ligação a Espanha pela linha para Badajoz.

Entre a Mota-Engil e a Nam Kwong foi estabelecida uma parceria para estudos dessa plataforma logística atlântica, mediante um acordo celebrado em Janeiro de 2007, aquando da visita oficial do primeiro-ministro português à China.

O passo mais recente foi, agora, a constituição da sociedade conjunta CHINALOG, detida em partes iguais pela Mota-Engil através da Tertir e pela Nam Kwong, que fará a promoção no mercado chinês e prestará um conjunto de serviços de consultoria às empresas chinesas, nomeadamente as que pretendem estabelecer uma base na Península Ibérica, podendo servir outros mercados da CPLP, nomeadamente Angola. ■

Luís Ortet

# Guangdong marca presença no Brasil

A presença de uma delegação de Guangdong, juntamente com a de Macau, foi uma das tónicas marcantes do encontro empresarial sino-lusófono deste ano, que decorreu na cidade brasileira do Rio de Janeiro



Entre 11 e 13 de Agosto, empresários da China e de países de língua portuguesa estiveram reunidos na cidade brasileira do Rio de Janeiro, no Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa – Edição Brasil. Foi a quinta edição deste tipo de encontros, no âmbito do Fórum para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, lançado pelas autoridades chinesas em 2003. Os anteriores encontros empresariais realizaram-se, a partir de 2005, em Angola (Luanda), Portugal (Lisboa), Moçambique (Maputo) e Cabo Verde (Praia).

Esta edição foi promovida pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX), com o apoio do Conselho de Promoção do Comércio Internacional da China (CCPIT) e do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). O encontro

reuniu empresários de Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, além das delegações de Macau e do Continente chinês.

Ao fazer o balanço do encontro numa conferência de imprensa, já em Macau, o presidente do IPIM, Lee Peng Hong, disse que esta a edição com maior número de participantes de sempre, tendo sido assinados diversos protocolos de cooperação e feitas mais de 400 bolsas de contacto. Aliás, uma das tónicas deste encontro foi a presença destacada de uma delegação da província chinesa de Guangdong, vizinha de Macau, chefiada pelo seu vice-governador Wan Qinliang. Esta participação conjunta da província e da vizinha Região Administrativa Especial de Macau tem a ver com a implementação das Linhas Gerais do Plano de Reforma e Desenvolvimento do Delta do Rio das Pérolas, lançadas recentemente



te pelo Governo chinês, visando um desenvolvimento integrado de toda a região do Delta do Rio das Pérolas, incluindo Macau e Guangdong. Esse mesmo espírito presidiu à realização, à margem do encontro empresarial, de um seminário que teve lugar em S. Paulo, onde empresários de Guangdong e Macau divulgaram as oportunidades de negócio proporcionadas pelo desenvolvimento do Grande Delta do Rio das Pérolas. “Macau poderá apoiar as empresas e os investidores brasileiros a entrarem no potencial mercado consumidor de Guangdong”, disse Lee Peng Hong no seminário de S. Paulo. Referiu ainda a existência de “um mecanismo de cooperação (do IPIM) com todas as agências de exportação dos países de língua portuguesa”. Por seu turno, o vice-governador de Guangdong, Wan Qingliang, defendeu o reforço da cooperação entre o Brasil e a China e as vantagens oferecidas pela província. “Guangdong é a província de maior desenvolvimento económico de toda a China”, disse. Finalmente, o presidente da Apex-Brasil, Alessandro Teixeira considerou “inevitável” que as empresas exportadoras e

importadoras brasileiras se venham a instalar em Macau nos próximos anos, apontando, entre outras constatações, o facto de a economia de Macau ter crescido 27% em 2008, o que constitui um dos maiores crescimentos económicos do mundo.

A China é presentemente o maior parceiro comercial do Brasil, tendo este ano ultrapassado os Estados Unidos da América.

Em Abril, as trocas comerciais sino-brasileiras atingiram 3,2 mil milhões de dólares, ao passo que o comércio entre o Brasil e os Estados Unidos da América contabilizou-se em 2,8 mil milhões de dólares. De Janeiro a Abril de 2009 as trocas comerciais entre a China e o Brasil alcançaram 10,2 mil milhões de dólares, um acréscimo de 13,9%, face ao mesmo período do ano anterior (8,9 mil milhões de dólares).

A próxima edição do Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, em 2010, terá lugar em Lisboa, segundo anunciaram os organizadores durante o encerramento da edição brasileira do encontro. ■

## MIF em Outubro

A Feira Internacional de Macau (MIF) realiza-se este ano entre os dias 22 e 25 de Outubro, no *hotel-resort The Venetian Macao*. No decurso de uma conferência de imprensa em que abordou o assunto, o presidente do IPIM estabeleceu uma correlação entre o encontro empresarial do Brasil e a realização, dois meses depois, da MIF, considerando que, “Macau reforçou o seu papel de plataforma” e que o certame poderá per-

mitir a concretização de oportunidades geradas no Brasil.

Por outro lado, apesar de o mundo ainda viver em ambiente de crise internacional, Lee Peng Hong manifestou a esperança de que a MIF venha a ser um sucesso e disse que a edição deste ano ocupará uma área muito maior do que a das anteriores. Por outro lado, sublinhou o “significado especial” derivado do facto de este ano se celebrar o décimo



aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). ■



# FESTIVAL INTERNACIONAL DE MUSICA DE MACAU

São 21 propostas provenientes do Reino Unido, Alemanha, Áustria, Itália, República Checa, Polónia, Portugal, EUA, Argentina, Venezuela, Singapura e Austrália, para além do Interior da China, que em Outubro e princípios de Novembro vão colorir os palcos de Macau de sons antigos e experimentais





O vasto programa concebido para o festival, que vai da ópera à música sinfónica, música coral, música de câmara, música contemporânea, música *folk*, *pop*, música de fusão e *jazz*, proporcionado por um leque impressionante de artistas e agrupamentos, procura oferecer um encontro dinâmico entre Oriente e Ocidente. E o FIMM aposta novamente em *workshops* e conferências sobre os eventos, com o objectivo de estimular o interesse da população pela música.

**9 de Outubro a 8 de Novembro de 2009**

### Orquestra de Macau

#### The Butterfly Lovers

Trata-se de um concerto Comemorativo do 60º Aniversário da República Popular da China em que a Orquestra de Macau apresenta algumas obras de autores chineses.

Este concerto conta com o pianista Shi Shucheng, solista no histórico Concerto para Piano "O Rio Amarelo", e ainda a violinista Yu Lina, que estreou o Concerto para Violino "Butterfly Lovers" há cinquenta anos. Aos dois músicos junta-se ainda o maestro chinês Chen Xieyang, ex-Director Musical da Orquestra Sinfónica de Xangai.

*9 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*

### Orquestra Chinesa de Macau

#### A Era do Dragão

A Orquestra Chinesa de Macau dá vida à Abertura "Celebração" de Zhao Jiping, à melodia popular Noite Bela de Liu Tianhua e ao Concerto para Pipa "Hua Mulan" de Gu Guanren. Referência ainda para as obras de Kuan Nai Chung: "Sonho de Borboleta" para Dizi e Orquestra e o Concerto para Percussão "A Era do Dragão". A fechar, a Orquestra fala ao coração de todos com a Dança de Alegria de Quan Jihao.

*10 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



## Academia de Música Antiga

Concerto Comemorativo do 200º Aniversário do Nascimento de Joseph Haydn - Reino Unido

A Academia de Música Antiga especializou-se em tocar instrumentos de época. Sob a direcção de Christopher Hogwood, a Academia de Música Antiga, formada em 1973, estabeleceu-se como uma autoridade na forma como a música era executada.

Em Macau a Academia de Música Antiga assinala os 200 anos do nascimento de Joseph Haydn, talvez o mais prolífico compositor de todos os tempos. Deixou mais de 1200 composições entre sinfonias, óperas, oratórias, missas, música de câmara e obras vocais.

*11 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



## Quarteto Szymanowski – Polónia

Desde a sua fundação em Varsóvia em 1995, tornou-se um quarteto de cordas verdadeiramente carismático. O Quarteto Szymanowski soma já muitos prémios em concursos de renome, tais como o primeiro prémio no Concurso Prémio Vittorio Gui em Florença e no Concurso *In Memoriam Dimitri Shostakovich* em Hanôver.

*12 de Outubro, Teatro Dom Pedro V*



## Xuefei Yang e Natalie Clein

Recital de Guitarra Clássica e Violoncelo - Reino Unido

A guitarrista clássica chinesa Xuefei Yang associa-se neste invulgar concerto à violoncelista britânica Natalie Clein, nomeada “BBC Musician of the Year” em 1994. Com carreiras já reconhecidas internacionalmente as instrumentistas colaboram num evocativo programa de música para violoncelo e guitarra clássica.

*13 de Outubro, Teatro Dom Pedro V*



## Hudson Shad:

Comediantes, Cowboys, Crooners e Clássicos - EUA

Os seis homens de Chicago que se intitulam “Hudson Chad” produzem-se à imagem do grupo alemão - The Comedian Harmonists - formado em 1927, um dos agrupamentos musicais europeus mais famosos do período de antes da II Guerra Mundial.

Embora cantem o repertório original dos The Comedian Harmonists, os Hudson Shad não se limitam à imitação, tendo criado a sua imagem própria, apresentando também canções americanas dos anos 20, sucessos dos anos 30, 40, 50 e 60 do século passado, e ainda clássicos com orquestra.

*14 de Outubro, Teatro Dom Pedro V*



## Orquestra Chinesa de Macau Convida Lily Chen

Lily Chen, conhecida como a “Rainha da Hi-fi” na China, começou a gravar discos com apenas 10 anos de idade. O seu último álbum, 1.825M, foi um dos “10 Álbuns de Hi-fi” do Ano em 2005.

Em três concertos com a Orquestra Chinesa de Macau, Lily Chen recordará êxitos inesquecíveis, reafirmando-se como uma das estrelas chinesas mais populares do momento.

*16 a 18 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*

## Flexible Music/Ensemble “Link Together” EUA/Alemanha

O agrupamento Flexible Music é composto por quatro jovens americanos que cruza a linha entre o jazz, o rock e a música clássica. Desde 2003, o grupo encomendou cerca de 30 peças a compositores como Nico Muhly, Orianna Webb, Vineet Shende, John Link, e Adam B. Silverman.

O agrupamento de jazz contemporâneo “Link Together”, radicado em Berlim, trabalha na síntese de ritmos não-europeus, música tradicional chinesa, e sons e estruturas contemporâneos com influências do jazz e improvisação livre.

*20 de Outubro, Teatro Dom Pedro V*



## Orquestra Sinfónica de Sydney - Austrália

Em Janeiro de 2009, o pianista e maestro Vladimir Ashkenazy assumiu o cargo de Maestro Principal e Conselheiro Artístico da Sinfónica de Sydney, a principal orquestra australiana cujas temporadas contam sempre por um alinhamento de solistas de renome internacional e dos músicos australianos. A Orquestra, que já conta com 77 anos, apresentará em Macau um programa eclético que inclui as enigmáticas Variações Enigma de Elgar.

*22 de Outubro, Grande Auditório Centro Cultural de Macau*



## Daria Masiero e Elena Belfiore

Recital de Música Sacra - Itália

Um concerto de música sacra em que a soprano Daria Masiero, vencedora do Concurso BBC-Cardiff Singer of the World 2005, associa-se à meio-soprano Elena Belfiore.

Acompanhadas pelo pianista americano e veterano de outras edições deste Festival Internacional de Música, Lorn Richstone, as cantoras italianas vão entoar peças mais conhecidas como Avé Maria de Schubert, e obras de Gounod, Mozart e Mascagni, mas também outras peças sacras menos conhecidas.

*23 de Outubro, Igreja de S. Domingos*





## Orquestra Filarmónica da Rádio Alemã

Alemanha

A Deutsche Radio Philharmonie (DRP) é o primeiro agrupamento sinfónico a ser formado pela fusão de duas orquestras da rádio. Constituído em Setembro de 2007 e sediado em Saarbrücken e em Kaiserslautern, pretende dar continuidade às tradições de duas instituições consagradas - a *Rundfunk-Sinfonieorchester Saarbrücken* e a *Rundfunkorchester Kaiserslautern*.

Com 114 músicos, é uma das maiores orquestras da rede pública de rádio alemã, possuindo um repertório muito diverso e oferecendo programas invulgares.

O Maestro Principal da *DRP*, Christopher Poppen dirigirá a estreia em Macau da *Serenata para Tenor, Trompa e Cordas de Britten*.

*24 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*

## Pequenos Cantores de Viena - Áustria

O coro austríaco está de regresso a Macau com novas músicas. Purcell, Durufle e Haydn dão os primeiros passos nas partituras, aquecendo as vozes para uma selecção das canções seculares *Carmina Burana* de Orff. Polcas e valsas de Strauss vão abrindo caminho a canções populares austríacas, embalando para temas pop e rock de grupos contemporâneos como os Abba ou os Queen. Andy Icochea Icochea conduz o Schubertchor dos Pequenos Cantores de Viena, lançando âncora nas águas profundas da tradição austríaca.

*25 de Outubro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*

## Delfins

25 Anos, 25 Êxitos 1 Abraço - Portugal

Voltamos atrás no tempo, ao início dos anos 80 do século passado altura em que três adolescentes começam a tocar numa garagem de Cascais, em Portugal. Em 1981 Miguel Ângelo junta-se ao grupo e viria a ser vocalista da banda Delfins, nascida em 1984. O seu primeiro álbum foi lançado em 1987.

Em Julho de 2008, os Delfins anunciam o fim da sua carreira como banda e planeiam abandonar os palcos em 2009, ano em que completam 25 anos de carreira. O seu último concerto está marcado para 31 de Dezembro de 2009, em Cascais.

*26 de Outubro, Fortaleza do Monte*

## Coro de Câmara de Praga - República Checa

Afinadas pelo maestro Josef Pancik, as 18 vozes do Coro de Câmara de Praga regressam a Macau para apresentar um programa diverso de música sacra, que se estende do séc. XVI ao séc. XX, e que inclui obras de Gallus, Mendelssohn, Tchaikovsky, Bruckner e Ra-





chmaninov. O compositor checo Antonin Dvorak, revelado na sua Missa em Ré Maior, encerra o concerto num esplendor boémio.

*27 de Outubro, Igreja de S. Domingos*

## Nova Iorque Vista e Ouvida

Com Paul D. Miller aka DJ Spooky e MILK & JADE by Dana Leong

Paul D. Miller aka DJ Spooky é um escritor, artista e músico premiado que vive e trabalha em Nova Iorque. Já actuou em locais como Tate Modern, Muesu Guggenheim Museum e no Ódeon de Herodes Ático na Acrópole em Atenas.

O violoncelista e compositor de *electro-jazz* Dana Leong combina *hip-hop*, *jazz* e electrónica para criar o seu próprio som. Frequentemente referido como o “Yo-Yo Ma de alta-definição”, Dana revolucionou o violoncelo através do uso pioneiro da amplificação, melodias líricas e colagem e improvisação de texturas de *jazz*.

*28 de Outubro, Fortaleza do Monte*

## Buraka Som Sistema

Kuduro Electrónico - Portugal

Os ritmos frenéticos do Kuduro angolano invadiram as discotecas lisboetas nos finais dos anos 90 do século passado. Lil’John, Riot e Conductor, que constituem os Buraka Som Sistema, juntaram as influências da música da sua cultura, e fundiram-na com a inspiração tirada de géneros musicais tão diversos como o *techno*, o *drum’n’bass*, o *hip-hop* e a música de dança, criando um som totalmente novo.

Enquanto o Ocidente mal tinha aprendido a classificar essa música suburbana, que germinou das novas metrópoles do mundo globalizado, o grupo pegou nos cânones desse *electro-ghettotech* e acrescentou outro ponto de influência geográfica à pista de dança por onde passava, contaminando meio mundo, com uma África reinventada.

*30 de Outubro, Fortaleza do Monte*

## Quarteto T’ang e John Chen

Singapura/ Nova Zelândia

Os membros do Quarteto T’ang, constituído em 1992, formaram-se individualmente em Londres e Moscovo, tendo obtido reconhecimento internacional em eventos como o Festival Tanglewood nos EUA, festivais de música de Melbourne e Camberra, Festival Internacional de Artes da Nova Zelândia, Festival de Artes de Singapura, Festival Internacional de Edimburgo e em salas como o *Wigmore Hall* de Londres.

John Chen é um dos principais músicos da Nova Zelân-



dia. Em 2004, com apenas 18 anos de idade, tornou-se o mais jovem vencedor do Concurso Internacional de Piano de Sydney.

*31 de Outubro, Teatro Dom Pedro V*

### **Harlem Blues and Jazz Band - EUA**

A Harlem Blues and Jazz Band é a banda mais autêntica de *swing*. Inclui como vedetas músicos veteranos de *jazz* e *blues* - com idades entre os 64 e os 93 anos - cujas raízes remontam ao período clássico dos anos 20 e 30.

Junta desde 1973, esta banda participou em eventos como "Jumping at the Woodside" e "Stomping at the Savoy", com Duke Ellington, Cab Calloway, Count Basie, Lionel Hampton, "Fats" Waller, Louis Armstrong e Billie Holiday. Estes são os artistas que criaram um novo género musical para a América.

*1 de Novembro, Fortaleza do Monte*

### **Grupo de Percussão An Zhi Shun/ Orfeão Juvenil da Mongólia Interior - China**

O Grupo de Percussão foi fundado por An Zhishun, o mestre de percussão conhecido como "o Rei dos Tambores", e pela bailarina Zhizuko Miya. Foi o primeiro grupo de percussão profissional privado no país, e o único do Interior da China a actuar nas Cerimónias de Transferência de Soberania de Hong Kong em 1997. Fundado em Março de 1987, o Orfeão Juvenil da Mongólia Interior é pioneiro na integração das artes da percussão oriental e ocidental.

O orfeão actuou já na Ópera de Sydney, Salão de Concertos de Viena, Ópera de Xangai, Sala de Concertos de Pequim e Centro Cultural de Hong Kong.

*3 de Novembro, Fortaleza do Monte*

### **Marco Granados e Un Mundo Ensemble/ Quinteto Novo Tango Pablo Ziegler - Venezuela/ Argentina**

Marco Granados formou um conjunto de músicos com o objectivo de divulgar a agitação, paixão e energia da música da Venezuela e da América Latina. A música venezuelana é caracterizada por melodias alegres, complexos ritmos sincopados e harmonias "jazzísticas" que combinam as tradições das culturas africana, europeia e nativa com um toque de sofisticação verdadeiramente único. O casamento entre o *jazz* e o tango era virtualmente desconhecido há trinta anos, até Pablo Ziegler, pianista de Astor Piazzolla, surgir no panorama musical, combinando os ritmos ardentes do tango com a espontaneidade enérgica do *jazz*.

*5 de Novembro, Fortaleza do Monte*







## Ópera de São Francisco

Le Nozze di Figaro - EUA

O enredo da ópera *As Bodas de Figaro* de W. A. Mozart desenrola-se no castelo do Conde Almaviva em Sevilha, em finais do séc. XVIII. Baseia-se na peça *La Folle Journée*, ou *Le Mariage de Figaro* de Beaumarchais, de 1784, uma seqüela da sua peça anterior - *O Barbeiro de Sevilha*. Em *Le Mariage de Figaro*, o Conde Almaviva, com a ajuda de Fígaro, faz a corte e acaba por subtrair a adorável Rosina ao seu velho e mal-humorado guardião e aspirante a marido, Dr. Bartolo.

Nas "Bodas de Fígaro", Beaumarchais dá continuidade à história. O Conde casou com Rosina, mas o seu casamento azedou devido às suas infidelidades. Fígaro deixou de ser barbeiro e tornou-se mordomo do Conde e está noivo de Suzanna, a aia da Condessa Rosina – que por sua vez é desejada pelo Conde. O velho Bartolo está de volta para se vingar de Fígaro por este lhe ter roubado Rosina, e conta com a ajuda do servil mestre de música, Don Basilio. A juntar à diversão contam-se ainda um adolescente apaixonado, uma velha criada intriguista, um jardineiro bêbado e uma jovem imbecil. O maestro Lü Jia dirige a Orquestra de Macau e o elenco que canta esta ópera em quatro actos de Mozart.

*6 a 8 Novembro, Grande Auditório Centro Cultural de Macau*





## Mariza - “Terra”

**Começou** a cantar no restaurante dos pais e foi aí que Mariza acabou por ser descoberta por um produtor. Em 2001 com o álbum “Fado em Mim” tornava-se um êxito de vendas em Portugal e no estrangeiro. Seguiram-se vários prémios e álbuns, entre eles “Transparente”, nomeado em 2005 para um *Grammy*, distinções essas que a estabeleceram definitivamente como a legítima herdeira de Amália, e a nova embaixadora da canção portuguesa.

Agora em Macau, Mariza apresenta o seu último trabalho, Terra. Um álbum que marca o começo de um novo ciclo que nasceu da junção de várias culturas. Este último trabalho contou não só com a colaboração de várias estrelas da “world music”, como junta à sua interpretação do fado pitadas de flamenco, das “mornas” cabo-verdianas, folclore português e jazz.

Mariza nasceu em Moçambique anos, mas vive em Portugal desde os três. Foi na Mouraria, típico bairro lisboeta, que contactou com o Fado.

**5 de Setembro,**  
**Grande Auditório,**  
**Centro Cultural de Macau**



## Série de Teatro da Caixa Negra

**Consistindo** num palco simples e despido de adereços – normalmente uma sala quadrada grande com paredes pretas e chão liso -, o teatro da caixa negra centra-se nas histórias e nas actuações, ao invés de elementos técnicos.

Este tipo de teatro desenvolveu-se principalmente nos anos 1960 e 1970, altura em que o teatro experimental de baixo custo estava muito em moda.

Na estreia em 2008 da Série de Teatro da Caixa Negra, seis produções teatrais de grupos locais e estrangeiros estiveram em cena no Centro Cultural de Macau durante uma semana. Agora, promete outra dose de acção em palco graças a novas peças de grupos de Macau, e de novos convidados estrangeiros.

**21 de Setembro,**  
**Pequeno Auditório,**  
**Centro Cultural de Macau**



## “O Restaurante do Topo”

**Apresentado** pela primeira vez na China em 1988, e com elogios da crítica em vários países, esta peça deliciosa já subiu à cena mais de 400 vezes.

A acção desta história levada a palco pelo Teatro do Povo decorre num famoso restaurante de pato à Pequim: o proprietário está prestes a reformar-se, e os seus filhos, sempre zangados, são incapazes de assumirem a liderança e gestão do estabelecimento.

O pai encontra alguém de fora com o perfil ideal – talentoso, incisivo, e capaz de lidar com os problemas do restaurante. Entretanto, uma década passa, e o prestígio e capital do negócio vai aumentando, mas agora os dois irmãos querem uma fatia do bolo... Fundado em 1952, o Teatro do Povo de Pequim é um dos mais prestigiosos grupos dramáticos da China.

*13 a 15 de Novembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



## Um Musical Original Criado em Macau Ganha Vida

“Um Musical Original Ganha Vida” é o nome do Projecto Residente de Arte do Centro Cultural de Macau que está a conceber um musical feito em Macau. Desde 2007, estes artistas têm participado em vários *workshops* e actividades conduzidas por profissionais estrangeiros: começaram com as noções básicas dos musicais, aprendendo tudo sobre este género de teatro e depois passaram à música, à dança e à representação. Agora, o projecto de três anos chega à sua fase final, focando-se no processo criativo, na produção e estreia do musical no palco do CCM.

*26 e 27 de Dezembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



## Ballet Nacional de Espanha



**O Ballet** Nacional de Espanha apresenta duas peças da autoria de José Antonio, director artístico do grupo. Depois de “Aires y Corte”, “La Leyenda” invoca o temperamento de uma das estrelas do flamenco - Carmen Amaya.

Um espectáculo que conta com mais de 40 bailarinos em palco a sapatearem e a arquearem os braços ao som de uma banda ao vivo.

A homenagem atinge o ponto culminante com o dueto feminino final: uma das bailarinas enverga um vestido preto, e a outra um vestido branco com uma cauda de quatro metros.

No decurso das suas três décadas de existência, o BNE tem actuado pelos quatro cantos do mundo, ao mesmo tempo que continua a prosperar como guardião do tesouro artístico mais precioso da cultura espanhola - o flamenco.

*25 e 26 de Novembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*

## Colecção de Arte do MAM

**São mais de cem** obras de Macau, entre aguarela, pintura chinesa, gravura e pintura contemporânea. Parte destes trabalhos foram seleccionados a partir de um conjunto de 300 obras que estiveram patentes na exposição "Confluência: Colecção do Museu de Arte de Macau", em Pequim, no Museu Nacional de Arte da China, no passado mês de Março. Esta escolha pretende ilustrar a evolução de Macau na paisagem natural e cultural mas também ser uma síntese da história da arte de Macau, nos últimos 60 anos.

Em exposição estão trabalhos diversos, desde obras do pintor britânico, George Chinnery, de 1825, às representações de Macau dos anos 40, até aos nossos dias.

Esta exposição é também uma mostra de como a modernização impulsionou novas concepções e ímpetus criativos.

**Até 3 de Janeiro de 2010,**  
Museu de Arte de Macau



# EXPOSIÇÕES



## O Bairro de Macau

fotografias documentais  
por Chan Hin Io

Chan Hin Io começou esta aventura em 2005. Com a sua câmara, o fotógrafo, foi em busca de pormenores do quotidiano de Macau com o objectivo de reflectir o actual momento das indústrias tradicionais e das condições de vida da população. Mais do que o crescimento económico, na sequência da abertura de dezenas de casinos em Macau, pretende-se com esta mostra descobrir ou redescobrir um Macau antigo e “aquele” charme enquanto pequena cidade histórica.

Constituída por um total de 80 fotografias, a exposição pretende mostrar a evolução de Macau nos últimos anos, através do olhar de Chan Hin Io.

**Até 4 de Outubro,**  
**Museu de Arte de Macau**

## Infância revisitada

exibição de arte  
de crianças

*De pequenino se torce o pepino, já diz o velho ditado português. E esta exposição mostra que os mais pequenos também são grandes artistas.*

No total, vão estar em exposição trabalhos de mais de uma centena de crianças, criados durante os cursos de arte organizados para os mais pequenos pelo Museu de Macau. Algumas das obras são interactivas e proporcionam ao visitante a possibilidade de regresso à infância, desde o desenho à criação de máscaras de ópera chinesa e *graffiti*. Esta exposição de criações plásticas infantis teve ainda direito a actividades especiais a propósito do Dia Internacional da Criança, que decorreram nos dias 30 e 31 de Maio.

**Até 27 de Setembro,**  
**Museu de arte de Macau**



## Reminiscências Fotografias de Macau Antigo

**A exposição** apresenta 50 Fotografias de Macau de 1920 a 1960. As fotos antigas desta exposição são da autoria de José Neves Catela, um fotógrafo português

de meados do século passado, bem como de outros fotógrafos experientes como Lei Lok Tin. Uma forma de compreender as mudanças drásticas que ocorreram na cidade, onde as gerações vivem lado a lado. Se para os mais velhos esta exposição é uma forma de reviver o passado e os tempos da juventude, para os mais novos é uma forma de conhecer

## Pinturas Históricas de Macau no século XIX

**Macau foi** a primeira cidade localizada na costa chinesa a conhecer a arte europeia. Um largo número de pintores ocidentais aportou aqui entre os séculos XVIII e XIX, contribuindo para o registo das formas de vida e das paisagens locais, bem como das regiões vizinhas. A mostra apresenta 74 pinturas históricas da colecção do Museu de Arte, incluindo obras de artistas chineses e ocidentais como George Chinnery, Auguste Borget, Marciano António Baptista, Thomas Watson e Lamqua. A mostra pretende servir de retrato visual de um território calmo e sereno ao mesmo tempo que, do outro lado da fronteira, se viviam dias conturbados. Nas obras expostas são perceptíveis as influências mútuas de artistas como Chinnery e Lamqua, pseudónimo de Kwan Kiu Cheong.

**Até 14 de Fevereiro de 2010, Museu de Arte de Macau**



um passado que já só existes nas memórias.

Para o director do Museu, Chan Hou Seng, estas imagens “permitem reviver de forma visual e mental a beleza não sofisticada do Macau antigo, como numa história sem palavras”.

**Até 31 de Dezembro,  
Museu de Arte de Macau**



## **Divergências** Exibições de Macau, China

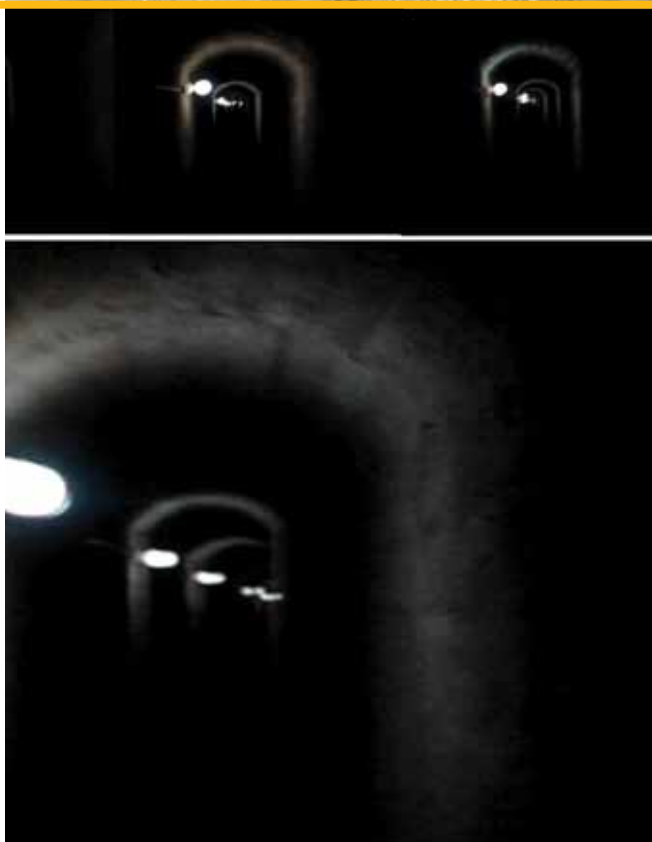
**As três** obras que representam Macau na Bienal de Veneza já estão em Itália, depois de terem estado expostas no Museu de Arte de Macau.

Das obras que representam Macau destaque para “Eurasia Airways Limited” de João Ó que consiste num anúncio de uma companhia aérea com tarifas de baixo custo fictícia que liga Macau a Veneza.

Já em “Espaço em Mutação”, Bonnie Leong Mou Cheng e Kitty Leung Mou Kit apresentam um painel com uma paisagem a preto e branco, repleta de ornamentos.

No “Túnel Intemporal” de Lee Yee Kee, a instalação “coloca-nos numa espécie de agitação, desespero e contradição, tal como se encontra a complicada, divergente e imprevisível sociedade dos nossos dias”.

**Até 22 de Novembro, Scoletta di San Giovanni Battista e del SS. Sacramento Campo Bandiera e Moro, Veneza**



## **Fausto Sampaio Viagens no Oriente**

**Trata-se** de uma mostra de cerca de 60 obras do pintor português Fausto Sampaio (1893-1956), executadas na Índia, Macau, Timor e Macassar. Artista do período naturalista, de transição para o modernismo, a obra de Fausto Sampaio revela o conhecimento e admiração pelo Oriente, o que o levou também a aderir ao “orientalismo”, característico da pintura da sua época. As suas obras, fruto da vivência nas terras por onde viajou, como Goa, Diu, Damão ou Timor, mas também daquelas em que viveu, como Macau, exprimem a atmosfera, os contrastes, a paisagem, a luz, as figuras e as formas próprias de cada uma. Fausto Sampaio foi um impressionista de grande versatilidade e um paisagista nato; realizou obras únicas em que a rápida pincelada e a extrema facilidade de manejar a espátula, lhe permitiram captar a impressão dos momentos que viveu, instantes quase palpáveis, fazendo-os perdurar para sempre.

**Até 27 de Setembro, Museu do Oriente, Lisboa**

## Xinti Sara Tavares

**Este é** o quarto trabalho da carreira de Sara Tavares em que a artista tenta mais uma vez recuperar as suas raízes cabo-verdianas e misturar os ritmos de Cabo Verde com o “mainstream”. O título do disco leva-nos a essas raízes: “xinti”, que em crioulo significa sentir e perceber. Em Xinti Sara Tavares balho faz um convite à serenidade, e ao optimismo de uma música que bebe com igual prazer o suco de raízes africanas e europeias. “Xinti” fala-nos desse encontro.

Este trabalho de Sara Tavares foi igualmente editado em países como a Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Os temas da cantora e compositora são de raízes africanas e europeias.



## Ruas M

**É o nono** álbum da cantora e compositora Sara Tavares com Lisboa no horizonte. Um duplo álbum constituído pelos CD *Lisboarium* e *Tourists*.

Para Mísia, *Lisboarium* nasceu em Paris, como “uma viagem onírica pelas ruas de Lisboa, pelas suas vizinhanças e pela sua música, não só pelo fado mas também pelas marchas e pela morna”.

Já *Tourists* é “como um encontro entre artistas de outras ruas do mundo, de outras culturas, mas com alma fadista”, dizendo que muitos deles, se tivessem nascido em Portugal, cantaríamos fado.

Se no primeiro CD surgem temas originais assinados por Rosa de Lobato Faria, Vasco Graça Moura ou Paulo José Miranda; no segundo Mísia apresenta 11 temas cantados em italiano, espanhol, inglês, francês, turco, japonês e em português.

**Universal Music Portugal, S. A., 2009**



# Lisboecos



## Tasca Beat

### O Sonho Português

#### OqueStrada

**Este é** o primeiro álbum dos OqueStrada e que representa o culminar de sete anos a viajar pelos caminhos de Portugal, e fora do país, em diversos concertos. Desde 2002 que a banda tem levado um pouco da sua música a lugares distintos como Macau, Sérvia, ou a Espanha, mas nunca se tinha dedicado a compilá-las num disco. Este trabalho remete para as origens do grupo e as suas múltiplas passagens por tascas, arraiais e salas, ao longo de sete anos de existência dos OqueStrada. Segundo o vocalista do grupo, trata-se de “uma espécie de discoteca acústica e caseira para fazer dançar o mundo com o espírito do fado e o balanço dos bailes de verão”.

A banda, oriunda de Alameda, mistura fado, funaná, música popular portuguesa e jazz, que as vivências dos membros do grupo. **Entertainment**



**Amália Hoje**  
Hoje

**Amália Hoje** surge no ano do décimo aniversário da morte da fadista e o objectivo é homenagear Amália Rodrigues e reinventar alguns dos seus mais famosos fados, embrulhando-os em sonoridades pop. Nuno Gonçalves, membro dos *The Gift*, lidera este projecto que contou com as vozes de Sónia Tavares (também ela dos *The Gift*), Paulo Praça e de Fernando Ribeiro (vocalista dos *Moonspell*). Tratam-se de interpretações que fogem muitas vezes do registo a que os músicos habituaram o público, mas que também não se aproximam do fado.

Exemplo disso podem ser as interpretações de Fernando Ribeiro, improvável fadista e vocalista dos *Moonspell*.

**La Folie/Valentim de Carvalho, 2009**



## O pequeno burguês Martinho da Vila

“O pequeno burguês” foi gravado em 2008 em espetáculos realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos quais Martinho da Vila vai desenrolando o percurso da sua vida, cantando temas antigos que foram seus êxitos

“O Pequeno Burguês” é um álbum acústico que relembra o estilo de um samba mais natural como nos inícios da vida artística de Martinho, e cujo repertório é composto pelos maiores sucessos do sambista. São um total de 14 temas que agrupam muitas das histórias e canções que fazem os quarenta anos de carreira de Martinho da Vila, mas também um inédito - Filosofia de Vida - que contou com a participação de Marcelinho Moreira e Fred Camacho.

**JBJ, 2009**



## Stória, Stória Mayra Andrade

Um trabalho que conta com vários estilos musicais de Cabo Verde a que se juntam elementos de música jazz, brasileira e cubana. Mayra Andrade é a autora de três letras e músicas, do qual também fazem parte composições originais de compositores cabo-verdianos como Nitu Lima, Djoy Amado ou Kim Alves.

Desde os temas ritmados e alegres como *Tchapu Na Bandera* e *Badiu Si* até à balada *Morena, Menina Linda*, cujos arranjos de cordas ficaram a cargo de Jaques Morelenbaum, o álbum traz originalidade com algumas novidades na música cabo-verdiana.

Stória, Stória foi gravado no Brasil, em França e em Cuba e surge três anos depois de “Navega”, álbum que assinalou a auspiciosa estreia discográfica da cantora cabo-verdiana.

**Sony Music Entertainment Portugal, 2009**



## Mãe

### Rodrigo Leão

**Rodrigo Leão** voltou a estúdio para gravar o nono disco da sua carreira e que conta com participações especiais de Neil Hannon (*Divine Comedy*), Stuart Staples (*Tindersticks*) e ainda o cantor de tango argentino Melingo.

Neste álbum, que demorou quase dois anos a concluir, apresenta uma música em russo. Chama-se “*Ya skaju tebe*” e segundo Rodrigo Leão, tinha sido composta para o Café dos Emigrantes do documentário “Portugal retrato social”, de António Barreto, e “depois lembrámo-nos de cantá-la em russo”. O disco, Mãe, é assim chamado em homenagem “ao mais puro dos amores”, no caso particular do músico, à sua mãe que faleceu recentemente.

Rodrigo Leão conta com mais de vinte anos de carreira, iniciada como baixista dos Sétima Legião, que tomou rumo a solo com o álbum ‘Ave Mundi Luminar’ (1993).

**Sony Music Entertainment Portugal, 2009**



## Amanhã

### Táxi

**Quando** começaram, em 1979, ainda sob a síndrome efervescente do 25 de Abril, os táxis eram pretos e verde alface, a bandeirada devia rondar os cinco escudos e 99 por cento dos taxistas ostentava um orgulhoso e farfalhado bigode que roçava amiúde com o galhardete a pender do retrovisor. Os tempos mudaram. Portugal também mudou a banda *Táxi* quer ser o ícone dessa mudança.

Duas décadas depois de êxitos como Chiclete e Cairo, os *Táxi* de João Grande (voz), Henrique Oliveira (guitarra), Rui Taborda (baixo) e Rodrigo Freitas (bateria) estão de volta e querem conquistar as novas gerações. Com o álbum *Amanhã os Táxi* puseram um ponto final nos 22 anos de afastamento do grupo dos estúdios.

O último disco lançado pela banda portuense - *The Night* - data de 1987.

**Vidisco, COM. e Indústria do Som, SA, 2009**





## Poemas de Han Shan

António Graça de Abreu  
(tradução)

HAN SHAN é uma figura ímpar na literatura da Dinastia Tang. Viveu parte da vida na montanha, que é, aliás, o significado do seu nome, e desligou-se do mundo, chegando mesmo a optar por apenas comunicar com o mundo através de um templo, onde o seu amigo Shi De era cozinheiro.

No prefácio da obra, António Graça de Abreu, escreve que Han Shan é por vezes contraditório e desarmante e que “ninguém sabe quem foi. Quando alguém o via, considerava-o um doido, um pobre diabo. Vivía retirado na montanha Tiantai, sete léguas a oeste do distrito de Tangxing, num lugar chamado Han Shan (Montanha Fria), entre rochas e falésias. Daí descia frequentemente para o templo de Guoqing, ao encontro do seu amigo Shi De, encarregado da limpeza da cozinha do mosteiro que lhe guardava restos de comida em malgas feitas com cana de bambu.”

COD, Macau, 2009

## Mitos e Lendas da Terra do Dragão

Wang Suoying e  
Ana Cristina Alves



NA SEQUÊNCIA de Contos da Terra do Dragão, publicado em 2000, as autoras oferecem agora ao público esta obra, que conta algumas das lendas e dos mitos mais conhecidos entre os chineses.

Os textos retratam a mitologia chinesa das “narrativas sobre seres divinos e espíritos” mais abrangente, mas também os mitos de criação do Universo e dos seus seres, façanhas de fundadores, inventores e heróis, feitos de guerra e combates a desastres naturais como o dilúvio.

Wang Suoying é natural de Xangai e Mestre em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa. Trabalhou em Xangai, Macau e Lisboa, leccionando a

língua portuguesa e a língua chinesa. Já Ana Cristina Alves tem-se dedicado ao estudo da Filosofia, Cultura e Língua chinesas. Caminho, Lisboa, 2009

## Mar das Especiarias – a viagem de um português pela Indonésia

Joaquim Magalhães de Castro



“QUANDO, em 1511, Francisco Serrão e António Abreu aportaram nas ilhas a que dariam o nome de Molucas, ignoravam certamente o peso da herança que ali iriam deixar para as gerações vindouras”.

Cerca de 500 anos depois de os portugueses terem chegado à Indonésia, Joaquim Magalhães de Castro percorreu quase sete mil quilómetros de ilhas e água

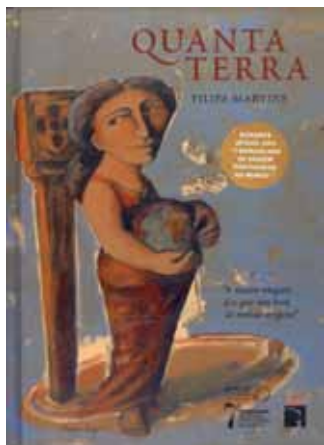
salgada para reencontrar o legado deixado entre os séculos XVI e XVII.

Além das fotografias, esta obra inclui ainda depoimentos e entrevistas recolhidas pelo autor, também investigador de História da Expansão Portuguesa.

Este é o terceiro livro com a assinatura de Joaquim Magalhães de Castro, com prefácio da eurodeputada e ex-embaixadora de Portugal em Jacarta, Ana Gomes. O autor, em 2001, publicou “Bayingyis do vale do Mu – luso-descendentes da Birmânia”, a que se seguiu, em 2004, “A maravilha do Outro – no rasto de Fernão Mendes Pinto”. *Presença, Lisboa, 2009*

## Quanta Terra

Filipa Martins



**INSPIRADO** no projecto “Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo”, a obra aborda vários monumentos de origem lusa um pouco por todo o mundo, como Macau, a “Cidade Velha”, em Cabo Verde, Malaca, a fortaleza de Ormuz, a

Ilha de Moçambique, Olanda (Brasil), e Goa.

O romance conta “o desembarque de Martim Afonso de Sousa no Brasil, que com a índia Portira deu à luz uma menina que não envelhece”.

Soma-se ainda a história de como “o grumete Caga-Chumbo fugiu de uma preta gorda na Ribeira Grande, em Cabo Verde, e como os portugueses conquistaram Malaca.

Para a autora, o livro é “uma fantasia sobre os feitos dos portugueses do Oriente ao Novo Mundo, não tão grandiosa como a realidade”.

*Editora Guimarães, Lisboa, 2009*

## O Planalto e a Estepe

Pepetela



O **AUTOR** angolano, neste novo romance, centra-se em Moscovo, nos anos 60 do século XX. Na capital soviética nasce um amor proibido entre um estudante angolano e uma jovem mongol, em pleno momento de lutas revolucionárias. Este romance é baseado

em factos verídicos, a que Pepetela adiciona a sua imaginação da arte de ficcionar, pretende funcionar como uma prova do triunfo do amor contra todas as vontades e fronteiras.

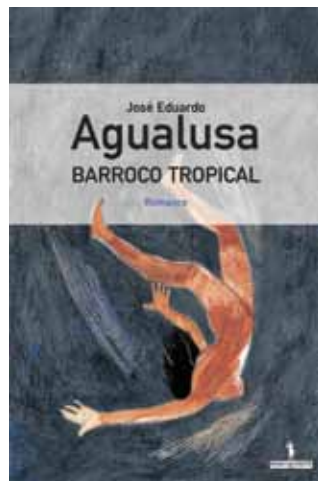
A história de Pepetela põe em evidência a vacuidade de discursos ideológicos e palavras de ordem, que se revelam sem relação com a prática.

Política internacional, guerra, solidariedade e amor, numa rota que liga um ponto perdido de África a outro da Ásia, passando pela Europa e até por Cuba.

*D. Quixote, Lisboa, 2009*

## Barroco Tropical

José Eduardo Agualusa



**UMA MULHER** cai do céu durante uma tempestade tropical. As únicas testemunhas do acontecimento são Bartolomeu Falcato, escritor e cineasta, e a sua amante, Kianda, cantora com uma carreira internacional de grande sucesso. Bartolomeu esforça-se por desvendar o

mistério enquanto ao seu redor tudo parece ruir. Depressa compreende que ele será a próxima vítima. Um traficante de armas em busca do poder total, um curandeiro ambicioso, um antigo terrorista das Brigadas Vermelhas, um ex-sapador cego, que esconde a ausência de rosto atrás de uma máscara do Rato Mickey, um jovem pintor autista, um anjo negro (ou a sua sombra) e dezenas de outros personagens cruzam-se com Bartolomeu, entre um crepúsculo e o seguinte, nas ruas de uma cidade em convulsão: Luanda, 2020.

*Dom Quixote, Lisboa, 2009*

## Leite Derramado

*Chico Buarque*



DEITADO na cama do hospital, um homem de cem anos revê o filme da sua vida. Fala com a filha, com as enfermeiras, com quem o quiser ouvir e vai contando a história da sua família - desde os antepassados portugueses, passando pelo Império e pela ditadura, até à actu-

alidade. A saga de uma família em decadência social e económica, assinada por Chico Buarque no seu mais recente livro.

Esta é a quarta obra de ficção do compositor brasileiro Chico Buarque que, actualmente com 65 anos, sempre mostrou que gostaria que a sua escrita fosse mais além da poesia das canções. Além de peças de teatro Chico Buarque publicou também a novela Fazenda Modelo (1975) e os romances Estorvo (1991), Benjamim (1995) e Budapeste (2003). Mas só com Budapeste o seu talento foi reconhecido - pela crítica e pelo público. *Companhia das Letras, Brasil, 2009*

## Angola, Terra prometida. A vida que os portugueses deixaram

*Ana Sofia Fonseca*



A VISTA tranquila da baía de Luanda, os banhos de mar quente, as mangas maduras, a Cuca gelada, as lagostas frescas, o cinema, os gelados do Baleizão. O cheiro da terra encarnada, os bailes e as grandes festas. As caçadas no mato,

as amizades férreas... Os melhores anos da vida dos muitos portugueses que, em Angola, encontraram uma terra quente e generosa. O cenário perfeito para uma vida feita de pequenos e inesquecíveis prazeres. Nos anos 50, milhares de portugueses embarcaram rumo à terra das oportunidades, em busca de melhor sorte. Por lá fizeram vida e enraizaram destino. Longe de uma metrópole esmagada pela ditadura salazarista, saborearam a euforia do crescimento económico e de outra liberdade. A independência ditou o fim do seu mundo.

*A Esfera dos Livros, Lisboa, 2009*

## Nuno Barreto, A galeria imaginária

*Fernando António Baptista Pereira (coordenação)*

UMA OBRA que reúne um conjunto de obras do pintor Nuno Barreto e que deriva do CD-ROM Galeria Imaginária que o pintor concebeu.

Este livro pretende não só apresentar a obra mas também o Homem, a partir de uma série de testemunhos, entre eles de António Barreto, Boaventura Sousa Santos ou Paulo Taipa.

O trabalho do pintor é ainda alvo de um enquadramento para ajudar a compreender melhor a sua obra e os diversos contextos que atravessaram.

Nuno Barreto (1941-2009) foi o fundador da Academia de Artes Visuais de Macau e já em Portugal, onde regressou em



2005, repartia a pintura com as aulas na Escola de Belas Artes do Porto.

*Fundação Oriente, Lisboa, 2007*

### **Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico**

*Vários*

HOJE Museu do Oriente. Antes, nos anos 40, Armazéns Frigoríficos do Porto de Lisboa, destinado à armazenagem de bacalhau.

É a história de um Museu que tem como mote apresentar ao público colecções cujo tema comum é o Oriente e acervo foi adquirido ao longo de 20 anos a particulares e a instituições. O projecto para o novo edifício ficou a cargo dos arquitectos Carrilho da Graça e Rui Francisco. Nesta obra pode conhecer melhor o passado e o presente do novo espaço, classificado como Património Municipal. O Museu do Oriente abriu portas no ano passado e localiza-se na Avenida de Brasília, em Alcântara, numa área sob tutela da Administração do Porto de Lisboa.

*Fundação Oriente,*

*Lisboa, 2008*

### **Deuses da Ásia**

*João Calvão*

*(coordenação geral)*

TRATA-SE de um livro que resulta de uma exposição patente no Museu do Oriente que teve como principal objectivo revelar determinados aspectos da arte religiosa da Ásia. Em relevo estão as semelhan-

ças e as diferenças entre as várias religiões asiáticas e também as inevitáveis comparações com as religiões cristãs.

Esta mostra pretende ilustrar, sobretudo a um nível popular, determinadas características das grandes religiões do continente asiático: o hinduísmo, o budismo, o taoísmo ou o shintô.

Uma obra que nos leva até países diversos como a Indonésia, Myanmar, China ou Japão.

*Fundação Oriente,*

*Lisboa, 2008*

### **Máscaras da Ásia**

*João Calvão*

*(coordenação geral)*

A COLECÇÃO Kwok On da Fundação Oriente tem mais de quinhentas máscaras, e permitiu organizar em 2007, na abadia de Daoulas, na Bretanha, a primeira exposição de máscara asiáticas no ocidente. Esta obra mostra a diversidade das máscaras asiáticas, com exemplares da China, Coreia, Índia, Indonésia, Japão, Sri Lanka, Tailândia e Tibete. Os materiais utilizados são muito diversificados, entre os quais madeira, *papier mâché*, tecido, metal. Muitas são em três dimensões como as mais conhecidas máscaras chinesas, algumas mesmo inteiras (como capacetes), outras são "espalmadas", como, por exemplo, as tibetanas. Utilizadas em rituais ou em peças de teatro, a função das máscaras é a de representar um ser divino ou demoníaco, não huma-

no, animal ou mesmo um tipo social.

*Fundação Oriente,*

*Lisboa, 2008*

### **Uma amiga como Shiva**

*Marta Curto*



É UMA história ficcionada que tem como base uma situação real. Daniel tem apenas seis anos quando fica doente: "Não havia razão para Daniel ter um cancro. A explicação não estava nos livros, não estava nas palavras de ninguém. Existia e matava."

Daniel acabou por deixar a escola para ter de se submeter a tratamentos que lhe salvariam a vida. Mas é Shiva que lhe dá a maior alegria. É na cadela que o menino encontra uma amiga fiel e pela qual volta a gostar da vida.

Marta Curto nasceu em 1978, tirou o curso de Comunicação e começou a trabalhar como jornalista aos 21 anos. Em 2002 recebeu o prémio Gazeta Revelação, pelo Clube de Jornalistas.

*Livros d'Hoje, Lisboa, 2008*

Foto: António Mil-Homens



**Mestre de Capoeira, Eddy Murphy nasceu no Brasil mas já percorreu meio mundo. Chegou a Hong Kong em 2002 e mudou-se para a China Interior. Agora em Macau, há cerca de cinco meses, ensina capoeira no Universal Yoga e pretende reunir capoeiristas de todo o mundo na RAEM**

**O que significa ser Mestre?**

Sou o único Mestre da China e para o ser é preciso ter no mínimo 20 anos de prática e ter mais de 30 anos de idade. É necessário desenvolver um bom trabalho neste desporto e tornar-se conceituado entre os Mestres mais antigos.

**Como começou a praticar capoeira?**

Eu nasci com seis meses e meio. Até aos oito anos tive problemas de desenvolvimento: era muito magro e muito “baixinho”. A minha mãe levou-me a médicos e nada resultava. Aos nove anos comecei a praticar capoeira e isso ajudou-me muito física e mentalmente. Perdi os meus pais cedo e a capoeira adoptou-me. O homem que sou hoje devo-o a este desporto.

**E encontrou-se na capoeira?**

A capoeira é a arte do mais fraco ganhar ao mais forte. E era tudo o que eu precisava, além de ter sido cativado pelas acrobacias e pela música. Até porque tudo no Brasil é batuque e a gente gosta é de festa. Na capoeira há tudo: hierarquia, disciplina, e fazemos amigos.

Ensinar capoeira é dar continuidade ao trabalho feito pelos pais, como um complemento ao que se aprende em casa. É também uma forma de se manter longe de vícios como o tabaco, a droga ou o álcool. Eu através da capoeira ensino corpo e mente.

**Fala de cuidar da mente. Há um lado espiritual na Capoeira?**

Algumas pessoas descriminam a capoeira por essa vertente. A capoeira foi criada pela necessidade de liberdade de um povo escravizado: os negros cuja religião era o candomblé. Há 300 anos eles benziam-se antes de praticar. É como no judo. Qualquer judoca antes de praticar ajoelhava-se perante o Buda e orava. O capoeirista também o fazia. Era a uma arte marcial de um povo com uma religião. Mas a capoeira Angola é a que está hoje mais ligada à religião. Eu pratico a capoeira regional contemporânea.

**Como é ensinar capoeira a asiáticos?**

Eu acredito que a capoeira é para todos e todos são para a capoeira. Os asiáticos são muito dedicados e quando realmente querem, conseguem. Começam sem ritmo, mas depois de algum treino rapidamente se tornam muito bons! Pela experiência de quatro anos na China confesso que é um pouco difícil. Aliás tudo o que é novo é difícil, até porque o país só recentemente se abriu ao mundo. Quando nos vêm estranham: damos umas “pernadas” e dançamos e eles aí já não entendem mesmo nada: “será dança? Será luta?”.

Temos de explicar que a capoeira é um desporto, uma luta, arte e dança e dentro dela cada um se pode encontrar. Não é preciso ser um lutador ou um músico.

**Já ganhou alguns prémios?**

Nos anos 90 ganhei o primeiro lugar no “vale tudo”, uma luta em que vale tudo literalmente. Recebi também alguns títulos pelos trabalhos sociais realizados em São Paulo, onde cresci, e onde procurei apresentar a capoeira aos mais desfavorecidos. No princípio era um desporto barato e desenvolvi projectos nas favelas também para ajudar os jovens a trocar a droga pelo desporto. Acredito que a capoeira se pode tornar um desporto olímpico dentro de cerca de dez anos.

**Quais os projectos para o futuro?**

Para o final deste ano ou princípio do próximo estou a tentar organizar um encontro de capoeira em Macau, com o objectivo de reunir aqui capoeirista de todo o mundo. É também uma forma de preservar e mostrar a cultura brasileira.





edição de Junho

## Onde pode encontrar a Revista MACAU

### PORTUGAL

#### Lisboa

#### Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,  
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

#### Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

#### Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c  
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

### Porto

#### Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2  
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

### Aveiro

#### Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62  
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

### MACAU

#### Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22  
Tel: +(853) 2856 6442

#### Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"  
Tel: +(853) 2832 3957

#### Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de  
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,  
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau  
email: [contacto@revistamacau.com](mailto:contacto@revistamacau.com) Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... Fax: .....

E-mail: .....

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD 13.00



delta edições

Não inclui portes de correio. Vendas online em [www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp](http://www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp)

# Register Now



第十四屆澳門國際貿易投資展覽會  
14<sup>th</sup> FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU  
14<sup>th</sup> MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

22-25/10/2009

The Venetian Macao-Resort-Hotel

## Diversity - Key To Extending A Decade Of Prosperity



☎ (853) 2882 8711  
[www.mif.com.mo](http://www.mif.com.mo)

Please visit our website for details.

**Free Business Matching Service**  
**Infinite Business Opportunities**  
**Online Business Matching Service Platform**  
**Designated Personnel At Your Service**

Please call our service hotline at tel: +853 2872 8328;  
fax: +853 2872 7506; email: [matching@ipim.gov.mo](mailto:matching@ipim.gov.mo),  
or visit our business matching website at:  
<http://bm.ipim.gov.mo> for registration and find the  
latest business matching opportunities.

Organiser



澳門貿易投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute

Co-located with



亞洲美食佳釀暨酒店及餐飲設備展  
Wine and Gourmet Asia (WGA)  
[www.wineandgourmetasia.com](http://www.wineandgourmetasia.com)



Co-organisers



澳門中華總商會  
MACAO CHAMBER OF COMMERCE



澳門工業總商會  
INDUSTRIAL ASSOCIATION OF MACAU



澳門出入口總商會  
MACAO SMALL AND MEDIUM ENTERPRISES ASSOCIATION



澳門社團總商會  
ASSOCIATION OF KINHOOD AND SPONSORING BROTHERHOOD OF MACAU



澳門有線人協會  
MACAO SKIPPERS' ASSOCIATION



香港中華總商會  
ASSOCIATION OF HONG KONG

Coordinators



澳門貿易投資促進局



亞洲美食佳釀暨酒店及餐飲設備展



澳門廣告協會  
ASSOCIATION OF ADVERTISING AGENTS OF MACAU



澳門零售總會  
THE MACAO ASSOCIATION OF SHOPS



澳門建築業發展商會  
MACAO ASSOCIATION OF BUILDING CONTRACTORS AND DEVELOPERS



澳門中小企業總商會  
MEDIUM ENTERPRISES ASSOCIATION



澳門中區企業協會  
ENTERPRISES ASSOCIATION



澳門貿易投資促進局  
SOCIETY OF TRADE AND INVESTMENT PROMOTION



香港中華總商會  
ASSOCIATION OF HONG KONG





# INSTITUTO INTER-UNIVERSITÁRIO DE MACAU

# IIUM

## Taking you places

LICENCIATURAS

### LICENCIATURAS

**SCHOOL OF INTELLIGENT SYSTEMS & TECHNOLOGY**

- DESIGN
- INFORMATION SYSTEMS
- COMMUNICATIONS & MEDIA
- BUSINESS TECHNOLOGY MANAGEMENT

**SCHOOL OF ARTS, LETTERS & SCIENCES**

- PHILOSOPHY
- GLOBAL & ENVIRONMENTAL DEVELOPMENT
- PSYCHOLOGY

**SCHOOL OF CHRISTIAN STUDIES**

- CHRISTIAN STUDIES

**SCHOOL OF MANAGEMENT, LEADERSHIP & GOVERNMENT**

- BUSINESS ADMINISTRATION
- GOVERNMENT STUDIES
- SOCIAL WORK

**PRE-UNIVERSITY**

Língua  
**Chinesa**  
para Estrangeiros

by oxiusdesign.com 2009

### CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

**DOCTORAL DEGREES / DOUTORAMENTOS**

- HISTORY
- BUSINESS ADMINISTRATION
- INFORMATION SYSTEMS
- EDUCATION
- RELIGIOUS STUDIES
- SCIENCE
- PSYCHOLOGY
- GLOBAL STUDIES
- GOVERNMENT STUDIES

**MASTER DEGREES / MESTRADOS**

- DESIGN
- HISTORY & HERITAGE STUDIES
- RELIGIOUS STUDIES
- COUNSELING & PSYCHOTHERAPY
- LUSOPHONE STUDIES
- GOVERNMENT STUDIES
- LATIN-AMERICAN STUDIES
- WOMEN'S STUDIES
- CHINA-EUROPE COMPARATIVE STUDIES
- TRANSACTIONAL INTERACTIVE MULTIMEDIA
- EDUCATION
- INTERACTIVE EDUCATIONAL TECHNOLOGY
- INFORMATION TECHNOLOGY
- VIRTUAL ENVIRONMENT DESIGN
- SOCIAL PSYCHOLOGY
- CLINICAL SOCIAL WORK

Todos os **diplomas** são outorgados simultaneamente pelo IIUM e a Universidade Católica de Portugal

T +853 8796 4455  
+853 8796 4466

admission@iium.edu.mo

www.iium.edu.mo